



GRÁTIS UM LIVRO PARA SI COM
MISTÉRIOS POLICIAIS
Os títulos estão limitados mediante disponibilidade em banca

SÁBADO

www.sabado.pt N.º 835 - SEMANAL - 29 DE ABRIL A 6 DE MAIO DE 2020 - €3,50 (CONT.)



30 RESPOSTAS PARA REGRESSAR EM SEGURANÇA

- Cabeleireiros ● Restaurantes e bares
- Lojas de roupa ● Piscinas e ginásios ● Cinemas e discotecas ● Centros comerciais e hotéis
- Praia e futebol ● Empregadas domésticas
- Escolas, escritórios e fábricas



REPORTAGEM ESPECIAL

**AS HISTÓRIAS DOS
MORTOS DA COVID-19**

“OS IMPOSTOS VÃO SUBIR” ENTREVISTA AO EX-MINISTRO ÁLVARO SANTOS PEREIRA

60

COMO A MÁFIA GANHA COM A CRISE

No Sul de Itália, as organizações criminosas substituem-se ao Estado e dão comida e dinheiro aos mais pobres - mais tarde vão cobrar

68

O REGRESSO DO *BIG BROTHER*

Foi uma revolução na televisão: o que mudou 20 anos depois do primeiro *reality show* em Portugal?

76

TRÊS DIAS AO TELEFONE COM A ATRIZ ANA GUIOMAR: A QUARENTENA, AS PUBLICAÇÕES *ONLINE* E A CARREIRA QUE NÃO PARA



Especial



44
AS HISTÓRIAS
DOS MORTOS
DE COVID-19

RICARDO MEIRELES

A doença chegou sem aviso e obrigou a despedidas precipitadas e difíceis: Maria Alice Oliveira perdeu a mãe Josefa. Esta e mais nove histórias para ler esta semana

Portugal



PEDRO CATARINO

50
REPORTAGEM NA ASSEMBLEIA

Sem máscara, de mãos na boca e conversas cara a cara. Como os deputados quebram as regras

GPS
MÃOS À HORTA!
TRUQUES E DICAS
PARA ENTRAR NA
MODA DE CULTIVAR
LEGUMES E FRUTOS
EM QUARENTENA



Opinião



5 Bastidores	17 Octávio Ribeiro	73 Pedro Marta Santos
8 Editorial	49 António José Vilela	91 Ângela Marques
12 A Semana	59 Carlos Rodrigues Lima	106 Políciário

A Semana

- 16 Partidos** Fim dos plásticos e outras propostas afetadas pelo coronavírus
- 18 Processo** Oito jihadistas portugueses vão ser julgados em Sintra
- 19 Justiça** A semana de Carlos Alexandre - nem parou de trabalhar no 25 de Abril
- 28 Entrevista** Viúva de Carl Sagan explica o novo *Cosmos*

Destaque

34 Respostas O que vai mudar no turismo, comércio, lares, creches e muito mais

Portugal

- 54 Ensino** Propinas a mais e aulas a menos: os problemas dos estudantes
- 56 CGTP** Isabel Camarinha em entrevista dura: do 1.º de Maio aos aumentos

Dinheiro

64 Crise Álvaro Santos Pereira: o choque da pandemia será pior do que está a ser previsto e vem aí aperto do cinto

Sociedade

74 Estudo em casa Pais e avós voltaram à escola para aprender lições novas

GPS

- 92 Gourmet** Não deixe de comer peixe fresco: onde encomendar o melhor
- 95 Vinhos** Colinas do Douro, uma proposta Superior na região e na qualidade
- 96 Música** Entrevista ao vocalista dos HMB sobre o novo álbum, *Melodramático*
- 98 Cinema** *A Mentira Perfeita*, com Helen Mirren e Ian McKellen, nos videoclubes
- 100 Séries** Nuno Lopes chega à Netflix
- 102 Livros** Poesia Incompleta, a livraria que vende versos à janela e *online*
- 104 Estilo** A roupa mais confortável e bonita para enfrentar o confinamento

S www.sabado.pt
Vida

Mãe desiste do ensino à distância

Testemunho de uma trabalhadora com dois filhos pequenos

Saúde

Pedido de enfermeira sobre o novo coronavírus

"Não permitam que a ignorância se transforme na vossa ruína"



BASTIDORES

Com o fim do estado de emergência e o retomar de parte da atividade económica, nada será como antes: saiba o que vai mudar no comércio, turismo, restauração, lares, hospitais, creches e muito mais em 30 respostas concretas

B A vida como nunca foi

Nos próximos meses vamos ser confrontados com uma realidade nova e assustadora: viver com um vírus mortal no meio de nós. A vida terá de continuar com a consciência de que, até à descoberta de uma vacina, nada será como antes. Foi para o preparar para a realidade que aí vem que a redatora principal Ana Taborda e o jornalista Marco Alves reuniram 30 perguntas e respostas concretas sobre o que vai mudar. Para isso contaram com a colaboração de muitos portugueses que, no estrangeiro, já foram confrontados com essas alterações nos seus negócios e entrevistaram dezenas de responsáveis dos



PEDRO CATARINO

▲ Na Assembleia da República, a polícia pede aos jornalistas para manterem o distanciamento - mas não incomoda os deputados que não o cumprem

vários setores de atividade: do turismo aos restaurantes, das empresas aos hospitais, dos lares ao comércio. Entrevistas que, devido às contingências do teletrabalho (as crianças lá de casa), não poucas vezes se revelaram uma verdadeira aventura.

B Homenagem aos que partiram

Depois de há algumas semanas assinar o texto de capa sobre os portugueses que sobreviveram à Covid-19, a jornalista Lucília Galha entregou-se à difícil tarefa de contar as histórias de algumas das mais de 900 vítimas portuguesas da pandemia. Para isso, nas últimas semanas, ela contactou dezenas de famílias. Muitas estavam ainda, compreensivelmente, demasiado fra-



JORGE MIGUEL GONÇALVES

gilizadas para falar. Mas houve várias que encararam este trabalho como uma homenagem àqueles que perderam e de quem não puderam despedir-se. E foi assim que alguns filhos deram por si a investigar como os pais se tinham conhecido e outros que recolheram junto da família as melhores recordações da pessoa que morreu. As histórias, escritas com uma sensibilidade ímpar, estão nesta edição.

B O mau exemplo

Para perceber se os deputados cumprem as regras de distanciamento, o repórter Alexandre R. Malhado foi assistir ao último debate quinzenal com uma especial atenção aos detalhes do comportamento dos parlamentares. E o que viu? Deputados a falar a menos de meio metro, apertos de mão, palmadinhas nas costas, poucas máscaras colocadas (algumas nos bolsos) e nenhuma repreensão. Já o jornalista, que estava a coordenar-se com o fotógrafo Pedro Catarino, foi interpelado por um polícia de viseira: deviam manter a distância de segurança.

B Assistência surpreendente

Ao discutirmos como tratar o tema da telescola nesta edição, percebemos que vários dos nossos pais, confinados em casa, passavam uma boa parte do dia a assistir às aulas na televisão. Foram eles, os mais velhos de nós, que a jornalista Susana Lúcio procurou para perceber como estão a seguir os ensinamentos na TV e a aproveitar para estudar inglês ou fazer exercício.

Boa semana e mantenha-se em segurança – a si e aos outros. ■

▲ A jornalista Filipa Teixeira foi ao mercado de Matosinhos para lhe contar como pode ter peixe fresco em casa sem precisar de sair à rua

📄 Com o País em estado de emergência, se nas próximas semanas tiver problemas em comprar a sua SÁBADO saiba onde fazê-lo em www.sabado.pt

! S S
SÁBADO
investigação

Faça a sua parte. Nós tratamos do resto

Envie as suas denúncias para o nosso email: investigacao@sabado.cofina.pt



B Chefe de Redação
Nuno Tiago Pinto

A NOVA EAU DE PARFUM



GABRIELLE. A ESSÊNCIA DE UMA MULHER.

CHANEL

EDITORIAL

Se não estivermos todos juntos, seja na forma de enfrentar o vírus, seja na de fazer política e um escrutínio público do que os Governos fizeram ou não, ficaremos mais perto do precipício coletivo do que da porta de saída destes dias terríveis para o mundo



E

Diretor
Eduardo Dâmaso

As lições a tirar da pandemia

Como em todas as grandes rupturas históricas, também nesta pandemia é quase infinito o potencial de mudança que ela comporta nos domínios da política e da sociedade. A mais evidente é a grande possibilidade que aqui nasce de transformar as políticas públicas de saúde no objeto de um vasto consenso político e social, em particular a construção de serviços nacionais de saúde fortes, bem financiados e bem avaliados. A defesa do Serviço Nacional de Saúde é um património ideológico da esquerda? Historicamente, sem dúvida. Mas vão perguntar aos conservadores ingleses e à liderança de Boris Johnson o que pensam disso. O desastre inglês e o norte-americano no combate à pandemia representam verdadeiros vírus revolucionários, que se esperam benignos nesta nova estirpe. Autênticos sismos políticos, capazes de levar largas faixas das opiniões públicas destes países a pedirem políticas públicas sérias em áreas como a saúde e a educação, uma e outra alicerces centrais de valores democráticos como a igualdade de todos nas oportunidades e no respeito pela dignidade humana.

Mas num plano menos ideológico, esta crise também nos remete para a capacidade e competência da governação dos países. Uma coisa é o necessário consenso e união para enfrentar a crise sanitária no momento em que estamos no olho do furacão. Outra bem diversa seria abdicar de fazer política, dando-lhe o seu sentido mais nobre, e não escrutinar o que aconteceu nos três meses mais diabólicos das nossas vidas. E aí, o consenso emergente é que ninguém se preparou a sério para a tempestade. Pior: a Europa olhou para a expansão do vírus de forma absolutamente eurocêntrica, como sempre,

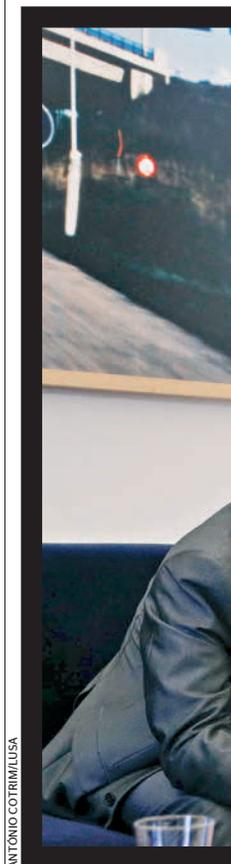
acreditando que, mais uma vez, este vírus seria um “problema chinês”, tal como já tinham sido a gripe das aves, ou um “problema africano”, como foi o ébola.

A Europa e o resto do mundo desenvolvido criaram uma incompreensível cortina sanitária, de contornos até um pouco xenófobos, aqui e ali, em relação às emergências sanitárias epidémicas, relacionando-as com a pobreza e o subdesenvolvimento do Terceiro Mundo ou diferenças culturais de outros povos. Por isso, acumulamos décadas de desinvestimento na ciência em geral e na investigação em saúde, em particular. Ou entregámo-la alegremente aos grandes blocos industriais da saúde e a mecenas como Bill Gates, repousando a consciência coletiva numa definição de prioridades políticas na matéria que quase já nem passa pela decisão dos Governos. É como se fosse um território de outros, que não os países soberanos, as suas democracias, as suas instituições e os seus povos.

A perversidade deste alheamento manifestou-se de forma implacável quando o mundo acordou com a pandemia a cobrir o céu azul que aí vinha, para mais um esplendoroso tempo de primavera e de verão. Um tempo onde só devemos viver em plena liberdade, junto de quem gostamos, no apogeu do contacto emocional e físico.

A evidência de não ter sido assegurado o abastecimento de material sanitário básico; a falta de testes de diagnóstico e de meios de proteção para os profissionais de saúde e para a população em geral; a falta de ventiladores; o ambiente do salve-se quem puder que se criou na compra destes materiais, fazendo regressar a pirataria entre países e fomentando o crime, quer através dos roubos de material, quer do terreno dado de bandeja a especuladores e açambarcadores; os desencontros dentro da União Europeia, a mostrar um inaceitável renascimento do

▼
Rui Rio criticou a propaganda governamental, mas deixou claro que está disponível para se juntar ao Governo no caso de ser necessário enfrentar um período de austeridade



ANTONIO COTRIM/LUSA

protecionismo, que não é, manifestamente, a melhor maneira de lutar contra uma pandemia; os egoísmos nacionais a roerem por dentro políticas económico-financeiras comuns para enfrentar a crise económica: tudo isto e muitas outras coisas mostraram que temos muito a aprender com esta crise. E que ou aprendemos ou morremos. Não há uma terceira via. Se não estivermos todos juntos, seja na forma de enfrentar o vírus, seja na de fazer política e um escrutínio público do que os Governos fizeram ou não, ficaremos mais perto do precipício coletivo do que da porta de saída destes dias terríveis para o mundo.

E

O caminho de Costa e Rio

Sobre a cerimónia do 25 de Abril não vale a pena perder muito tem-

po. Acabou por ser o que deveria ter sido desde o princípio. Ficaram os discursos. Marcelo Rebelo de Sousa voltou a fazer um discurso marcante. Aqui e ali muito justificativo, mas acertadamente a valorizar a celebração das datas fundacionais do País e, em primeira linha, do 25 de Abril. A definir o que é essencial e o que é efémero (a polémica peticionária), a apontar os caminhos que temos de trilhar, todos, sem exceção. Quase a abrir caminho para o imperativo categórico de uma recandidatura presidencial, cujas eleições vão disputar-se, seguramente, ainda no contexto do desafio pandémico. Aquele contexto em que os comandantes não abandonam os barcos.

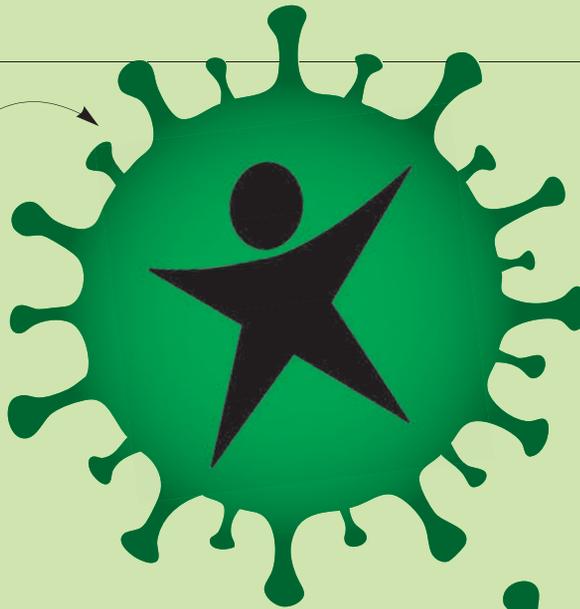
Por fim, o discurso de Rui Rio. É uma peça importante que encaixa na progressiva disponibilidade de António Costa para ir dando a mão

ao líder do PSD, como aconteceu com o IVA das máscaras. Rio criticou mas também estendeu a mão. Criticou a propaganda governamental, mas deixou claro que está disponível para se juntar ao Governo no caso de ser necessário enfrentar um período de austeridade. Alertou que mais vale “prevenir do que remediar” e que podem não adiantar grande coisa as proclamações antiausteritárias do Governo e dos seus parceiros de geringonça. Rio disse-o num tom de quem quer dar um banho de realismo ao tempo político e que está pronto para os sacrifícios que forem necessários, desde que sejam em nome da sua ideia de salvação nacional. A ideia de um Bloco Central, ou seja, a união governativa ou apenas parlamentar, que seja, do PS e PSD, não é simpática. Os dois partidos tendem sempre a uma ocupação esmagadora do Estado e a potenciar graves fenómenos de nepotismo e corrupção. Mas o Bloco Central que governou entre 1983 e 1985, liderado por Mário Soares e por Carlos Mota Pinto teve outra característica inquestionável: foi a necessária solução de estabilidade política para enfrentar um grave período de crise económica, balizado por duas intervenções brutais do FMI, a primeira em 1977 e a segunda em 1983. É isso que Rui Rio tem na cabeça. E é isso que é plausível pensar, face aos dados da presente equação, em que sabemos, com toda a certeza, que vamos ter uma crise profundíssima, sabendo como entramos, mas não quando ou como saímos. António Costa também sabe que não pode descartar nenhuma oferta de caminho. Sobretudo sabe que não pode ficar nas mãos dos seus aliados de geringonça e que tem de ter um plano B. Na semana que passou esses astros do cenário político começaram a alinhar-se com mais nitidez. Resta saber se isso não é uma forma de prolongar o tempo de exceção por outros meios. ■



Take away

O BE tem no programa eleitoral a “abolição do plástico de uso único” e, portanto, a “imediata interdição do plástico descartável na restauração e cafeteria” – que a pandemia fez crescer



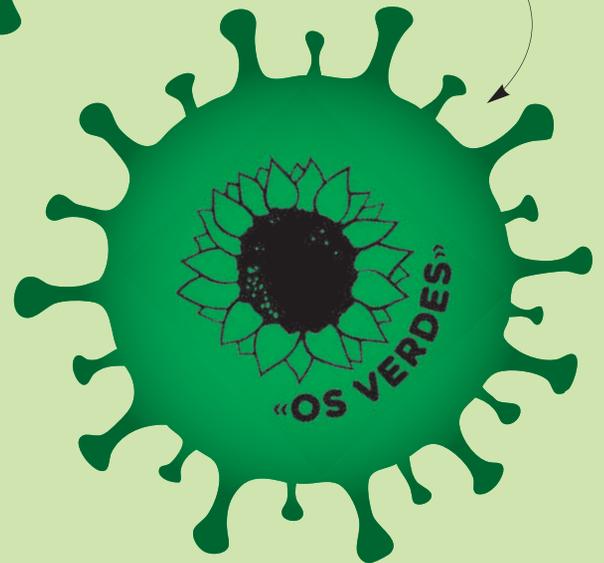
Plásticos

Há um ano, o PEV propôs proibir plásticos para pão, fruta e legumes (a medida deve entrar em vigor em junho). Agora o partido compreende até as limitações na reciclagem

A Covid-19 obriga os ambientalistas a adaptarem o discurso. Testes em animais para uma vacina? São aceitáveis se não houver alternativa. Mais resíduos plásticos com máscaras, luvas e refeições em *take away*? É preciso reduzir, mas aceitando que há materiais que não é mesmo possível reciclar. “Temos de fechar os olhos a algumas coisas”, resume a deputada do PEV Mariana Silva.

“Estamos a viver situações extraordinárias e de emergência. Há uma emergência climática que não parou, está em curso, mas vivemos uma crise sanitária numa fase aguda. Temos de nos proteger”, resume André Silva, que acha que no “pós-Covid” voltará a fazer sentido “penalizar quem usa embalagens descartáveis e incentivar quem usa recipientes reutilizáveis” no *take away*, mas admite que por agora não há forma de reduzir aí o uso de plástico. O deputado acha, contudo, que esta crise vem demonstrar a “urgência de encontrar alternativas” e que essa é uma questão a que a indústria e a ciência terão de responder, desenvolvendo “material 100% compostável biodegradável”.

Defensor dos direitos dos animais, o líder do PAN também concede agora que há situações em que é preciso testar vacinas e medicamentos em cobaias antes dos testes em humanos. E essa é uma exceção que não se prende apenas com a pandemia. Para o PAN,



PROGRAMAS. A PANDEMIA MUDOU O DISCURSO AMBIENTAL

Política verde? Foi para intervalo

Redução da reciclagem? Testes em animais? Situação de emergência leva partidos ecologistas a “fecharem os olhos a algumas coisas”.

Por **Margarida Davim**

“a realização de testes em animais para questões de saúde humana pode ocorrer se a ciência não tiver encontrado outras metodologias e modelos”, explica, defendendo que “é diferente falar de vacinas ou de cosméticos”. Além disso, “há uma série de protocolos para que os testes sejam o menos invasivos possível e não ponham a vida do animal em risco”, frisa.

Luvas e máscaras: não reciclar

Chegar a casa e pôr as luvas no lixo indiferenciado pode fazer confusão a quem está habituado a separar o plástico, mas é o que deve fazer. “As luvas não podem ser recicladas”, explica Mariana Silva, que conta que há quem esteja a pôr estes materiais na reciclagem, causando um problema para os trabalhadores que separam os resíduos. A deputada de Os Verdes diz que isso está mesmo a obrigar a pôr “o plástico e o cartão em quarentena durante 72 horas” nos centros de recolha.

As luvas, tal como as máscaras, são equiparadas a resíduos hospitalares e, caso quem as usou saiba estar infetado, deve deitá-las fora “num segundo saco [de plástico] para proteção de quem recolhe o lixo”, frisa Mariana Silva, reconhecendo que o uso massivo de equipamentos de proteção vai aumentar a produção de resíduos, mas que “não há nada a fazer”. A única

A corrida

por uma vacina contra o coronavírus implica três fases: desenvolvimento laboratorial, testes em animais (ratos, coelhos e macacos) e testes em humanos. A maior parte das investigações está precisamente na fase de testes em animais.

Testes animais

O PAN tem no seu programa o “compromisso do abandono progressivo dos testes em animais”. A pesquisa de vacinas para o coronavírus usa-os – e o PAN aceita

solução, defendem os ambientalistas ouvidos pela SÁBADO, será reutilizar. “Numa nova fase de proteção no dia a dia, esse material deve ser dentro do possível reutilizável”, diz o bloquista Nélson Peralta, que defende a suspensão da recolha seletiva porta a porta em cidades como Lisboa durante o estado de emergência. “Deve começar quando existirem condições. Neste momento não é urgente. As pessoas devem ir ao ecoponto e reduzir o número de resíduos dentro do possível”, diz o deputado.

Sobre os testes em animais, os bloquistas também moderam o discurso: “O que o BE defende é maior rigor e exigência nos testes em animais e criar métodos alternativos”, vinca Nélson Peralta, admitindo que “há sempre uma ponderação a fazer” sobre a utilidade destes métodos. “Achamos que tendencialmente devem ser reduzidos os testes em animais em áreas como a cosmética e que é preciso reforçar o investimento na investigação para ter alternativas”, concorda Mariana Silva, que percebe que no caso da busca pela vacina para a Covid-19 “é normal que não existam alternativas”.

A grande preocupação, dizem, é agora saber como será feita a retoma da economia depois da pandemia. “Este é o momento de fazer uma reflexão sobre que economia vamos relançar para não repetir erros ambientais”, avisa Nélson Peralta. “O que me preocupa é que se venha a instalar a narrativa de uma emergência desenvolvimentista sem ter em conta a emergência climática, que leve a uma redução dos níveis de exigência ou ao desinvestimento no combate às alterações climáticas. A retoma deve ter em conta o respeito pelo acordo de Paris”, vinca André Silva. Mariana Silva diz que agora “ouvem-se mais passarinhos e respira-se melhor”, mas quando o confinamento social terminar, a poluição vai voltar se não se mudarem as opções. “Temos de escolher outro caminho”, defende. ■

Sobe & Desce



Octávio Ribeiro
Jornalista



Rui Rio

Líder do PSD

O alerta sobre a necessidade de controlo dos riscos de uma segunda vaga de epidemia vem reforçar a imagem depositor construtivo. Também oportuna foi a alfinetada sobre excessos na exposição mediática de membros do Governo.



Joacine K. Moreira

Deputada livre

Silenciada pelos pares, obedientes aos partidos instalados, resolveu discursar em canto nas redes sociais. E descobriu a sua roda. Com bonita voz, e coisas relevantes para dizer, porque não começa a discursar com música? A voz da minoria que representa bem se pode ouvir na AR em ritmo *rap*.

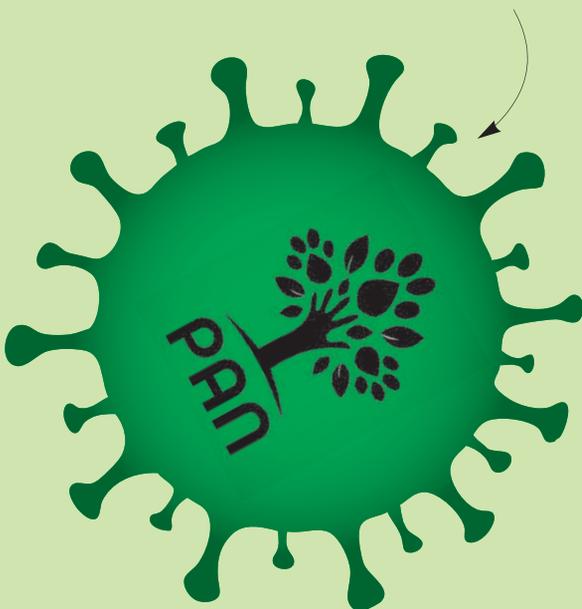


Jair Bolsonaro

Presidente do Brasil



Começa a desfazer-se a máscara de cera que o levou ao poder. O voto em Bolsonaro foi de protesto contra o passado recente, no qual a corrupção vestiu as cores da esquerda. A saída de Sergio Moro deixa-o cercado por todos os que defendem um regime democrático.



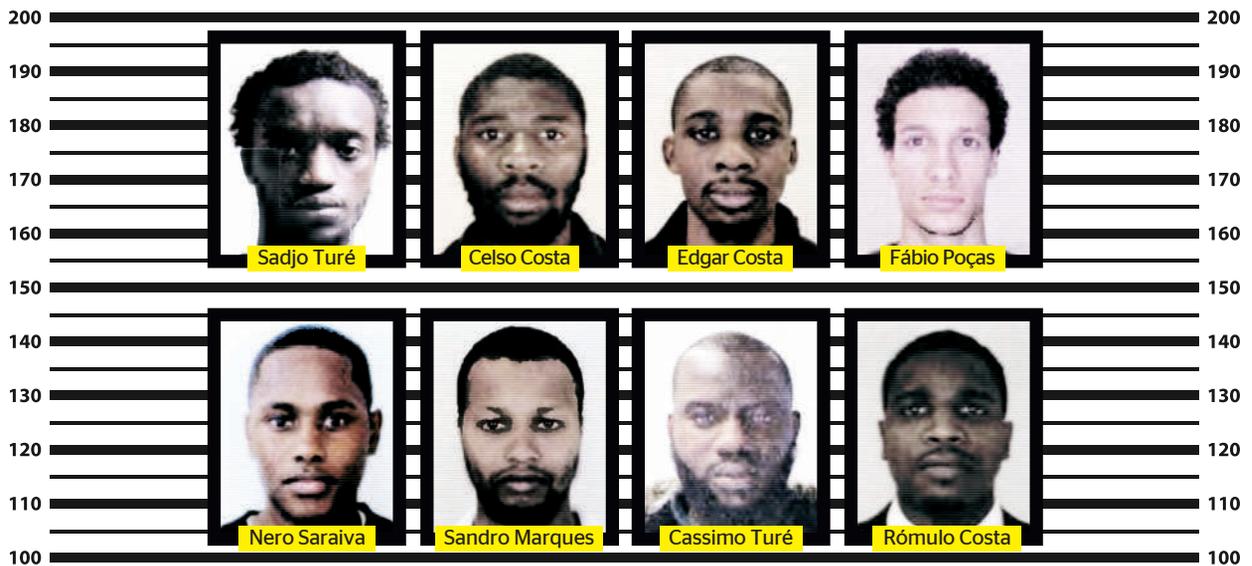
A MUDANÇA

TERRORISMO. MAGISTRADO ENTENDE QUE OS CRIMES FORAM PRATICADOS EM MASSAMÁ

Julgados em Sintra

O juiz a quem o caso foi distribuído declarou que o Tribunal de Lisboa é incompetente para julgar os oito jihadistas portugueses do Estado Islâmico e mandou o processo para outro tribunal.

Por Nuno Tiago Pinto



O julgamento dos oito portugueses acusados de pertencerem ao autoproclamado Estado Islâmico (EI) sofreu um atraso. O juiz a quem o caso foi distribuído declarou o Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa incompetente para o julgar e remeteu o processo para o Juízo Central Criminal de Sintra. Justificação: foi nessa comarca que foram praticados os últimos atos do inquérito: a detenção e a busca domiciliária a Rômulo Rodrigues da Costa, o único dos acusados que se encontra em prisão preventiva no Estabelecimento Prisional de Monsanto.

De acordo com o despacho assinado pelo juiz Francisco Coimbra, a que a

SÁBADO teve acesso, apesar de os crimes terem sido cometidos ao longo do tempo e em parte no estrangeiro (Reino Unido, Tanzânia e Síria), “o local onde foram praticados os últimos atos relevantes” foi a “residência utilizada pelos arguidos Edgar Costa, Celso Costa e Rômulo Costa”, em Massamá. A casa utilizada quando os jihadistas vinham a Portugal, onde o último foi detido em junho de 2019 e onde foram apreendidos diversos objetos relacionados com o apoio e a adesão ao Estado Islâmico.

Julgados à revelia

Rômulo Costa é, aliás, o único membro da rede detido em Portugal. Cassimo Turé, outro dos acusados, está a

viver em Londres, enquanto Nero Saraiva – considerado o mais perigoso membro do grupo – está há um ano preso na Síria, sob controlo das forças curdas, onde é considerado um elemento valioso por ter sido dos primeiros europeus a viajar para a Síria, ainda em 2012, e a juntar-se ao EI quando a organização criada no Iraque estendeu a sua influência para a Síria em 2014.

Quanto aos outros suspeitos – Edgar e Celso Costa, Sandro Marques, Fábio Poças e Sadjo Turé –, as autoridades acreditam que terão morrido na Síria. Mas ao não existirem provas do seu falecimento, serão julgados na mesma pelos crimes de adesão, recrutamento e financiamento do terrorismo. ■

O JULGAMENTO

Os advogados, pelo menos 36, revoltaram-se e não apareceram na instrução do processo Hells Angels. Em público, atiraram-se ao juiz Carlos Alexandre, acusando-o de não respeitar regras de segurança da pandemia. O juiz, inconsciente, como deram a entender, queria fechá-los em duas salas grandes no Tribunal de Monsanto. E tinham de usar casas de banho comuns e até entrar aos magotes no tribunal. Afinal, segundo as contas que fizeram, se todos quisessem assistir às audiências (como é seu direito, mas raramente acontece) podiam estar em causa “100” ou “150” pessoas. Por isso, faltaram, mas alguns ficaram nas redondezas do tribunal, no descampado, em forma de piquete à greve: “A colega defende quem?” A pergunta até foi feita à tradutora destacada para o tribunal. A advogada oficiosa, Maria Flávia Silva, também se queixou de insultos e ameaças dos colegas.

O MARIDO DA CHEFE

O advogado Correia de Almeida foi um dos que andou a queixar-se na TVI da falta de senso e de que o juiz Carlos Alexandre não cumpria a lei. Isto quando a ordem para usar as duas salas do Tribunal de Monsanto, no caso Hells Angels e noutros em instrução, como o processo Tancos (este último decorreu sem incidentes), tinha vindo da mulher do próprio advogado. Foi a juíza-presidente do Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa, Amélia Correia de Almeida, que agilizou todo o processo de preparação das salas de audiência (videoconferência, por exemplo) e mandou avançar a instrução.

PROCURADORES E PROCURADORES

Nisto de chatear meio mundo, há magistrados do DCIAP que insistem com o juiz para avançar com diligências dos processos (Tancos e Hells Angels), mas outros alegam que não há condições. No caso BES, que até tem selo oficial de urgente, o procurador José Ranito mandou suspender as audições das testemunhas apresentadas pelo Novo Banco no rocambolesco caso dos bens da caução de 60 milhões de euros que se evaporaram. Os advogados do Novo Banco foram informados de que a diligência vai ficar para junho, se a pandemia e a vontade do magistrado do MP deixarem.

OS TURNOS FASCISTAS

E pronto, lá foi dia de turno para o juiz. Com tanta acusação que o visa, Carlos Alexandre até já ironizou com amigos que ainda lhe chamam fascista por trabalhar no dia da Liberdade. Nesse e no fim de semana próximo, não a 1 de maio, o dia do trabalhador, mas a 2, um sábado, um turno no meio de um fim de semana alargado.

O PRESO COVID

A PSP andava atenta e não perdeu a oportunidade. O alegado assaltante violento tinha conseguido fugir para Paris em janeiro passado, mas regressou em março e foi detido por ordem da procuradora Cândida Vilar. Já detido, disse que a companheira tinha Covid-19. E foi de máscara e luvas que foi ouvido pelo Juiz Carlos Alexandre, por videoconferência e sozinho numa sala do Campus de Justiça, em Lisboa. As prisões estão a libertar presos, mas o juiz decretou-lhe a prisão preventiva e mandou-o para a prisão-hospital de Caxias. Depois de testado, afinal o sujeito não estava infetado.

GUERRINHAS. ADVOGADA OFICIOSA AMEAÇADA PELOS COLEGAS

Uma semana típica do juiz Alexandre

Não parou de trabalhar, nem no 25 de Abril, colocou em preventiva um suspeito que dizia ter Covid-19 e chateou meio mundo porque lhe mandaram despachar os PROCESSOS. Por **António José Vilela**

CAMPANHA

PROMOÇÃO. APROVEITE OS GRANDES DESCONTOS

Assinaturas já são sucesso para +65 anos

Ainda não passaram duas semanas desde que lançámos esta iniciativa e já conquistámos centenas de novos assinantes e leitores. Adira você também e terá a revista gratuita durante um mês. Com entrega em casa



Como fazer?

Se tem 65 anos, já pode receber a **SÁBADO** gratuitamente durante um mês. Ligue para o 808 101110 (das 9h às 20h) ou use o *email* assine@cofina.pt e indique nome, morada e telefone

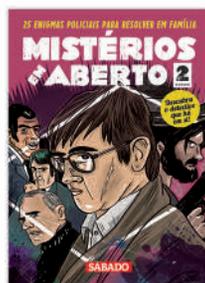
Numa época de incerteza e medo como a que vivemos, em que é essencial que as pessoas fiquem em casa para impedir que a pandemia da Covid-19 atinja grandes proporções, a **SÁBADO** decidiu criar maiores facilidades para os leitores: o objetivo é permitir que continue a desfrutar da revista na segurança e no conforto da sua casa. Para isso, só precisa de ligar para o 808 101 110, deixar a morada e o número de telefone – e nós tratamos de tudo.

Há diversas soluções ao dispor dos leitores, mas a principal proposta será receber a **SÁBADO** durante três meses por apenas 12 euros. Assim, cada revista durante esse período fica a custar menos de 1 euro (em vez dos €3,50 que custa em banca). O que significa que terá um desconto de cerca de 70%. E para os maiores de 65 anos as condições são ainda mais vantajosas: antes de pagar seja o que for, recebe a **SÁBADO** durante o primeiro mês de forma totalmente grátis e sem compromisso. Quer isto dizer que os custos da entrega em casa são sempre por nossa conta.

Para aderir basta ligar entre as 9h e as 20h para o 808 101 110 (custo de chamada local, mesmo se efetuada de um telemóvel); ou enviar *email* para assine@cofina.pt indicando nome, morada e número de telefone.



SÁBADO continua a dar livros de mistérios policiais



A SÁBADO oferece na edição de 7 de maio mais um livro com mistérios policiais. Em cada livro pode encontrar 25 casos policiais inéditos, escritos por autores portugueses, com pistas que ajudam a resolver cada mistério. A oferta é limitada e mediante a **disponibilidade na banca**.

Vinhos de LISBOA

DESCOBRIR VISITAR • PROVAR

Em breve

Este é o Tempo da Esperança

Era uma vez, numa vinha espriada numa encosta suave virada a nascente, junto a um cruzamento em terra batida mesmo à saída da Aldeia Gavinha, um pequeno povoamento localizado bem no coração da Região Demarcada dos Vinhos de Lisboa...

Aproveitando os primeiros raios de sol que se vão mostrando entre as nuvens encavalitadas junto ao Montejunto, uma joaninha de sete pintas exercita as suas asas ainda molhadas pelo Rocio, nome dado às pequenas gotas de água formadas pela condensação do ar húmido e fresco transportado terra adentro pelas brisas do atlântico, frequentes nesta Região na altura da primavera e verão.

Bem perto, junto ao riacho que bordeja essa vinha, o sono de uma coruja das torres, aninhada numa fenda de um carvalho centenário, é interrompido pela Joaninha que, ganhando coragem, a interpela:

— Que Tempos são estes que vivemos?

Passei na Aldeia Gavinha e já não vejo as crianças a correr no recreio da escola, nem o grupo que habitualmente se sentava no largo central junto ao fontanário a jogar às cartas ao final da tarde, nem a azáfama do padeiro a distribuir o pão e os bolos. O pastor passa ao largo com as suas ovelhas como se quisesse evitar cruzar-se com alguém. O sino da Igreja continua a tocar, mas já não vejo as famílias a entrar.

Reponde a Coruja:

— Os Tempos agora são outros, a vida está a mudar, olha, aí vem a Maria, e agora também reparo que já não vem à vinha acompanhada do seu Pai Francisco, nem dos filhos.

Maria era a enóloga que acompanhava os trabalhos no campo e sempre que podia fazia-se acompanhar do seu Pai. Francisco tinha um profundo orgulho na qualidade das uvas e do vinho oriundos da sua vinha, plantada por si, na quinta que recebera de seu avô materno, e que tanta fama ajudara a trazer à Região de Lisboa.



A Coruja, deixando Maria aproximar-se, quase passando por debaixo da árvore que tinha escolhido para fazer o seu ninho, deu-lhe os bons dias dizendo:

— Agora que a primavera começou e a vinha acordou, o que podemos esperar deste Tempo em que parece que tudo parou?

Maria respondeu-lhe olhando para o céu com um sorriso confiante, mas meio atrapalhado com o vento que a despenteava e lhe tapava os olhos com o seu cabelo negro azulado e encaracolado, fazendo lembrar cachos de uvas pendurados numa videira:

— Andamos todos (pre)ocupados a cuidar de nós o que melhor sabemos e podemos, pois acreditamos que tudo o que fizermos bem hoje, receberemos em dobro mais tarde. E isso é tanto verdade na nossa vida como em tudo o que fazemos na vinha.

Estou convicta que também este ano a natureza nos vai ajudar. O Rocio irá continuar a trazer do mar a salinidade e a humidade na conta certa para regar as vinhas durante a noite e a madrugada. Também não faltarão os raios de sol que trarão consigo a energia e o calor necessários para amadurecer os bagos de uva, mas não em demasia. Mais uma vez, será a natureza a procurar o equilíbrio, sempre delicado, entre a acidez e mineralidade que conferem frescura, tão típica dos vinhos da nossa Região, e a concentração de açúcares e polifenóis que dão a cor, a estrutura e os aromas.

No próximo setembro marcamos encontro aqui mesmo, logo que comece a vindima. Juntos vamos provar a doçura da uva Moscatel Graúdo, o aroma cítrico e a frescura do Arinto e o aroma inconfundível a violetas da Touriga Nacional. Há um tempo para tudo, e para produzir boa uva e bom vinho também é preciso dar tempo ao tempo, e aqui aprendem-



Personagens

■ **Joaninha das 7 pintas** de seu nome de família *Coccinella septempunctata*, a sua presença é sempre motivo de regozijo dos viticultores, pois é um sinal de biodiversidade que só costuma aparecer em parcelas agrícolas com práticas ambientalmente sustentáveis. É também um dos insetos auxiliares dos agricultores ajudando a combater algumas pragas da vinha. Como boa prática agrícola, os viticultores costumam deixar faixas de terreno não cultivadas no meio das vinhas ou na sua bordadura, como refúgio e alimento para estas espécies.

■ **Coruja das Torres**, também conhecida por coruja-das-igrejas, é comum avistá-la nesta Região, estando normalmente associada a lugares abertos, como pastagens e terrenos agrícolas. Nidifica em fendas de árvores, quintas, montes, moinhos, celeiros, ruínas e igrejas, de onde leva um dos seus nomes mais populares.

■ **Maria e Francisco** e mais outros 2.000 viticultores, são a Alma do Vinho, verdadeiros jardineiros da natureza, cuidando de mais de 10 mil hectares de vinhedo que fazem da Região Demarcada dos Vinhos de Lisboa, com todas as suas quintas e adegas, uma das maiores e mais afamadas zonas vinhateiras do país.

os todos a viver ao sabor das estações deixando a natureza fazer a sua parte do trabalho. Verão então que tudo valeu a pena.

Sim, chegará o dia em que voltaremos a abrir as portas para recebermos na nossa quinta todos os que nos quiserem visitar e provar os nossos vinhos, e a Aldeia Gavinha, assim como tantas outras Vilas e Aldeias de Portugal, voltarão a engalanar-se por ocasião das adiafas (nome tradicional dado às festas populares para agradecer e celebrar o final das vindimas). Ouvindo isto, a Coruja voltou-se para a Joaninha e disse-lhe:

— Aqui está a resposta que procuravas, Este é o Tempo da Esperança.

Vinhos de LISBOA Wine Store

AV. 24 DE JULHO, LOJA Nº41 DO MERCADO DA RIBEIRA - LISBOA
TEL. (+351) 211 348 111
LOJA@CVRLISBOA.COM
@LOJAVINHOSDELISBOA f LOJAVINHOSDELISBOA



Cofinanciado por:



AS FRASES



F **Hilary Duff**, atriz, sobre a quarentena em família, **Cosmopolitan**

“Tenho dias em que acho que movi montanhas e mereço uma medalha. Noutros penso: de que me queixo? Estamos bem, temos saúde e uma piscina”

F **Marcelo Rebelo de Sousa**
“Evocar o 25 de Abril é falar deste tempo, não é ignorá-lo”
Presidente da República, **RTP**

F **Otelo Saraiva de Carvalho**
“Confesso que era um frete ir lá [Assembleia da República] ouvir aqueles discursos”
Capitão de Abril, **Sol**

F **Miguel Sousa Tavares**
“Seria bom deixar de usar a horrível palavra idoso, que rima com ranhoso, sidoso, tuberculoso, leproso, e outros estados a evitar. Eu sei que faz parte do novo léxico politicamente correto, que obriga a dizer recluso em lugar de preso”
Escritor e colunista, **Expresso**

F **Manuel Alegre**
“Não aceito que os mais velhos sejam confinados até novembro. É um atentado à liberdade”
Poeta e ex-deputado, **Diário de Notícias**

F **Pedro Simas**
“A epidemia está no princípio dos princípios”
Virologista, **Expresso**

F **Ricardo Araújo Pereira**
“Não confundo o Benfica com o presidente do Benfica. Não se deve fazer isso. É muito perigoso”
Humorista, **SIC**

F **Ricardo Quaresma**
“Quando era pequeno não tinha casa de banho. Hoje tomo quatro ou cinco banhos por dia”
Futebolista, **Nova Gente**

F **Miguel Esteves Cardoso**
“Estou numa fase particularmente sensível no que toca à decrepitude”
Colunista, sobre ir fazer 65 anos, **Público**

F **Lula da Silva**
“É preciso começar o ‘Fora Bolsonaro’. Não podemos permitir que ele destrua a democracia”
Ex-Presidente do Brasil, **Twitter**





F

Gisele Bündchen, modelo, *Hola*

“O ioga, a meditação e a respiração mudaram a minha vida. Ajudam-me a manter-me focada e a ter paz”

GETTY IMAGES

INSÓLITO



FOTOS DR.

! Uma campanha radical

Inspirado na campanha The Swim Reaper (a ceifeira nadadora), o advogado Daniel Uhlfelder vai lançar, a partir de 1 de maio, a ação The Grim Reaper (a ceifeira severa). A ideia é vestir-se de morte e andar pelas praias da Flórida (EUA) a alertar os banhistas para irem para casa e não se aglomerarem, devido à Covid-19. Na Nova Zelândia, o Swim Reaper surgiu em 2016 para avisar os jovens (15–30 anos) dos perigos de nadar em zonas rochosas ou com correntes. E o número de mortes e acidentes caiu 25%.

! **Mascotes sentadas**
No Japão, os responsáveis do banco Resbona decidiram que a sua mascote não ia servir apenas para enfeitar. E colocaram os gatos de peluche sentados entre duas cadeiras, nas agências, para garantir que os clientes respeitam a distância mínima de segurança.

! **Oferece a língua para acabar com a pandemia**
Vivek Sharma, escultor de pedra de Suigam, na Índia, decidiu ir a um templo fazer um sacrifício. Farto do confinamento devido ao coronavírus, cortou a sua língua e ofereceu-a à deusa hindu Kali, pedindo-lhe que acabasse com a pandemia. Levado inconsciente para o hospital, coseram-lhe a língua, mas não é certo que volte a falar corretamente.

! **O CICLISTA UMBERTO MARENCO, DA EQUIPA VINI ZABÙ (QUE IA PARTICIPAR NO GIRO DE ITÁLIA A PARTIR DE 6 DE MAIO) DECIDIU QUE EM VEZ DE TENTAR MANTER A FORMA EM CASA IA FAZÊ-LO NAS RUAS DE TURIM... MAS COM A DEVIDA AUTORIZAÇÃO. E TORNOU-SE ESTAFETA, ANDANDO DE BICICLETA A ENTREGAR PIZZAS E GELADOS.**



! **T1 com 1.400 vasos de plantas**
Joe Bagley, um rapaz de 20 anos fascinado por plantas, transformou o seu T1 em Loughborough, no Reino Unido, numa selva coberta, com mais de 1.400 vasos de plantas. Há gatos, flores de todos os tipos e trepadeiras tropicais na mesa de jantar, nas estantes e até na casa de banho.

14 anos
Após 14 anos de exames e raios-X para tentar descobrir a causa da tosse persistente, uma chinesa, de 22 anos, ficou chocada ao saber que tinha um pequeno osso de galinha alojado no pulmão. O problema começou quando tinha 8 anos, e apesar das várias idas ao hospital, ninguém conseguiu identificar nada que lhe pudesse causar a tosse incontrollável.

! **Choca ovo de pato no sutiã**
Uma norte-americana encontrou um ovo de pato, num parque. Colocou-o num sutiã, para chocar, e ao fim de 35 dias o patinho nasceu.

! **Covid-19 altera cor da pele**
Dois médicos chineses foram infetados com coronavírus e sofreram uma mudança drástica na pigmentação da pele, passando de branco para castanho escuro, segundo a imprensa local.

! **A máscara-sutiã é um sucesso**
Por todo o mundo, há milhões de pessoas a fazerem máscaras. No Japão, uma empresa têxtil de lingerie começou a fazê-las em forma de sutiã. Era para ser apenas uma brincadeira, mas a verdade é que as 300 máscaras esgotaram em poucas horas. Até a modelo japonesa Aya Kondo as usou.



! **Cura espiritual para a Covid-19**
1. **O japonês** Ryuho Okawa, líder espiritual da Happy Science, oferece curas espirituais para a Covid-19 a vários preços.
2. **Em janeiro**, Okawa revelou estar a receber mensagens de extraterrestres, e dos anjos da guarda de Boris Johnson, John Lennon e Angela Merkel, sobre a origem do coronavírus.
3. **Publicou** três folhetos na Internet sobre o vírus, traduzidos em várias línguas e pôs à venda DVD e CD das suas palestras Covid-19, entre 100 e 400 euros.

OBITUÁRIO

Per Olov Enquist (1934-2020)

Escritor sueco, argumentista de *Pelle, o Conquistador*, vencedor do Óscar de Melhor Filme Estrangeiro em 1989, morreu no sábado, 25 de abril. Tinha 85 anos

Foi a conversar com um gato, contou Per Olov Enquist ao *The Guardian* em julho de 2016, que encontrou a solução para o seu bloqueio criativo, quando trabalhava como adido cultural em Paris e vivia num belo apartamento nos Champs Élysées com a encenadora dinamarquesa que o levou a deixar a primeira mulher e os filhos: “Não conseguia escrever nada. Então ele perguntou-me qual tinha sido o meu primeiro número de telefone. Apontei-o e logo a seguir escrevi uma peça de teatro. Foi o princípio de tudo. Desde aí tenho escrito muito sobre o modo como cresci e fui educado.”

O pretexto da entrevista era a edição de *O Livro das Parábolas* (não editado em Portugal), uma viagem aos seus 15 anos, quando conheceu uma mulher de 51, vinda de Estocolmo, que o iniciou nos mistérios do amor. O relato manteve o tom pessimista, pontuado de humor, que definiu o seu estilo literário, espelhado nos mais de 20 romances, ensaios, peças e argumentos, traduzidos noutros tantos idiomas, que criou.

O mais popular, por ter inspirado

um filme que conquistou um Óscar de Língua Estrangeira, é *Pelle, o Conquistador*, sobre os suecos que emigraram para a Dinamarca no século XIX. Contudo, a sua obra-prima é *A Visita do Médico Real*, publicada em Portugal em 2011, pela editora portuguesa Ahab e vencedora do prémio August em 1999, em que reinventou a história de amor real entre o médico do rei louco dinamarquês Christian VII e a rainha, irmã de George III de Inglaterra. O livro de memórias *Uma Vida Diferente*, de 2008, foi igualmente distinguido com o prestigiado galardão.

Isolamento cristão

Nascido a 23 de setembro de 1934 e criado numa zona remota junto ao golfo de Bótnia, no mar Báltico, a 200 quilómetros do Ártico, era filho de um lenhador que morreu quando ele tinha apenas seis meses e de uma professora que esquiava três quilómetros por dia para chegar à escola onde dava aulas.

Sem amigos, bibliotecas ou salas de espetáculo por perto, só foi ao cinema pela primeira vez aos 16 anos e teve unicamente como companheiros de juventude a *Bíblia Sagrada* e

FOI AO CINEMA PELA PRIMEIRA VEZ AOS 16 ANOS E TEVE A BÍBLIA COMO COMPANHIA DE JUVENTUDE



LUIS GRAËNA

meia dúzia de livros religiosos, já que a mãe lhe escondeu os livros menos tradicionais que possuía – caso de *Kim*, de Rudyard Kipling, por ter um budista como herói.

Este isolamento cristão e doméstico, ocasionalmente interrompido pela ameaça de suicídio de um familiar devido aos rigores do inverno, que o obrigavam a escavar no gelo em busca de alimentos que travassem tal tragédia, marcou-o profundamente e

inspirou a sua carreira literária: “Não tive distrações, por isso aprendi cedo a reparar nos detalhes do mundo.”

Conheceu o sucesso nos anos 1960, vendo os seus romances aclamados e as suas peças aplaudidas nos palcos, tanto suecos como da Broadway, e fazendo amizade com vultos da cultura como Ingmar Bergman, mas não lidou bem com a fama: foi alcoólico nas décadas de 1970 e 80, o que motivou o tal bloqueio criativo parisiense e lhe debilitou a saúde, mas não a capacidade intelectual.

Também viveu na Alemanha, Dinamarca e Estados Unidos, mas regressou há cerca de 20 anos a Estocolmo, onde morreu a 25 de abril. □

Shirley Knight (1936-2020)

Com longa carreira nos palcos e no cinema, ligada ao Actors Studio, foi duas vezes nomeada para o Óscar de Melhor Atriz Secundária. Morreu aos 83 anos na casa da filha, no Texas



Interpretou a mãe de Helen Hunt na comédia romântica *Melhor É Impossível* (1997), mas já era uma estrela desde a década de 1960, quando foi duas vezes nomeada para o Óscar de Melhor Atriz Secundária, primeiro na adaptação cinematográfica da peça de Tennessee Williams, *Doce Pássaro da Juventude*, e depois por *Escuro no Cimo das Escadas*.

Nasceu a 5 de julho de 1936 no Kansas, onde cresceu, estudou canto lírico e publicou um conto aos 14 anos, estudando Literatura antes de ir para Nova Iorque ser atriz, em 1959. Casou duas vezes: com o encenador Gene Persson e o argumentista John Hopkins, ao lado de quem criou duas filhas, a primeira delas do primeiro marido. Morreu na casa da filha, dia 22. □

INDISCREITOS

Libertar a onda e o caracolinho

! O NOVO LOOK CAPILAR
 António Costa surgiu no último debate quinzenal com o cabelo branco a começar a exibir uns quase caracóis. E a Marcelo Rebelo de Sousa, assenta-lhe bem o novo look: com as ondinhas no topo, até já parece menos calvo. O 25 de

Abril passou e nada mudou: será preciso levantar o estado de emergência e permitir a reabertura dos cabeleireiros para que tudo volte ao normal. Esteja atento: será um dos sinais do regresso à normalidade. Ou não: esperamos que em desespero nenhum embarque em cortes clandestinos.



PEDRO CATARINO



RODRIGO ANTUNES/LUSA

! O choque do cravo partido

A social democrata Sofia Vala Rocha, que disputou em novembro a distrital de Lisboa (e perdeu) marcou este 25 de abril com este autorretrato fotográfico vestida de branco, máscara e um cravo partido. A pretensão artística não colheu. As reações nas redes sociais foram, digamos, arrasadoras.



D.R.



! Lenine, essa bússola segura

O PCP teve pena, afirma Jerónimo de Sousa em vídeo no site do PCP, por não poder, devido à pandemia, assinalar os 150 anos do nascimento de Lenine com o extenso programa previsto. Em todo o caso, lembra o “genial continuador de Marx e Engels”, com uma “valiosíssima obra”. É com orgulho que os comunistas são “continuadores da luta”, devedores da sua “inspiração” e “bússola segura”. Leninismo sempre.



TAIGO PETINGAL/LUSA

! Grupo de hiper-risco

Ferro Rodrigues tem mantido as suas rotinas no parlamento e não se lhe detetam preocupações especiais com a Covid-19. No entanto, é sabido que pertence a um grupo de risco. Tem 70 anos, foi fumador e já por duas vezes foi operado, a cada um dos pulmões, com menos de dois meses de intervalo, em 2018.

! No 24 de abril é que era bom

Há quem não disfarce o desgosto com o 25 de Abril. José Pinto Coelho, líder do PNR, assumiu a simpatia pelo 24 partilhando a sua última foto do período pré-revolucionário, rodeado de primos na Ericeira. “A última do tempo em que Portugal era uma grande nação e nos enchia de orgulho.” Dúvidas houvesse, há mesmo quem prefira uma ditadura, coisa que em democracia se pode dizer. O contrário não.



O CARTOON

Por Vasco Gargalo



GARGALO
20.

ENTREVISTA

A viúva de Carl Sagan, de 70 anos, continua a missão de explicar a complexidade do universo. Acaba de publicar *Cosmos: Mundos Possíveis* e diz que ainda vamos a tempo de salvar o planeta.

Por Vanda Marques

ANN DRUYAN

“Estamos a fingir amar os nossos filhos se não mudamos o mundo”

J á escreveu sobre o Big Bang e sobre como se constroem naves espaciais, mas a história que mais gosta de contar é a de quando se apaixonou por Carl Sagan e ele por ela. O astrofísico, que se tornou uma celebridade, trabalhava com Ann num projeto da NASA. Estavam ambos comprometidos na altura, mas durante a pesquisa para os discos dourados – uma espécie de arca de Noé da Humanidade que seguiu dentro da sonda Voyager 1 [sonda espacial norte-americana lançada em 1977 para estudar Júpiter e Saturno e que seguiu para o espaço interestelar] – apaixonaram-se. O casal iniciou uma relação amorosa – casaram e tiveram dois filhos – e profissional. Em conjunto escreveram vários livros e criaram a série de televisão *Cosmos: Uma Viagem Pessoal*, baseada no livro de Carl Sagan, que ficou na história como a primeira obra de ciência a ultrapassar as 500 mil cópias, em 1980.

Só se separaram quando Sagan

F “[Discos do Voyager] daqui a um milhão de anos poderão ser o único artefacto da cultura humana”



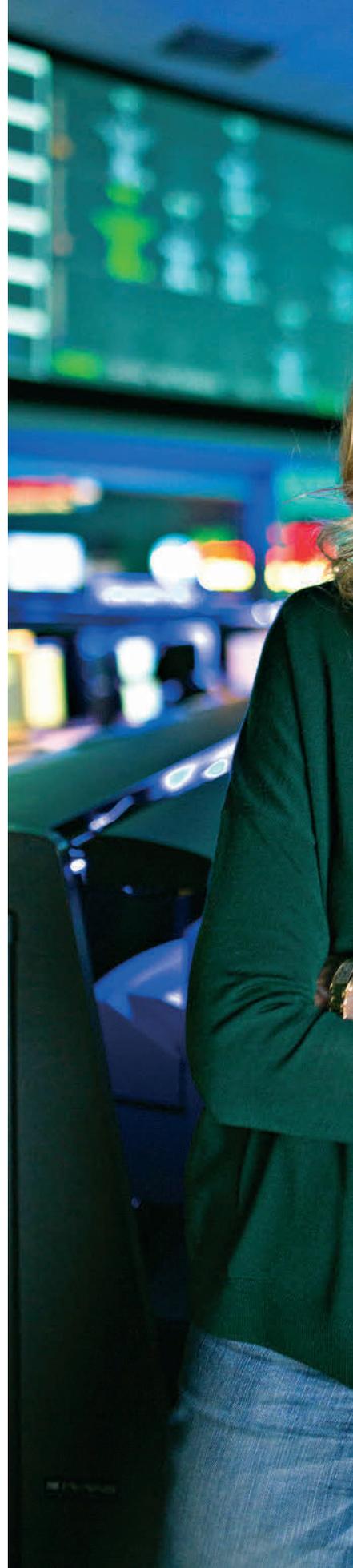
Carl Sagan

Professor em Harvard, foi o primeiro cientista-celebridade. Era presença assídua no *Tonigh Show*. Escreveu 20 livros

morreu, em 1996. O cientista tinha 62 anos e não resistiu uma pneumonia depois de uma luta de dois anos contra o cancro. Mas Ann continuou a missão de divulgação da ciência. Em 2014, com *Cosmos: Odisseia no Espaço*, ganhou os prémios Emmy, Peabody e Producers Guild. Acaba de estrear a série, na National Geographic, *Cosmos: Mundos Possíveis*, com apresentação de Neil deGrasse Tyson, e de editar o livro com o mesmo nome.

Escreve sobre ciência há 40 anos, que pergunta é que gostava que os cientistas respondessem?

Claro que gostava de saber se podemos entrar em contacto com extraterrestres ou descobrir exatamente como começou o universo – são questões incríveis. Mas não tenho pressa. A pressa que tenho é de aprender a viver em harmonia com a natureza. Ou seja, gostaria que descobrissem como podemos mudar as pessoas para que passem a

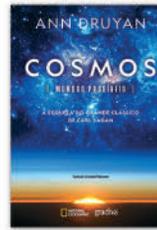




Livro

Cosmos: Mundos Possíveis

Autor
Ann Druyan
Editora
Gradiva



◀ Ann Druyan foi diretora criativa do Voyager Interstellar Message Project da NASA e gravou as suas ondas cerebrais para essa experiência

preservar o planeta. O que nos falta – enquanto humanos – para entendermos que a ciência tem as respostas e que ainda vamos a tempo de salvar o planeta? Acredito que o planeta não pode ser guiado por um modelo económico. Nenhum dos modelos económicos existentes contém um respeito pelo futuro como a ciência. Enquanto o lucro é para muito poucos e é maximizado em detrimento das necessidades do planeta, estamos condenados.

Ainda vamos a tempo?

Sim. Temos os recursos e a técnica para colocar o planeta num caminho saudável. Mas não o fazemos porque as organizações humanas nunca recuperaram da invenção da agricultura. Nos últimos 10 mil anos nós temos lidado com um *stress* pós-traumático da agricultura. Estamos envolvidos numa espécie de excesso, sempre à procura de nos empanturrarmos. Estamos a fingir que amamos os nossos filhos, os nossos netos, se não levantamos um único dedo para mudar o mundo.

Foi por isso que escolheu o título *Mundos Possíveis*?

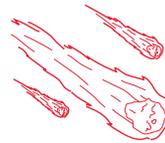
Quero despertar nas pessoas um sentido de esperança e um desejo de ação. Temos muitas sombras ao nosso futuro, mas saber isso não é suficiente. Têm de se sentir a esperança e a energia de que precisamos para conseguir completar esse desafio. Para mim, *Mundos Possíveis* é tão rico e tem em si uma multitude de novos mundos que a comunidade de astrónomos tem descoberto, como os exoplanetas, mas também os mundos possíveis que existiram antes.

Diz que não é uma cientista, e sim uma contadora de histórias. Qual é a sua história preferida?

Bem, sei que isto pode parecer egoísta, mas a minha história preferida é a de quando me apaixonei pelo Carl Sagan e ele por mim. Apesar de não ter, no sentido hollywoodesco, um final feliz, foi verdadeiro.

Pode contá-la?

Não é apenas a história de pessoas a trabalharem juntas numa bonita ▶



Asteroide 4970

Descoberto em 1988, orbita o Sol e foi batizado em homenagem a Ann Druyan. O de Carl Sagan é o asteroide 2709

primavera em 1977 para criarem os discos dourados, que seguiram na sonda Voyager. Estávamos a criar uma mensagem que daqui a um milhão de anos – e talvez nalguns cenários – será o único artefacto que vai sobreviver da cultura humana. Por isso, apaixonar-me durante o decurso de criar algo tão bonito e audacioso – uma arca do Noé da cultura humana – foi um sonho.

Gravou as suas ondas cerebrais. Em que estava a pensar?

Na história do planeta, e tinha um itinerário na minha mente. Da origem da vida à evolução, à evolução da mente humana, a história da nossa espécie. Mas também as dificuldades que se viviam naquela época. Estávamos em 1977, nas vésperas de uma possível guerra mundial nuclear. Mas também pensei em amor. Tinha acabado de descobrir o Carl – confessado o nosso amor 48 horas antes –, e pensei ainda no amor de amigos, dos pais, dos filhos, em todos os tipos de amor. Apaixonar-me naquela altura foi um vulcão de felicidade e aqueles sentimentos ficaram captados ali. Durante aqueles 19 anos e meio em que estivemos juntos nunca houve uma altura em que a alegria daqueles primeiros momentos fosse traída. Só cresceu.

Fazer parte da missão Voyager deve ser desafiante. Como se escolhe a Arca de Noé da humanidade?

Quando o Carl me falou do projeto e me convidou para ser a diretora criativa senti-me uma sortuda. Uma das razões para me ter escolhido foi o meu amor por todos os tipos de música. Repare, isto é antes de se inventar uma coisa como a world music. Nos Estados Unidos existia uma visão imperialista da música que a resumia música a: a antiga da Europa ou a americana do presente.

Foi durante essa escolha de músicas que se apaixonou por Carl?

Sim. Éramos meia dúzia de pessoas que não sabiam nada de música chinesa e esta é a tradição musical mais antiga do mundo. Estava aterrorizada que cometêssemos um erro. Contactei músicos e compositores chine-



NATIONAL GEOGRAPHIC CHANNELS

▲ Ann e Brannon Braga produziram, escreveram e dirigiram a série *Cosmos: Mundos Possíveis*



Beatles

Here Comes the Sun era para entrar na lista de músicas da sonda Voyager, mas era demasiado cara. Não entrou

ses, etnomusicólogos, mas nada. Estava habituada a que me olhassem como maluca. Imagine pedir ajuda, por exemplo, para escolher a melhor música de grilo. Finalmente, encontrei um investigador que me mostrou uma música chinesa com 2.500 anos que falava da nossa relação com o universo. Fiquei encantada e liguei ao Carl. Eu estava em Nova Iorque e ele em Tucson, Arizona, numa conferência. Liguei para o hotel e deixei uma mensagem. Uma hora depois recebi um telefonema e oíço a linda voz do Carl que me disse: “Porque não me deixaste esta mensagem há 10 anos?” Trabalhávamos como amigos há três anos. Ambos estávamos envolvidos com outras pessoas, era impensável. Mas naquele momento tudo mudou. Foi o início de quase 20 anos de uma grande vida, de uma família, filhos, seis livros, filme, do *Cosmos*. Éramos inseparáveis.

O segredo de *Cosmos* é tornar temas complexos em simples. Isso é um exercício difícil?

Não. Sai tudo de forma natural. Penso que uma das milhares de razões para me sentir em dívida para com o Carl é que, antes de o conhecer, as únicas pessoas que conhecia que

percebiam de ciência eram professores que não tinham vontade nem interesse em despertar a vontade de saber mais. O Carl fez isso por mim – ele cuidava daquela chama dentro de nós que nos leva a querer saber sempre mais. Ele era tão poderoso. Estava a comunicar, nunca para impressionar ou confundir os outros, sempre para receber, no seu círculo de entendimento, quem o quisesse ouvir. Era mágico. Quando decidíamos explicar a história de uma coisa como física quântica – de que eu não percebo nada –, o que usávamos era um processo de encontrar uma narrativa que conduzisse as pessoas à ideia. Antes de ficares assustado, estás dentro da ideia, é tua, pertence-te. O Carl costumava dizer: “Vai atrás dos passos que usaste para entender a ideia, e depois podes ajudar os outros.”

Qual foi o primeiro conceito que ele lhe explicou?

Boa pergunta. Acho que nunca me perguntaram isso... Estou a tentar lembrar-me. Não sei dizer a primeira, talvez porque estava fascinada por ele. Lembro-me de um episódio – já estávamos casados – e ele estava a ler um artigo científico sobre o multiverso, ou seja, a ideia de que este universo é simplesmente um eletrão, logo existem muitos mais. Que tudo à nossa volta é muito maior que a nossa capacidade de compreensão, que existem vários universos. Lembro-me de ficar enfeitiçada por esta informação. De sentir o cérebro a explodir de possibilidades com aquela noção.

Deve ouvir cientistas e investigadores a dizer que Carl Sagan os inspirou a seguirem a ciência.

Sim, mas mais do que cientistas, médicos, pessoas. Vêm ter comigo todos os dias, antes do confinamento, claro. É tão bonito. O Carl passava o dia e a noite a fazer o que mais amava, sempre a pensar nisso como o mais importante para nós, enquanto humanidade. Começamos o *Cosmos* juntos e nunca imaginámos o sucesso que teria. Que privilégio eu poder ainda hoje, com as novas temporadas, atrair pessoas apaixonadas pelo nosso trabalho. ■

A LAGARTIXA E O JACARÉ

Defender a geolocalização das pessoas infectadas, ou qualquer uso do telemóvel para seguir os movimentos, e muito menos a publicação dos seus nomes e moradas, isso sim diz respeito à liberdade



Professor
José Pacheco Pereira

Uma outra maneira de comemorar o 25 de Abril

O que se passou este ano foi anómalo, mas nos anos seguintes as comemorações do 25 de Abril retomarão uma certa normalidade. Retomo aqui uma proposta que fiz há alguns anos e que ninguém quis discutir. É muito simples: em cada ano estipula-se um valor que pode ser pensado em função do custo das cerimónias, e daí para cima. Esse valor será destinado a uma “obra do 25 de Abril” seja um edifício público necessário, seja o equipamento de um hospital, seja um grupo de bolsas de estudo, seja a recuperação de um quadro (ou quadros antigos), seja a compra de uma obra de arte vital para a cultura portuguesa no estrangeiro, seja uma edição popular dos nossos clássicos, seja mais ambulâncias ou mais material de socorro, seja um restauro de um monumento, seja a digitalização de um arquivo, etc., por aí adiante. A “obra do 25 de Abril” seria escolhida em consulta popular após uma selecção por um júri das propostas, e a cerimónia do 25 de Abril, com todo o espanto necessário, seria na inauguração da “obra”. Isto devia ser feito ao nível do Estado central e serviria de exemplo para ser seguido por muitas autarquias. Comemorava-se a data e ficaria alguma coisa. ◻

O mau uso da palavra liberdade

Não penso que a liberdade esteja em risco quando existe uma quarentena, mesmo com a dimensão desta. Abrir um restaurante, ou um cabeleireiro, ou um salão de jogos, ou uma loja de tatuagens, não é um direito numa si-

tuação de risco de saúde pública. Já defender a geolocalização das pessoas infectadas, ou qualquer uso do telemóvel para seguir os movimentos, e muito menos a publicação dos seus nomes e moradas, isso sim diz respeito à liberdade. Fechar um parque ou uma praia, não é muito diferente de fechar uma rua onde há um incêndio ou um derrame perigoso. Já suspender direitos laborais, quando ninguém os está a usar neste período, pode ser um atentado à liberdade, em particular se ninguém controlar as violações e os abusos patronais, os despedimentos de oportunidade, os despedimentos de retaliação, etc. ◻

Em vez de esperar por Godot esperamos pela vacina

Se o que já se sabe sobre a Covid-19 estiver certo, e sabe-se já alguma coisa em termos científicos, a possibilidade de uma vacina a curto prazo existe. Durante a espera não há muito a fazer a não ser o que já se faz, com os efeitos perversos conhecidos. Mas, quando vier a vacina vai ser interessante ver o comportamento dos novos movimentos de curandeirismo moderno que se alimentam de uma mistura de charlatanice e de um *go natural* transviado, alimentados pelas redes sociais e, nos EUA e não só, pela extrema-direita pró-Trump. É o caso do movimento a favor do parto em casa, ou contra as vacinas. Será que os que são antivacinas e têm criado graves problemas de saúde pública continuarão a arrostar valentemente o vírus? O problema é que não são apenas um risco para si próprios mas também para nós. ◻





O inimigo público n.º 1 que ainda vive numa democracia

Toda a gente já percebeu que é Trump. Sim, e eu não me canso de falar dele porque é um perigo público, em primeiro lugar para os americanos e depois para toda a gente. Pelo que diz, pelo que faz, pelo que não faz, pelo que estraga, pelo exemplo que dá a todos os aspirantes a autocratas. Mas o problema não é só ele, é também quem acha normal que o Presidente dos EUA, que só fez asneiras na gestão da pandemia, que não reconhece nenhum erro, que mente descaradamente sempre que abre a boca, que se comporta como um ditador que não tem de prestar contas a ninguém, que acabou com as conferências de imprensa, o seu espectáculo diário para se gabar a si próprio, porque não lhe faziam as perguntas que ele queria nem os elogios que acha que merece. Que ele venha agora admitir que se possa estudar a hipótese de injectar lixívia nas veias ou apanhar banhos de raios ultravioletas, fora e dentro do corpo, não me surpreende muito. Como não me surpreende que ele minta de novo no dia seguinte a dizer que foi uma resposta sarcástica, quando toda a gente viu que não foi, foi até muito a sério. Mas que pessoas normais achem que isto é “normal” é que revela uma verdade muito mais perigosa do que Trump: é que nada é mais falso do que a afirmação de que o “bom senso é o bem mais distribuído”. E com gente normal a achar que isto é “normal”, vamos a caminho de uma nova Idade das Trevas. ■

Texto escrito segundo o anterior acordo ortográfico

SEGURANÇA. BEM-VINDO A UM NOVO MUNDO

COMO VAMOS VIVER A PARTIR DE AGORA

Esqueça tudo o que dava por adquirido no dia a dia antes da pandemia da Covid-19. O regresso ao trabalho e ao lazer vai ser feito de grandes mudanças. Fomos à procura das respostas (possíveis) a 30 inquietações de todos.

Por Ana Taborda e Marco Alves

O futuro tem menos pausas para café, viagens mais caras...

...e não prevê discotecas enquanto não houver uma vacina eficaz. Mas nem tudo é mau: vai conseguir ir à praia e comer uma bola de Berlim, agendar uma massagem e até abrir a porta de restaurantes com o pé ou o cotovelo. Mesmo que não regresse já ao ginásio – e é possível que possa fazê-lo brevemente – é provável que o edifício onde trabalha o faça usar mais as escadas e que o ponha a fazer exercícios de braços a desinfetar mesas. Já parar para beber um café vai ser mais difícil. Com a Covid-19, até a aparentemente inofensiva bica representa um risco acrescido – pelo menos em locais públicos e em máquinas habitualmente partilhadas. É por isso que na fábrica de carros da PSA, em Mangualde, só quem o levar de casa (provavelmente num termo) vai poder desfrutar de uma pausa para café. No dia 30, o primeiro-ministro, António Costa, vai explicar como serão os próximos meses.

O pequeno comércio deve reabrir a 4 de maio, as aulas presenciais para os alunos do 11º e 12º ano recomeçam a 18 de maio e prevê-se que as creches voltem a funcionar no dia 1 de junho. Como? No roteiro que se segue vai encontrar exemplos de países como a Dinamarca, que terão servido de inspiração ao Governo, mas também de dentistas em Praga, vários especialistas e associações que representam diferentes setores. Todos têm uma certeza: a vida como a conhecemos hoje vai mudar, mas dificilmente voltará. Pelo menos nos próximos tempos.

MARISA CARDOSO

1 É provável que consiga usar as piscinas exteriores dos hotéis. Spas e piscinas interiores será mais difícil

2 Em algumas praias da Califórnia e dos EUA já pode nadar, passear e fazer surf – estender a toalha continua a ser proibido

3 Pode ter de passar a viajar de avião de máscara posta. Só deverá conseguir entrar no aeroporto quem for voar

É PROVÁVEL QUE CONSIGA FAZER UMA MASSAGEM NUM HOTEL – COM MARCAÇÃO PRÉVIA – E ATÉ JOGAR GOLFE



01 Vou conseguir ir a um hotel no Algarve?

▶ Sim, e no resto do País também. Os hotéis devem começar a reabrir em junho, mas agora com funcionários de máscara ou viseira, balcões protegidos por acrílicos e medições constantes de temperatura. “Muitos destes sistemas até são permanentes. A Coreia do Sul, por exemplo, é uma grande utilizadora. Se estiver no *hall* de entrada ou no restaurante e entrar alguém com febre, é detetado”, explica à **SÁBADO** José Teothónio, CEO do grupo Pestana. Também passará a ter de sair do quarto durante a limpeza diária: os produtos usados serão mais fortes e, por isso, os clientes só voltam a entrar 30 a 45 minutos depois. Outra coisa que muda? Vai haver mais *check-ins online* e pagamentos sem contacto. Os hotéis mais altos terão mais problemas: “Só as pessoas do mesmo quarto poderão utilizar os elevadores em simultâneo, o que é muito complicado num hotel de 15 ou 16 pisos.”

02 Posso ir à piscina e aproveitar o pequeno-almoço?

▶ “Provavelmente será possível abrir parcialmente as áreas de massagens, com pré-marcações. Os ginásios também devem conseguir reabrir, com máquinas mais afastadas, a serem limpas depois de cada utilização, e à partida o golfe também se consegue fazer”, adianta José Teothónio. Saunas, jacuzis e piscinas interiores é mais difícil: “Há muita condensação e vapores e o risco é maior.” Lúcio Meneses de Almeida, especialista em Saúde Pública, concorda. “É de bom senso manter as piscinas interiores fechadas.” Uma boa notícia? É provável que consiga utilizar as exteriores “se higienizar as cadeiras, espreguiçadeiras e mesas depois de cada utilização”, explica Meneses de Almeida. A água não é um problema: “O vírus é sensível à maior parte dos desinfetantes normais, por isso também será ao cloro.” Além disso, acrescenta o infecciosologista Jaime Nina, “está envolvido



PEDRO NOEL DA LUZ



Viagens de avião só com menos pessoas e de máscara. Mas ainda não se sabe quando

numa membrana, o que faz com que não se consiga transmitir dentro de água salgada ou de água com cloro. Nas praias de água doce não há certezas, mas à partida também será assim.” Os tradicionais *buffets* de pequeno-almoço também vão mudar: pode ter de marcar hora, ser servido na mesa ou pedir *room service*.

03 Vou conseguir estender a toalha na praia?

► Tudo indica que sim, desde que seja uma praia vigiada – é provável que as outras estejam interditas – e que fique a dois metros do veraneante mais próximo. Se quiser ir ao bar, a melhor hipótese é sentar-se de máscara. “Acredito que muitos adotem o modelo de *take-away*”, adianta à SÁBADO João Fernandes, presidente da Região de Turismo do Algarve. Nas praias espanholas da Costa do Sol, por exemplo, não vão ser autorizadas espreguiçadeiras, os menus dos bares terão de ser consultados no telemóvel e os pedidos vão ser entregues na toalha, por funcionários com máscara e luvas. Neste momento já pode passear em algumas delas (tomar banho continua proibido) se viver no máximo a um quilómetro de distância e tiver filhos até aos 14 anos. Em Itália não é impossível que tenha de ir à praia em horários diferentes de acordo com a sua idade. Há até

Pulseira

Em Espanha, uma proposta para bares e restaurantes passa por dar uma pulseira aos clientes. A cor depende do contágio – só quem já tivesse sido infetado poderia entrar, com pulseira branca

90% dos hotéis chineses já reabriram – os níveis de ocupação rondam os 31%

MUITOS BARES DE PRAIA VÃO ADOTAR O TAKE-AWAY E HÁ EMPRESAS QUE VÃO ENTREGAR BOLAS DE BERLIM



uma empresa de Modena que garante ter várias encomendas de cubículos transparentes de acrílico, que ajudam a manter a distância social. E é ou não perigoso ir à praia? O vírus é sensível aos raios ultravioleta, por isso é pouco provável que sobreviva na areia, ao sol, com temperaturas elevadas, defendem os especialistas contactados pela SÁBADO. O problema é haver muita gente e muitas superfícies.

04 E bolas de Berlim, vai haver ou não?

► É possível que passe a ver vendedores de luvas, máscara e bronzeados à Covid-19. “Vamos manter os nossos quiosques e pontos de venda móveis ao pé da praia”, garante Alessandro Iuliano, proprietário da Berlineta, “porque o sistema de *take-away* terá seguramente muita procura”. Os cerca de 15 a 20 vendedores que costuma ter nos areais da Costa de Caparica e da linha de Cascais também vão continuar a entregá-las. “Se não nos deixarem ir à praia vender adotamos o conceito da telebola: as pessoas ligam-nos a encomendar e vamos entregar. Já estamos a trabalhar num *site* e numa *app* nova. Há muitas pessoas que já nos fazem encomendas por WhatsApp e através das redes sociais. Em 95% dos casos pagam por transferência bancária ou por MBway.”

05 Posso viajar de carro durante as férias?

► Não faria sentido abrir hotéis e praias e continuar a proibir viagens de lazer. “As viagens de carro terão de ser levantadas”, diz à SÁBADO o presidente do Turismo do Algarve. Não seremos os primeiros a fazê-lo: desde o dia 20 de abril que Noruega

e a Eslovénia autorizam viagens até casas de férias e a República Checa até já permite idas ao estrangeiro — desde que, no regresso, os checos apresentem um teste negativo para Covid-19, feito no máximo quatro dias antes, ou aceitem submeter-se a uma quarentena de duas semanas. “O mercado interno vai ser o primeiro a reagir e será fundamental este ano”, diz à SÁBADO Luís Araújo, presidente do Turismo de Portugal.

06 Então e viajar de avião, vai ser possível?

► Vários países, incluindo Portugal, admitem abrir o espaço aéreo no verão, outros, como a Alemanha, acham pouco prudente. Os preços tenderão a subir, porque haverá várias medidas de segurança. A americana Delta, por exemplo, não permite que se reservem bancos do meio, uma prática que várias companhias aéreas admitem seguir. Na Emirates é obrigatório usar máscara no aeroporto e no avião, as revistas de bordo foram retiradas e a bagagem de mão proibida (portáteis e produtos de bebé são algumas das exceções). Também já foram estreados os testes rápidos de Covid-19, com resultados em 10 minutos – a ideia é estendê-los a todos os voos, ainda que muitos especialistas alertem para a sua fiabilidade reduzida. Também a TAP está a preparar mudanças, diz à SÁBADO uma fonte do setor: “Em vez do serviço a copo vão generalizar-se as embalagens fechadas e esterilizadas e no longo curso a bandeja vai ►

► ser entregue envolvida em plástico.” Também é provável que passem a entrar apenas nos aeroportos as pessoas que vão viajar, sem direito a acompanhante, com máscara posta e controlo prévio de temperatura.

07 Quando posso ir dançar a uma discoteca?

► José Gouveia, presidente da Associação de Discotecas de Lisboa, não podia ser mais claro: “Vamos ser sempre os últimos da lista”, diz à **SÁBADO**. É difícil encontrar uma atividade mais propícia ao contágio do que uma discoteca: espaço fechado, pessoas a cantar, a beber e a falar ao ouvido. José Gouveia faz parte de um grupo de empresários da noite que estão a discutir medidas para apresentar ao Governo. “Lotação muito mais limitada, *staff* com máscaras e viseiras. A utilização pelas pessoas parece-me irrealista: as pessoas começam a beber e a máscara já foi... Não creio que isso seja possível. Temos de nos reinventar até à vinda da vacina.” Em Espanha, a congénere Asociación Internacional de Ocio Nocturno já divulgou um guia de reabertura – inclui um selo de garantia que obriga a cumprir um conjunto de requisitos, como desinfeção mensal do espaço com um nebulizador, máscaras, desinfetantes e luvas disponíveis para os clientes, ou pagamentos e pedidos sem contacto.

08 Quando regressar ao escritório, a minha secretária vai estar no mesmo sítio?

► Ainda que se sente no mesmo sítio, o colega mais próximo nunca es-

“NAS DISCOTECAS PARECE-ME IR-REALISTA. AS PESSOAS COMEÇAM A BEBER E A MÁSCARA JÁ FOI”, DIZ JOSÉ GOUVEIA

Lei Covid

Se considerar que a sua saúde está em risco, no Luxemburgo pode recusar-se a trabalhar sem ser despedido

tará a menos de dois metros (ou de duas mesas vazias, sugere a Comissão Europeia). “Testámos a distância de 1,5 metros e de 2 metros e isso reduz entre 30% a 50% o número de colaboradores que podemos ter”, explica à **SÁBADO** Eric van Leuven, diretor-geral da filial portuguesa da Cushman & Wakefield, que vai transformar salas de reuniões e copas em postos de trabalho. “Outra questão complicada são os elevadores. Nós ocupamos o 5º e o 6º piso e há outras empresas no edifício, teremos que estabelecer protocolos. Isso pode significar que os colaboradores dos 1º e 2º pisos só usem escadas. Ou que apenas se usem os elevadores para subir.” Os acrílicos são um negócio em expansão. “Já estamos a fazer muitos para *open spaces* de escritórios. E também muitos biombos para separação de zonas”, explica à **SÁBADO** André Ferreira, responsável pela empresa Culto da Imagem. E sim, é provável que tenha que trabalhar de máscara ou viseira. Sempre que possível, deve continuar em teletrabalho, diz a Comissão Europeia.



GETTY IMAGES



JORGE CUNHA



DUARTE RORIZ



09 Trabalho numa fábrica. Como vai ser o regresso?

▶ Muito diferente. O Grupo PSA, em Mangualde, ainda não voltou a produzir automóveis, mas já tem uma lista de mais de 100 medidas. Os funcionários vão ter de medir a temperatura antes de se deitarem, quando acordam e à chegada. Dentro das instalações haverá setas verdes e vermelhas a indicar direção e sentidos proibidos, cruzes amarelas a lembrar os dois metros de afastamento obrigatórios e escadas diferentes para subir e descer. As reuniões diárias de produção estão suspensas e haverá oito pausas por turno para desinfetar mãos e equipamentos. Se não conseguirem manter a distância de segurança na linha de montagem, podem puxar uma corda e parar a produção. Idealmente, devem ir trabalhar de carro e recusar boleias – se forem imprescindíveis não devem viajar mais de duas pessoas por viatura, uma à frente e a outra atrás, sentados de forma oblíqua. Fora de Portugal, há outras soluções:

o porto de Antuérpia, na Bélgica, pediu aos trabalhadores que testassem pulseiras que apitam se desrespeitarem a distância de segurança; já a Airbus dividiu os trabalhadores em duas equipas que usam circuitos diferentes para entrar e sair e nunca se cruzam.

10 Vou conseguir almoçar na copa ou no refeitório?

▶ À partida sim, mas de forma diferente. Na PSA os trabalhadores podem usar a cantina, mas têm de se sentar de costas uns para os outros, não são permitidas mais do que três pessoas numa mesa de seis e devem trazer a sua própria comida. As máquinas de café, *vending* e bebedouros também estão interditas – quem quiser beber café vai ter de o trazer de casa; as garrafas de água serão distribuídas pela empresa. Antes de comer terá de tirar a máscara e deitá-la fora e deve colocar uma nova para recomeçar o trabalho. Na produtora de vinhos Sogrape, a cantina tem seis turnos. E depois há, mais uma vez, os acrílicos. “Também temos divisões para cantinas”, explica à **SÁBADO** João Sousa, responsável pela Fabricril. “Houve até um caso em que o cliente pediu uma divisória na diagonal para mesas de quatro, o que eliminava logo dois lugares.”

11 Só posso utilizar transportes públicos se usar máscara?

▶ É quase certo que sim. Na Áustria é obrigatório usá-las nos transportes públicos e até nos carros – a não ser que transportem apenas pessoas que vivam na mesma casa –, na Alemanha também é obrigatório; Espanha aconselha uma máscara social e anunciou a distribuição de 10 milhões para utilizadores de transportes públicos. Também recomendou que circulasse apenas um passageiro por táxi ou *uber* – e sempre na fila de trás. Na maior parte dos países – incluindo Portugal – já é proibido comprar bilhetes dentro dos autocarros, a entrada faz-se por trás (para evitar contacto com os motoristas) e não é preciso carregar no botão stop para sair (a regra é a paragem automática, para evitar toques desnecessários em superfícies).

1 Os empresários da noite têm poucas esperanças de reabertura nos próximos meses

2 A Comissão Europeia recomenda reorganização dos escritórios: não estar sentado a menos de dois metros de um colega

3 A medição da temperatura vai ser obrigatória na fábrica da PSA em Mangualde, que produz carros Citroën, Peugeot e Opel

Além de reforçar a frequência dos transportes públicos, França está a construir ciclovias paralelas a alguns percursos mais concorridos e Milão anunciou mais 35km de percursos pedonais e para bicicletas.

12 O que podemos esperar da escola dos mais novos?

▶ A reabertura das escolas primárias e jardins de infância na Dinamarca a 15 de abril (e depois na Noruega) causou contestação entre os pais – muitos alegam, em grupos de Facebook e em várias petições, que os filhos não são ratinhos de laboratório. Os alunos têm de estar sentados a uma distância de dois metros, as turmas foram divididas em dois e as brincadeiras só podem ocorrer em pequenos grupos. Há marcações no chão para ajudar a manter distâncias e os auxiliares limpam as maçanetas várias vezes ao dia. Mais: os pais não podem entrar na escola, as crianças têm de lavar as mãos uma vez a cada hora, os docentes não se podem reunir na sala de professores e muitos estão a dar aulas ao ar livre. O exemplo dinamarquês está a ser monitorizado por toda a Europa, que vai começar a abrir escolas em maio a velocidades muito diferentes.

13 Os miúdos vão conseguir ir ao parque infantil?

▶ O mais provável é que, para já, os parques infantis continuem fechados, como acontece na generalidade dos países europeus – mesmo nos que, como a Áustria e a Polónia, já reabriram jardins e parques públicos. “As crianças têm uma carga viral muito maior que os adultos e são muitas vezes assintomáticas. São autênticas bombas-relógio: se uma estiver infetada, é provável que infete todas as outras. Os parques são sítios arejados, mas há muitas superfícies a serem tocadas. A abrir só com uma desinfecção muito reforçada”, defende Meneses de Almeida. Na Dinamarca e em Wuhan, na China, já há jardins zoológicos abertos – no primeiro caso apenas para visitas organizadas por creches; no segundo só com reservas *online*, medição de temperatura à entrada e ausência de sintomas de Covid-19. ▶

Madrid

Carros dos moradores (parados há meses) podem ser retirados para ganhar espaço para transeuntes e lojas

HAVERÁ ELEVADORES SÓ PARA SUBIR, SETAS A INDICAR O CAMINHO E PULSEIRAS PARA MANTER A DISTÂNCIA

14 Como é que vão abrir as lojas de rua?

1 Cristina Cardoso, 30 anos, vive na Dinamarca e abriu este ano o Silo Market, em Odense – vende produtos alimentares e detergentes a granel. Nunca teve de fechar e a adaptação foi fácil. A desinfecção das mãos à entrada “já era comum”, assim como os pagamentos com cartões *contactless* (95% dos clientes usavam). “É muito comum também pagar com a aplicação MobilePay, o equivalente ao MBway. A tendência que tem aumentado é pagar *contactless* com o telemóvel. Há clientes a pagar com *smart watch*!”

Uma das medidas do Banco de Portugal foi passar os limites de pagamentos *contactless* de 20 para 50 euros. O Governo deverá abrir o pequeno comércio a 4 de maio e, como detalhou João Vieira Lopes, líder da Confederação do Comércio e Serviços de Portugal, o arranque será com as lojas mais pequenas. Daniel Borges tem uma geladaria em Kreuztal, na Alemanha. Diz à **SÁBADO** que a partir desta semana é obrigado a usar máscara e os clientes (que podem não ter máscara), depois de receberem os gelados “têm de estar 50 metros afastados da geladaria”. Na Alemanha, as lojas até 800 m² já podem reabrir. Na Polónia, até 100 m² pode haver até quatro pessoas por cada caixa registadora. Nas lojas maiores a regra é 1 pessoa por 15 m². Os funcionários têm de ser testados.



15 O que vai mudar nos centros comerciais?

1 Já estão abertos para quem quiser ir ao supermercado, farmácias e *takeaway* – e dizem-se prontos para abrir totalmente no curto prazo. António Sampaio de Mattos, Presidente da Associação Portuguesa de Centros Comerciais, diz à **SÁBADO** que as praças de restauração terão “maior distanciamento entre mesas, ou a anulação de lugares sentados contíguos”. A entrada será controlada e as casas de banho estarão abertas e higienizadas. Dos principais centros comerciais contactados pela **SÁBADO** apenas quis falar a Via Outlets (que tem o Freeport Alcochete e o Vila do Conde Porto Fashion Outlet). Está a perceber o que resulta nos países onde não fecharam (Suécia ou Noruega) ou reabriram (Alemanha e República Checa). Alguns centros distribuem máscaras e luvas aos clientes, só há uma entrada e uma saída, os horários são mais reduzidos, ainda há lojas fechadas e é obrigatório cobrir boca e nariz – pode ser com um simples cachecol.

16 Vamos poder experimentar roupa nas lojas?

1 Provavelmente não – na República Checa, onde os centros comerciais estão a abrir, os provadores estão fechados. Mas o infecciólogista Jaime Nina diz à **SÁBADO** que se está a exagerar, que o vírus “morre em minutos no tecido” e que seria “uma hipótese num milhão” alguém ficar contaminado “mesmo que se espirrasse na roupa”. Os especialistas acreditam que na roupa o vírus se comporta da mesma maneira que no papel: as fibras absorvem-no em poucas horas.

João Sousa, gerente da Fabricril, empresa de acrílicos da Trofa, diz à **SÁBADO** que tem uma solução: “Uma câmara de esterilização. A roupa entra numa câmara transparente e é bombardeada com um desinfetante têxtil que não ataque as tintas e fibras. Há vários no mercado”, diz este engenheiro químico de formação cuja empresa familiar está assoberbada de trabalho devido à procura no mercado por barreiras de proteção em acrílico.



17 Vou ter de medir a temperatura nos restaurantes?

1 “É uma das propostas em cima da mesa”, explica à **SÁBADO** Ana Jacinto, secretária-geral da Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (AHRESP). Mas há mais: é quase certo que muitas ementas passem a ser descartáveis. “Também vai ter de lavar as mãos antes de se sentar na mesa e quando sair; entrar de máscara e só a tirar para comer: se for à casa de banho, terá que voltar a colocá-la”, acrescenta o *chef* Vítor Sobral, que está a pensar testar todos os funcionários para a Covid-19.

No JNcQUOI, de Paula Amorim, “vamos separar as mesas por acrílicos ou com distâncias de dois metros e estamos a pensar encomendar puxadores para as pessoas poderem abrir as portas com o pé, ou com o cotovelo. Também vamos passar a usar toalhetes, como as marisqueiras já faziam e criar uma viseira que misture a eficácia com o estilo, uma coisa personalizada. Estamos a falar quase de hora a hora com a Culto de Imagem”, explica à **SÁBADO** José Gouveia, *night manager* destes espaços.

Não são os únicos, garante André Ferreira, sócio desta empresa: “A semana passada passámos as 50 mil peças de apoios de balcão. Estamos a trabalhar 24 horas e a fazer 1.500 acrílicos por dia. Já contratei mais sete pessoas. Temos pedidos de mais de 40 restaurantes, sobretudo na zona de Lisboa, onde se servem muitos almoços a pessoas sozinhas.”

No caso das divisões de mesas,

1 Na Dinamarca, as crianças têm de lavar as mãos na escola pelo menos uma vez por hora. Os pais estão a denunciar o estado em que fica a pele

2 A exemplo de Espanha, pode ser proibido andar de autocarro sem máscara

3 Cristiana Cardoso é uma portuguesa que tem um negócio de rua na Dinamarca. Já toda a gente paga por *contactless*

**OS PROVA-
DORES DAS
LOJAS
DEVEM
MANTER-SE
FECHADOS.
“UM EXAGE-
RO”, DIZ
JAIME NINA**

Espanha distribuiu 10 milhões de máscaras para quem anda de transportes públicos



2

18 Vamos poder ir ao cinema? E ao futebol?

► No primeiro caso, sim. António Costa já admitiu que a lotação das salas vai ser reduzida e os bilhetes passam a ser marcados: de duas em duas filas e, para o lado, de três em três cadeiras. Quanto ao futebol, as equipas voltam aos treinos no início de maio e deverão recomeçar o campeonato em junho (não é oficial ainda, mas é quase certo). A final da Taça (Benfica-FC Porto) será no final de julho. E vai poder assistir? Sim, mas na televisão. Esta época não há mais jogos com público.

19 E requisitar um livro, voltará a ser possível?

► Há estudos de referência na *New England Journal of Medicine* (17 de março) e na *The Lancet* (2 de abril) que indicam que o vírus morre rápi-

acrescenta João Sousa, da Fabricril, “a ideia é ter umas calhas em baixo, que deem para colocar e retirar a divisória”. Na Europa, só a República Checa já reabriu algumas esplanadas; na Áustria, os restaurantes vão voltar a funcionar a 15 de maio; em Itália no dia 18; e na Holanda a 20. Na Dinamarca, os funcionários terão de trocar de luvas a cada 30 minutos; e na Alemanha haverá uma lista de presenças – para poder fazer testes facilmente em caso de infeção.

Condução

A Dinamarca já permite aulas práticas de condução desde que no carro estejam apenas aluno e instrutor

O JNCQUOI, DE PAULA AMORIM, ESTÁ A ESTUDAR PUXADORES PARA ABRIR PORTAS COM OS PÉS E OS COTOVELO

do no papel: o primeiro diz que não sobrevive 24 horas em cartão. O segundo fala em 3 horas de vida em papel impresso. Ou seja, nas bibliotecas, bastará guardar um livro um dia e pode ser usado por outra pessoa. As mudanças serão na lotação no interior e no eventual uso de máscaras e luvas. Nas hemerotecas, é muito pouco plausível que continuem a ser disponibilizados jornais do dia para consulta (bem como o acesso a computadores com Internet). Aos exemplares de arquivo, pode aplicar-se o mesmo princípio das 24 horas de espera.

20 Quando vamos voltar aos museus?

► Na Alemanha e na Áustria já estão a abrir e com as medidas que se previam: limitação de pessoas (uma por cada 15 m²), bilheteiras com acrílicos, interdição de pagamentos em numerário, proibição de visitas de grupo, guias de áudio só disponibilizados se se conseguir encontrar uma solução de desinfecção após o uso. Alguns museus estão a pedir aos Estados para estenderem o horário, ou criarem horas específicas para visitantes que pertençam a grupos de risco, ou ainda que tenham máscaras para fornecer a quem pedir.

21 Os ginásios vão reabrir? Com ou sem balneários?

► Na República Checa já se pode ir ao ginásio, mas com limitações. “As pessoas não podem usar os chuveiros, balneários e saunas, têm de ir já equipadas e sair com a mesma roupa. Faz-se exercício com máscara. Aliás, até há pouco tempo, mesmo que estivesse a correr na rua ou a andar de bicicleta tinha de usar máscara, agora já não”, diz Fábio Oliveira, dono de um restaurante em Praga. Áustria, Suécia, Polónia e Bélgica também já abriram os ginásios. José Paulo Reis, da Portugal Activo | AGAP, que representa 1.100 clubes, acredita que a reabertura está próxima. Diz à SÁBADO o que propuseram ao Governo: uma pessoa a cada 4 m², tempo de permanência limitado a uma hora, proibição de exercício dois a dois, horários exclusivos para idosos e encerramento dos



3



► chuveiros. Quanto à máscara, depende do que a DGS decidir – pode só aconselhar, mas cada ginásio “eventualmente obrigar ao uso”.

22 Vai voltar a haver visitas em lares e hospitais?

► França começou por permiti-las apenas para doentes em fim de vida, mas, neste momento, todas as pessoas que vivam em lares podem ser visitadas por dois familiares. Regras: devem permanecer a um metro de distância, de máscara posta e sem qualquer contacto físico. Alemanha e Bélgica permitem apenas um visitante por pessoa, mas no país liderado por Angela Merkel não há qualquer restrição para doentes em fim de vida ou unidades de cuidados paliativos. “Já reparou que França e Bélgica são dois dos países em pior situação e são dois dos que abriram primeiro? Eu esperaria mais umas semanas”, defende João Ferreira de Almeida, presidente da Associação de Apoio Domiciliário, de Lares e Casas de Repouso de Idosos. Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa de Administradores Hospitalares, defende igualmente cautela nos hospitais. “Creio que não vamos ter condições para visitas a doentes internados, mas fará sentido abrir algumas exceções, nomeadamente a doentes em fim de vida.”

23 E as grávidas, vão ter direito a acompanhante?

► “O futuro vai ser a liberalização e a permanência do acompanhante”, defende Carlos Veríssimo, membro do Colégio de Ginecologia-Obstetrícia da Ordem dos Médicos. “Se liberalizarem os testes rápidos, com resultados em 45 minutos, será ainda mais fácil. No Norte, onde a infeção começou mais cedo, já se permite em mais hospitais, porque também já se fazem mais testes. Dos 67 partos Covid-19 positivos no País, 50 foram feitos no Norte, têm muito mais experiência.” Também já é possível assistir ao parto em algumas zonas de Itália, na Dinamarca e Noruega.

24 Preciso de ir ao dentista. Vou conseguir?

► Ainda não se sabe quando, e o



FOTOS: ISTOCKPHOTO

NA REPÚBLICA CHECA OS DENTISTAS NUNCA PARARAM – EM PORTUGAL SÓ ABREM PARA EMERGÊNCIAS



Como é na Rep. Checa?

Fábio Oliveira tem um restaurante em Praga e diz à **SÁBADO** que o cliente paga e leva a comida para a mesa

bastonário da Ordem dos Dentistas, Orlando Monteiro da Silva, elenca à **SÁBADO** as mudanças prováveis: “O número de pessoas que poderão estar numa sala de espera, a separação de doentes em função do seu risco, da idade, dos procedimentos médicos de que necessitem.” Os consultórios vão estar despidos de tudo o que seja de uso comunitário: revistas, folhetos, máquinas de café e dispensadores de água. O Governo mantém os dentistas fechados (exceto urgências) porque considera a atividade “de risco acrescido de contágio” devido à proximidade dentista-paciente. É uma situação oposta à da República Checa. “Foi deixado à consciência de cada profissional ter ou não condições para exercer de forma segura”, diz à **SÁBADO** Rui Trindade, que tem uma clínica aberta em Praga, a Trindadent. Outra diferença. “A Ordem [dos Dentistas da República Checa] providenciou de forma gratuita respiradores FFP2 [máscaras].” Compare-se com o que diz o bastonário português: “Continuamos confrontados com a falta de equipamentos de proteção individual.” Rui



Os centros comerciais vão tirar os bancos compridos e reduzir o número de mesas e cadeiras

Trindade diz que há sempre uma triagem de doentes via telefone, incluindo possíveis sintomas, contacto com pessoas infetadas, e viagens ao estrangeiro. “No consultório, fazemos medição de temperatura e limitação do número de doentes, para que não se cruzem.”

25 E ao fisioterapeuta, já será possível ir?

► Só se for urgente e inadiável – caso contrário, o sistema vai reencaminhá-lo para a telefisioterapia. Adérito Seixas, presidente da Associação Portuguesa de Fisioterapeutas, diz à **SÁBADO** que os profissionais têm de fazer “um processo de triagem por telefone” para verificar se os doentes têm os sintomas da Covid-19. Já na clínica, o utente terá de usar “equipamento de proteção individual recomendado”.

26 Como é que vou arranjar as unhas e cortar o cabelo?

► A corrida aos cabeleireiros co-



meçou no dia 20, na Dinamarca, com vários sistemas de reservas a deixarem de funcionar com o excesso de procura e salões com filas de espera de três semanas. Já no próximo mês é possível que também os 38 mil cabeleiros, barbearias e institutos de beleza nacionais possam reabrir. Com muitas regras: os funcionários devem usar roupa de manga comprida e materiais descartáveis – e esterilizar os outros entre cada cliente, tal como as superfícies; os clientes e os empregados devem usar máscara. Além disso, é pouco provável que consiga cortar o cabelo sem marcação prévia, não haverá

revistas para ler e os anéis, brincos, colares e pulseiras devem ficar em casa. E se quiser arranjar as unhas? “Já temos mais de 200 pedidos para acrílicos de mesa com aberturas específicas para as máquinas de secar o verniz. Os cabeleiros pedem-nos mais viseiras”, diz à **SÁBADO** a Culto de Imagem.

27 Estava a pensar casar ainda este ano. Pode haver festa?

▶ É pouco provável, a não ser que seja pequena. Na República Checa e na Dinamarca são autorizados eventos até 10 pessoas. Mais generosos só os franceses, que preveem autorizar eventos com 100 pessoas a partir de agosto. “Neste momento não se pode, de todo, fazer casamentos e temo que nunca antes do fim de setembro sejam autorizadas festas com 100 pessoas”, diz Miguel Moreira, sócio do Parque da Penha, que organiza mais de 90 eventos destes por ano. “O último que tive foi a 28 de março: fizeram um jantar com os pais e os padrinhos e adiaram a festa para outubro.”

28 E a empregada doméstica, pode regressar?

▶ As empresas profissionais continuam a trabalhar. “À limpeza habitual adicionamos a desinfecção. Temos procedimentos com um produto aprovado pela DGS, para desinfetar as superfícies mais manuseadas, como puxadores de portas, interruptores e comandos de televisão”, explica à **SÁBADO** Nuno Rocha, diretor da House Chine do Porto. “As nossas

1 Na Rep. Checa as lojas de roupa abriram, mas os provadores estão fechados

2 A entrada nos centros será controlada e as casas de banho estarão abertas e higienizadas

3 Na Dinamarca, os cabeleiros entraram em rutura quando reabriram, no dia 20

profissionais já iam fardadas, neste momento vão de máscara, luvas e cobre-pés descartáveis. Sempre que saem de um cliente deitam tudo fora. No caso de ter havido um caso Covid-19 usam fatos de proteção completos, óculos e viseiras. Fazem a desinfecção de todas as superfícies com um pulverizador elétrico e no fim limpam com papel descartável. Há muitas empresas e lares que pedem este serviço, mas também particulares em que houve casos positivos e clientes de risco.”

29 Quando posso ir à Loja do Cidadão?

▶ Já é certo que alguns serviços públicos vão voltar. No portal dos contratos públicos há uma encomenda de 713 acrílicos de proteção (€65 mil) para as áreas de atendimento dos tribunais (que têm estado abertos, mas em serviços mínimos) e outro contrato com o mesmo fim, mas para as Lojas do Cidadão (€36 mil). Recorde-se que todos os documentos expirados depois de 4 de fevereiro são válidos até 30 de junho. Na Dinamarca, os tribunais reabriram com novas regras, entre elas a limitação de 1 pessoa por cada 4 m². A limpeza das instalações é feita várias vezes ao dia (incluindo casas de banho) e há dispensadores de gel espalhados.

30 O que vai mudar nas missas?

▶ A decisão do Governo não deve fugir à recomendação para os fiéis usarem máscara e à limitação de pessoas – na Polónia há missas desde dia 20, mas só pode estar uma pessoa por 15 m². Há muitos problemas para resolver neste campo. Como evitar filas à porta? O que fazer com as portas que têm de ser empurradas com as mãos? Há meios para desinfetar os bancos depois de cada missa? A pia batismal vai ficar vedada? É seguro dar e receber a hóstia? E o abraço da paz? É prático e possível fazer missas só para os mais velhos? É provável um regresso em maio, mas só em algumas igrejas de início. A catequese vai continuar por meios digitais e as procissões continuam vedadas. ◻

Barreiras

A Comissão Europeia recomenda divisões no trabalho, mesmo que improvisadas, com folhas de plástico ou gavetas móveis

A CATEQUESE VAI CONTINUAR NA INTERNET E FESTAS DE CASAMENTO SÓ COM POUCAS PESSOAS





RICARDO MEIRELES

MEMÓRIAS DE 10 VÍTIMAS DA PANDEMIA

AS HISTÓRIAS POR TRÁS DOS NÚMEROS

A doença chegou sem aviso e obrigou a despedidas precipitadas e difíceis: Rosa perdeu a mãe em oito horas, a mulher de Fernando morreu enquanto ele estava internado e o tio de Nuno sufocou em casa, dois dias depois do diagnóstico. Apesar da violência dos desfechos ficou a vida para lá da Covid-19. Por **Lucília Galha**

Desde 16 de março até ao fecho desta edição (27 de abril), 928 pessoas morreram por causa da Covid-19. Estes são alguns dos momentos que ficaram de 10 dessas pessoas – pela voz de quem as acompanhou em vida. Silvestre tornou-se maqui-nista para conquistar a mulher, António adiava julgamentos para ir buscar o filho, Maria Joaquina era tão elegante como a Rainha de Inglaterra.

MÁRIO LINO TERREIRO 72 ANOS

OPUGILISTA DEIXOU UM BILHETE À SUA PRINCESA

Uns dias depois de o pai morrer, Andreia Terreiro encontrou dois bilhetes numa das gavetas do seu quarto. Eram versos escritos por ele e dirigidos à filha mais nova, a sua “princesa” – nunca lhos chegou a dar. O primeiro dizia: “Minha filha, minha amiga, minha candura formosa, hoje rosa meia aberta, ontem um botão de rosa. Parabéns aqui te deixo, a ti, minha filha querida, que tens tudo de bom, ao longo da tua vida. Para ti, minha filha, a Deus peço com fervor, alegria, paz e saúde, e muito, muito amor. E o outro: “Se recordar é viver, recorda-me e viverás, esquece-me quando eu te esquecer e nunca me esquecerás. Mas se alguém te disser que eu te esqueci, reza por mim, pois nesse dia morri.” O antigo pugilista do Futebol Clube do Porto vivia para além do boxe. Era amante de fado (e até cantava), gostava de escrever quadras e, recentemente, tinha comprado duas guitarras portuguesas. “Embora não soubesse tocar”, conta o filho mais velho, Josué Terreiro. Reformou-se cedo, aos 45 anos, do seu emprego como soldador dos Transportes Coletivos do Porto – formação que obteve na antiga União Soviética, onde andou a soldar condutas de gás. Razão: ficou surdo do ouvido esquerdo. Terá tido a ver com o trabalho, mas também com os combates. Foram 276 ao longo da sua vida: oito vezes campeão regional, seis campeão nacional e chegou a ser selecionado para os Jogos Olímpicos. Era pugilista categoria Galo (51 kg). Agora dedicava-se a treinar o neto mais velho, Marcos, 16

Andreia Terreiro com a fotografia que ofereceu a Mário Lino no Dia do Pai, há três anos. Na imagem, estão avô e neto mais velho no ringue

SILVESTRE APAIXONOU- -SE AOS 17 ANOS. SÓ FOI PARA OS CAMINHOS DE FERRO PARA CON- QUISTAR A MULHER

ANTÓNIO PUNHA A FAMÍLIA EM PRIMEIRO LUGAR: ATÉ ADIAVA JUL- GAMENTOS PARA IR BUSCAR O FILHO

anos, a quem ofereceu as primeiras luvas e as primeiras ligaduras. Apesar de ser saudável, “o pai passava por marido”, assegura Andreia, não resistiu à Covid-19 – morreu no dia 30 de março, pelas 16h30. Marcos prometeu à mãe honrar os títulos do avô.

SILVESTRE REIS 91 ANOS

O CHEFE DE ESTAÇÃO QUE TODOS OS DIAS SONHAVA COM A MULHER

Florinda Ferreira das Neves já tinha morrido há sete anos, mas Silvestre Reis continuava a sonhar com ela todos os dias. Foi por causa dela que decidiu ir para os Caminhos de Ferro. “Era uma maneira de ter viagens grátis para a ver, sempre à distância, por causa do pai”, conta a sobrinha, Fátima Crisóstomo. Os tios não tinham filhos, ela era como uma filha para eles. Silvestre teria 17 anos, e Florinda 15, quando se apaixonaram: chegou a atirar pedrinhas à janela do quarto dela. “O pai deu conta e disparou dois tiros para o ar. O meu tio fugiu e subiu a uma figueira para se esconder”, recorda a professora já aposentada. O tio Beto, como o chamavam, tinha 91 anos, mas estava “todo desempenado, andava melhor que muitos de nós”, conta. Vivia numa residência há dois anos, mas todas as semanas ia almoçar a casa da sobrinha. “Servia-lhe sempre um café depois de almoço e ele perguntava: ‘Está batizado?’ Eu punha-lhe um cheirinho de aguardente”, admite, emocionada pela recordação. Depois da refeição, sentava-se no sofá e adormecia aquecido pela salamandra. Mesmo quando as visitas ao lar foram proibidas, por causa da pandemia, Fátima continuou a levar-lhe uma tablete de chocolate negro – um pequeno prazer. Tinha apenas tosse quando foi para o hospital, mas o seu estado agravou-se e, a 2 de abril, às 12h50, morreu vítima da Covid-19.

ANTÓNIO JOAQUIM MERÊNCIO 72 ANOS

O ADVOGADO QUE NÃO PERDIA UM JOGO DO FC PORTO

Na terça-feira, 10 de março, o pai foi buscá-lo ao aeroporto, como sempre fazia. Assim que entrava no

carro, o filho mais novo, João Merêncio, 33 anos, fazia sempre a mesma pergunta: “Então o teu Porto?” O pai era ferrenho daquele clube de futebol – a ponto de tomar um calmante antes dos grandes jogos. João é enfermeiro de Cuidados Intensivos e trabalha na Suíça, mas vive em Portugal. “Vou todas as semanas e o meu pai, fosse a que horas fosse, ia levar-me e buscar-me. Chegou a adiar julgamentos porque sabia que nesse dia eu chegava”, conta António Joaquim Merêncio, 72 anos, era advogado e continuava a trabalhar para esperar pela reforma da mulher – 10 anos mais nova. Fizeram 38 anos de casados no dia em que foi internado, a 13 de março, e soube-se logo depois que estava infetado. “A minha mãe namorava com outro rapaz, muito mulherengo, e o meu pai estava interessado nela. Disse a esse rapaz: ‘Ou tu deixas a Mabilde e a respeitadas, ou dou cabo de ti.’ Ficou com o caminho livre”, conta o filho. Nessa última semana, antes de adoececer, João ainda almoçou com eles todos os dias – está a projetar uma casa com a mulher, em Ovar, onde vivem, e o pai ajudava a resolver as burocracias. A última vez que o viu foi nesse dia 13. Morreria 13 dias depois de ser internado no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, às 13h15, de 31 de março. “Foram os piores dias da minha vida”, admite João Merêncio. O pai tinha artrite reumatoide e tomava um imunossupressor – tinha o sistema imunitário debilitado e não resistiu à infeção.

JOSEFA DA CONCEIÇÃO MIGUEL 83 ANOS

A “ROSA MOTA” DEIXOU TUDO ARRUMADINHO

Não havia uma caneta fora do sótão, ou sequer um pano de cozinha desarrumado. Era assim que Josefa da Conceição Miguel gostava de ver a sua casa. Mesmo no dia em que foi internada, fez questão de arrumar tudo antes de ir para o hospital. A filha mais nova, Maria Alice, ficou impressionada quando, já depois de a mãe morrer, entrou em sua casa para procurar uma fotografia. É essa a imagem que guarda dela. “Não me

▣ lembro de a ver sentada no sofá. Queria tudo em movimento, tinha uma energia contagiante”, conta à **SÁBADO**. Não era por acaso que amigos e familiares a chamavam Rosa Mota. Era vaidosa e gostava de se arranjar. Ao sábado de manhã, ia ao cabeleireiro e, ao domingo, tomava o pequeno-almoço com as amigas na Confeitaria Leça, ia à missa do padre Francisco e almoçava no restaurante. Dizia com graça: “Já sou empregada a semana toda, ao fim de semana, sou patroa.” Não gostava do nome Josefa, preferia Sãozinha e até pedia à filha para, quando partisse, pôr Conceição Miguel na lápide. Era muito cuidadosa com o que comia, sobretudo peixe, fruta e sopas. Resistiu a dois cancros: o primeiro, em 2001, no intestino, e o segundo, no ano passado, ao duodeno. Numa semana, foi operada duas vezes: tiraram-lhe parte do intestino, do estômago, do fígado e do pâncreas. Foi internada a 18 de março por causa de uma infeção urinária, depois teve uma bactéria no sangue e acabou por apanhar o vírus. Morreu no dia a seguir ao domingo de Páscoa, a 13 de abril. Maria Alice tem, desde então, uma vela branca acesa em casa – em homenagem à mãe. “Nunca vi vela a arder como esta”, diz, emocionada.

ARMANDO JOSÉ DIAS 58 ANOS

SE O CÉU PRECISA DE UMELETRICISTA, LEVOU O MELHOR

▣ As famílias de seis irmãos moram naquele aglomerado de casas em Baguim do Monte, Gondomar. É o mesmo bloco, mas as entradas são independentes. Amiúde, ouvia-se a frase: “O pai já vai.” Era como Armando José Dias, 58 anos, respondia, sempre que era preciso tirar um carro que estivesse a bloquear a saída de outro. No pátio comum às casas, o electricista comemorava com grande vigor o São João. Nas semanas que antecediam à festa, punha as lâmpadas e os balões de papel. “Inventou um sistema com secadores de cabelo que serviam de fogareiros para assar castanhas, e outro para assar sardinhas”, conta o sobrinho por afinidade, Nuno Coelho. Além das netas (tinha duas de sangue, a Mariana e a



RICARDO MEIRELES

Carolina, e outra, a Maria, de coracão), gostava de pintar e de fazer retratos da família, a carvão ou a óleo, em tela. “Eu dizia-lhe, na brincadeira, que ele estava entre o Picasso e o Dalí”, diz o arquiteto. Era autodidata, nunca teve formação. Em apenas dois dias, o vírus destruiu-lhe os pulmões e não resistiu. Era improvável que lhe acontecesse a ele: “Tinha a diabetes controlada, era cuidadoso e muito novo”, detalha Nuno Coelho. Soube que estava positivo (para a Covid-19) dois dias antes, mas foi para casa. Às 5h, de 31 de março, acordou com falta de ar – já estava a dormir separado da mulher, para não a contaminar. Quando o INEM chegou, já não o conseguiram reanimar. Na noite em que a neta mais nova, Carolina, 3 anos, soube que o avô morreu, quase não havia estrelas no céu. Mas estava lá uma, muito brilhante. “Olha, mãe, está ali o avô”, disse para Ana, a filha mais nova de Armando. Nuno Coelho, que formava sempre dupla com o tio (nos matraquilhos ou nas descidas do Mondego, que faziam a cada dois anos), não tem dúvidas: “Se o céu precisa

ARMANDO FESTEJAVACOM VIGOR O SÃO JOÃO. ATÉ ARRANJOU UM SISTEMA DE ASSAR SARDINHAS COM SECADORES

▣ Maria Afonso (à direita) com a filha, Natália Cernadas, e uma das bisnetas, Camilla, no dia do seu batizado, em 2015



de um electricista, então vai ficar tudo bem: levou o melhor.”

MARIA AFONSO 91 ANOS **AS MEMÓRIAS DA ÚLTIMA TARDE COM A FILHA**

▣ Nenhuma das filhas (tinha três, mais um rapaz) herdou da mãe o jeito de mãos. “Ela bordava muito e achava que nós não éramos boas donas de casa porque não fazíamos camisolas para os nossos filhos”, conta a filha, Natália Cernadas, de 62 anos. Maria Afonso, 91 anos, foi toda a vida doméstica, dona de casa prendada que aos domingos tinha sempre um bolo caseiro – pão-de-ló ou pudim, de que o irmão de Natália gostava muito. Mas era a matriarca da família: o marido ganhava o dinheiro, ela é que o geria. “Sempre que o assunto era esse, o meu pai dizia-nos: ‘Têm de falar com a mãe’”, conta a antiga professora de Francês. Até aos 89 anos viveu sozinha e independente, mas, a partir daí, começou a ter lapsos de memória. Nunca deixou de reconhecer a família – estava viúva há 14 anos, e, além dos quatro filhos, tinha seis netos e quatro bisnetos –, mas esquecia-se de comer. Estava há dois anos numa residência sénior em Pedrouços, na Maia (onde se terá infetado), e morreu por causa da Covid-19 a 3 de abril. Natália Cernadas não chegou a vê-la doente, nem fragilizada – o lar suspendera as visitas cerca de um mês antes, e a última memória que guarda da mãe é reconfortante. “Fui visitá-la, ia sempre, e passeámos no jardim porque estava sol. Ela comeu Nestum nesse dia, ao lanche. Lembro-me de que tinha

Quando a mãe morreu, Maria Alice Oliveira comprou uma vela que, desde então, mantém sempre acesa na sua casa em homenagem a ela

as unhas pintadas de cinzento e eu perguntei-lhe: 'Mãezinha, gostas dessa cor?' Respondeu-me resignada, mas sorridente: 'Ora, foram elas que mas pintaram"', recorda.

ROSA GOMES MARTINS 82 ANOS

DESPEDIU-SE DA FILHA, MAS NÃO DO NETO ROFINHO

▶ Eram 7h da manhã de 30 de março quando Rosária Muniz recebeu uma chamada da mãe a pedir para a levar para o hospital – estava com muita falta de ar. Não ficou apreensiva, já tinha visto a sua mãe pior. Rosa Martins começou a ter problemas de saúde aos 59 anos. Sofria de asma crónica, tinha bronquite, só um pulmão a funcionar (a apenas 30%) e dependia de oxigénio 24h por dia. Apesar disso, era independente: fazia o jantar e preparava-se sozinha. “Os médicos admiravam-se com a força dela”, conta a segunda filha de cinco. Nessa manhã, Rosária Muniz soube que o estado de saúde da sua mãe era crítico – tão grave que a chamaram para se despedir. Vestiu um equipamento de proteção, sentou-se ao seu lado e ainda lhe pegou na mão. Oito horas depois daquele primeiro telefonema, receberia a notícia de que a mãe tinha morrido. A vida não foi mais fácil do que a morte: Rosa vinha de uma família de lavradores, não foi à escola porque, aos 8 anos, já ajudava os pais a levar o gado para pastar. “Mas aprendeu sozinha a ler e fazia contas melhor do que nós”, conta a filha. Aos 18, mudou-se da então freguesia de São Paio de Merelim, em Braga, para Matosinhos. Foi trabalhar na casa de um casal como empregada interna. Conheceria o seu marido nas idas ao mercado – ele tinha lá uma banca de verduras. Para criar os cinco filhos teve, a certa altura, de emigrar para Niterói, no Brasil – onde vivia uma cunhada. Tinha seis netos e três bisnetos, mas o primeiro era o preferido. Roffmam Muniz, ou Rofinho (como a avó lhe chamava), vive no Brasil, mas já tinha prometido vir passar o Natal com ela. Quando emigrou, em 2016, ela achou que nunca mais iria vê-lo. Assim aconteceu. ▶

MARIA AFONSO ERA A MATRIARCA DA FAMÍLIA. NÃO TRABALHAVA MAS ERA ELA QUEM GERIA O DINHEIRO

ROSA MARTINS NÃO FOI À ESCOLA, MAS APRENDEU A LER SOZINHA E FAZIA CONTAS MELHOR DO QUE NINGUÉM

AJUDAR OS LEIGOS PARA O DESENVOLVIMENTO

COM **0,5%**

NÃO CUSTA

- NADA**
- MESMO NADA**
- ABSOLUTAMENTE NADA**

Para completar este anúncio 0,5% basta.
Para ajudar-nos também.

Doe 0,5% do seu IRS seleccionando os **Leigos para o Desenvolvimento** como entidade a quem pretende consignar o seu IRS ou IVA, com o **NIF 501 917 705**. Vivemos tempos difíceis e mais do que nunca a sua ajuda é importante para nós. Basta colocar o **NIF 501 917 705** no **quadro 11 do modelo 3** do seu IRS e assinalar **Instituições Particulares de Solidariedade Social**. Esta é uma ajuda que não lhe custa absolutamente nada. Juntos fazemos a diferença na vida das mais de 50.000 pessoas que beneficiam dos nossos projetos.



**501
917
705**^{NIF}



LEIGOS PARA O DESENVOLVIMENTO

leigos.org

ANA DA CONCEIÇÃO ALVES 89 ANOS

A ANINHAS ERA MESTRE A FAZER CALÇAS

▶ O incêndio que deflagrou no prédio de quatro andares onde vivia com o marido deixou intactas apenas as paredes exteriores do edifício. Mas foi encontrado no meio dos escombros um objeto mínimo, de grande valor para Aninhas: o relógio de peito que o seu filho mais velho lhe trouxe de Paris. Eugénio Gonçalves guarda essa recordação que resistiu ao incêndio e que agora lhe lembra a sua mãe. Ana da Conceição Alves, 89 anos, toda a vida foi dona de casa, mas tinha uma espécie de ofício informal: era calceira (operária que só faz calças). O seu pai era um dos principais alfaiates de Matosinhos e Leça da Palmeira – vestia os mestres de traineira e arraste e os patrões das fábricas de conservas. “Aos sábados íamos entregar-lhes os fatos para usarem no dia seguinte. Passear na Brito Capelo era a vaidade de domingo”, conta o filho de 70 anos. Vivia sozinha desde a morte do marido, há 14 anos. Até ao final do ano passado, ia todas as sextas-feiras à piscina com a nora. A 5 de janeiro, foi internada no Hospital Pedro Hispano com uma infeção no rim, e já não regressou a casa. Nesse período de quase três meses também foi operada à coluna e preparava-se para ter alta quando se infetou – Eugénio Gonçalves já tinha, inclusive, arranjado uma cama articulada. “Só soubemos que ela estava infetada no dia em que ela morreu”, conta, pesaroso. A comunicação com o hospital era difícil. Ana da Conceição Alves morreu às 23h45 do dia 2 de abril.

MARIA CÂNDIDA DOS SANTOS 63 ANOS

O FERNANDO RESISTIU, MAS PERDEU A PESSEGUINHAS

▶ Quando, na sexta-feira, 27 de março, teve falta de ar e deu entrada no Hospital de Santo António, no Porto, ninguém esperava aquele desfecho. Nem sabiam sequer que estava infetada. Dois dias depois, domingo, 29, o marido, Fernando Moreira Ramiro, foi internado no



RICARDO MEIRELES

São João – perdeu o palato e, depressa, o seu estado de saúde agravou. Foi transferido para os Cuidados Intensivos e recebeu oxigénio. Foi durante esse período (uns oito dias) em que esteve mais crítico, que a sua Cândida acabou por morrer. Aconteceu a 30 de março, pelas 10h, enquanto o marido estava internado. Quando, finalmente, teve acesso ao telemóvel “recebi a notícia que menos esperava”, diz, emocionado. “Alguma vez eu pensava que era caso de morte”, diz, incrédulo. Estavam casados há 39 anos e meio, a beirar os 40 (que celebrariam a 11 de novembro). Viviam na mesma freguesia, Sobrado, em Valongo, e ambos gostavam de bailaricos – “os passos de dança batiam certos”, recorda Fernando. A antiga operária fabril herdara, assim como os irmãos (eram sete raparigas e dois rapazes), a alcunha da mãe: Pesseguinhas. Que terá surgido porque ela tinha uma taberna. Era assim que Fernando a chamava quando se queria meter com ela. Cândida não se ficava: “Sou, e com muito gosto.” Apesar da vitalidade, tinha vários problemas de saúde: sofria de diabetes tipo 1 e precisava de insulina duas vezes por dia; teve tuberculose aos 13 anos que lhe deixou sequelas nos pulmões e recebeu um transplante de rins há quase 30 anos – estava em vias de começar novamente a hemodiálise.

MARIA JOAQUINA DA COSTA 74 ANOS

OS DOIS FILHOS NÃO SE DESPEDIRAM COM UM BEIJO

▶ O último dia em que Mário Alves esteve com a mãe foi a 5 de abril. Guarda uma memória feliz, e reconfortante, dessa noite. Ela já tinha algu-

▶ Eugénio Gonçalves segura um retrato da mãe, Ana da Conceição Alves, que trabalhou como calceira para vestir os mestres das traineiras

SEMPRE QUE SE QUERIA METER COM A MULHER, FERNANDO CHAMAVA-LHE PESSEGUINHAS – A ALCUNHA QUE CÂNDIDA RECEBEU DA MÃE

TI QUINA ERA VAIDO-SA. GOSTAVA DE TER O ARMÁRIO CHEIO E METADE DAS COISAS NEM SEQUER USAVA

mas dificuldades de mobilidade, agravadas pelo confinamento. Mário e a mulher, Fátima, estavam a deitá-la, mas ela não estava a colaborar. “Dona Joaquina, está a ficar trenga, não me ajuda nada”, disse-lhe a nora, para a arrebitar. “A minha mãe levantou a cabeça e saiu-se com uma muito engraçada: ‘Trenga és tu!’ Foi um momento de descompressão”, recorda o filho mais velho, de 50 anos. Antes de trabalhar como cortadeira numa fábrica têxtil, a Ti Quina – “como o meu pai há uns anos a tratava, carinhosamente” –, começou como padeira, para ajudar a mãe. Foi na distribuição do pão porta a porta que, com 21 anos, conheceu o marido. “Aquele homem vestido de preto, e com gravata, intrigava-a”, conta o administrador financeiro. Casaram e, a 25 de maio de 2018, celebraram 50 anos de casados. Maria Joaquina parecia “a Rainha de Inglaterra” nesse dia – “estava fabulosa”. Gostava de se arranjar e de ter o armário cheio. “A dona Joaquina trazia tudo o que havia na rua e metade das coisas não usou”, reclamava, conformado, o marido. Quando o casal ia de férias, era preciso levar uma mala vazia só para as compras. Entrou no Hospital Pedro Hispano, em Matosinhos, a 6 de abril com uma infeção urinária grave. Depois, teve uma infeção no estômago e outra no rim. A 13 souberam que estava infetada com Covid-19, e quatro dias depois, a 17, acabaria por morrer. A despedida foi o que mais custou – não houve oportunidade sequer para os dois filhos lhe darem um beijo. Mas, a caminho do cemitério, o carro da funerária parou um instante na casa dos seus pais. Foi um “momento emotivo” e a homenagem possível em dias de pandemia. ◻



INSTANTÂNEOS (OU QUASE)



Premonição

O ex-juiz Sergio Moro tem defeitos? Tem. E virtudes? Sim, e muitas. Mas devia ter percebido logo que alguém como ele nunca poderia resistir num governo. Seja de Bolsonaro ou de outro político. Sobra a hipótese de um governo de... Moro.



Praia à régua

Pôr o ónus da vigilância da distância social nas mãos dos nadadores-salvadores. Espero que não seja essa a intenção do Governo, porque acho que não há miúdo de amarelo e vermelho que vá resistir às toalhas e às entradas lotadas nos areais.



Drs. Covid

Programas de estágio adiados, salários renegociados, condições de trabalho espremidas. Com um salário médio líquido mensal de 736 euros, ser licenciado até aos 24 anos deixou de ser um mundo de oportunidades.



O iluminado

Associar o luto nacional a não comemorar o 25 de Abril. A lógica do tonto e fanático padre Portocarrero já é conhecida há muito. Abril permitiu-lhe isto. Noutro tempo, seria pior. Para os outros.



Last doc.

The Last Dance (só vi 2 dos 10 episódios) é um hino ao documentário. Até para quem não gosta de basquetebol ou dos Bulls. Já de Deus disfarçado de Michael Jordan (agora, com 57 anos e de charuto na mão) é difícil não gostar.



Só estúpido

Após tantos anos, ainda estou para perceber até onde vai o baú de palermices do antigo líder dos patrões, Ferraz da Costa. Agora, insinuou que os empregados (se calhar, do público) não devem gozar férias.



E o prazer?

Como vão ser as relações de amor e intimidade entre a malta nova? Medo e afastamento? Pedem-se atestados de imunidade? Se calhar alguns *gins* acabam com dúvidas destas (diz o gajo de 52 anos).



Milagrinho

Em plena pandemia, o grupo RTP (que gasta mais de 250 milhões por ano) revelou que deu lucro em 2019: 900 mil euros. É obra? Ou é a parceria entre dinheiro público e publicidade privada?



Coisas sérias

A discussão já não é como Marques Mendes consegue dicas do Governo e afins que vende na SIC. A verdadeira discussão nas redes sociais é como o (ex)político lobista conseguiu o bronze que ostenta à frente da estante.



Diretor-adjunto
António José Vilela



No Governo ninguém usa máscara, mesmo em situação de proximidade. E mãos na cara, há muitas



Lina Santos distribuiu 15 viseiras da UGT num dia aos colegas. Mas eles levam-nas "para desinfetar" e não voltam com elas... Só um começou logo a usá-la



PARLAMENTO. O MAU EXEMPLO NA PREVENÇÃO DO CONTÁGIO

SEM MÁSCARA, SEM HI

No PSD convive-se e vai-se comer gelados e no PCP não há afastamento. Só sete deputados



▶ Ferro Rodrigues não quis máscaras no 25 de Abril. E costuma tocar na face

Sem medos

Os portugueses fazem filas de dois em dois metros para fazer compras no supermercado ou na farmácia. E os deputados? Não fazem nada parecido com isso

◀ Duarte Cordeiro: mão no nariz, boca e bocal do telefone. Máscara? O que é isso?



▶ Os encontros e a aproximação são uma constante nas bancadas

FOTOS: PÉDRO GATARINO

Se o deputado comunista António Filipe estiver infetado com o novo coronavírus (Covid-19), é provável que tenha contagiado o seu líder da bancada, João Oliveira. Ou vice-versa. Sem máscara, falavam sentados lado a lado em pleno debate quinzenal, a menos de meio metro um do outro, sem qualquer distância de segurança, numa fila de hemicírculo composta por cinco cadeiras, três delas vazias. No lado oposto da Assembleia da República (AR), o social-democrata José Silvano, ao entrar em plenário, deu uma palmada amigável no peito do deputado Hugo Carneiro (PSD), trocando os dois umas palavras bem-humoradas de perto. Os deputados presentes no debate de dia 22 de abril mostravam-se assintomáticos, é verdade, mas quase todos arriscavam na hora de interagir com o colega do lado ou da frente.

Com vista privilegiada das galerias para o plenário, a **SÁBADO** esteve atenta a um detalhe em concreto do debate quinzenal: os desrespeitos dos deputados no que toca às regras básicas de higiene, distanciamento social e etiqueta respiratória em tempos de pandemia. E tanto à esquerda como à direita, houve aglomerados, conversas com proximidade e toques inconscientes, no nariz, boca e em partes do corpo de colegas – e até pausas para ir em grupo à geladaria mais próxima.

Rio, um íman laranja

Um dos partidos mais saídos da casca é o PSD. Com o tocar da campanha da AR que deu início aos trabalhos, viu-se uma enchente de sociais-democratas. Entram em direção aos seus lugares, param para cumprimentar os colegas, ▶

GIENE, SEM DISTÂNCIA

usam material de proteção. A generalidade ignora conselhos da DGS. Por **Alexandre R. Malhado**



Sem distância
Há ajuntamentos nas bancadas e nos corredores e combinações para ir comprar gelados juntos. Nem nos restaurantes, quando abrirem, se vai poder estar tão perto

meter a conversa em dia, todos em grupos de três ou quatro pessoas. Quando chegam aos seus lugares, ligam os respetivos computadores e pouco depois, antes sequer da intervenção inicial do primeiro-ministro, vão-se embora.

Um dos que ficaram mais cercados foi Rui Rio. À sua volta no corredor da bancada laranja, Álvaro Almeida, Isabel Meireles e Ricardo Baptista Leite (o único de máscara no PSD) conversavam próximos do presidente social-democrata, que esboçava um sorriso para os companheiros. Esperemos que ninguém naquele grupo esteja infetado, porque àquela distância de conversa – muito menor do que a medida de um a dois metros recomendada pela Direção-Geral da Saúde – houve com certeza troca de gotículas.

De acordo com fontes na bancada social-democrata, este aglomera-

rado inicial na bancada do PSD deve-se a um novo sistema implementado: foi pedido aos parlamentares do PSD para marcar presença no computador e ir embora, ficando apenas os 16 escalados, entre eles coordenadores e vices, para cumprir a quota do 1/5 da bancada. Antes era diferente: só iam os 16 e os deputados de Lisboa, Setúbal e Santarém (mais próximos de Lisboa) ficavam em *standby* para substituições.

Quando acabaram os trabalhos parlamentares, um grupo de quatro deputados do PSD fez-se à fila do Nannarella, popular geladaria ao lado de São Bento. Entre eles, Crisóstvão Norte e Carlos Silva, numa amena cavaqueira acompanhada por toques no braço, proximidade social e boa-disposição.

A deputada que dá viseiras

“É de não nos vermos há algum tempo, sabe”, disse Lina Lopes, deputada do PSD e vice-secretária da mesa do parlamento, tentando justificar o excesso de convívio da sua



SÓ SETE PARLAMENTARES USARAM MÁSCARA NO DEBATE QUINZENAL COM O GOVERNO

4 No BE e no PCP não se pratica o distanciamento nem cadeiras de intervalo - e Jerónimo de Sousa é de um grupo de risco

bancada. A parlamentar, do círculo eleitoral de Lisboa, é das poucas que se protegem – e que faz pelos outros também. Naquela tarde de debate quinzenal, trouxe da UGT (em que preside à comissão de mulheres) uma caixa de 20 viseiras, uma para si e as restantes para os seus colegas de parlamento.

“Outros deputados já me tinham pedido viseiras antes e eu fiz questão de as trazer [à AR] para as distribuir”, contou à SÁBADO. Com a ajuda da socialista Maria da Luz Rosinha, primeira secretária da Mesa da Assembleia da República, Lina Lopes distribuiu 15 viseiras entre deputados e funcionários. “Um agente da polícia até confessou que preferia ter a nossa viseira da UGT, que é mais confortável”, explicou a deputada.

Vários parlamentares do PS e PSD aceitaram a oferta, mas apenas Fernanda Velez (PSD) ousou equipar-se prontamente. “Alguns deputados disseram que preferiam primeiro desinfetar em casa”, explicou. Foi o caso do socialista Santinho Pacheco, da Guarda, que preferiu pôr de lado a viseira.

É assim, srs. deputados

As regras que todos (até os políticos) deviam já saber

A DGS faz uma série de recomendações de prevenção. A autoridade de saúde pede o distanciamento social entre **um a dois metros** e que, se espirrar ou tossir, tape o nariz e a boca, usando um lenço de papel ou o antebraço, mas nunca com as mãos. Além disso, evite tocar na cara com as mãos e lave-as frequentemente durante 20 segundos.





FOTOS PEDRO CATARINO

1
Um momento de convívio entre bancadas

2
Rio entre os seus com à vontade. Os deputados do PSD também vão todos ao mesmo tempo para o plenário registar a presença

3
O ambiente descontraído nos corredores: sentadas ou em pé, há proximidade entre as pessoas, que circulam também perto umas das outras

“Há alguma vergonha em usar este tipo de proteção, como máscaras, admito. Ainda nos estamos a adaptar a esta realidade. Lembro-me da primeira vez que vimos um colega de bancada a usar uma máscara: chocou-nos. Mas é porque não estamos habituados”, salientou, referindo-se a Emídio Guerreiro. A social-democrata explica que muitos hesitaram em usar logo máscara devido à recomendação inicial da DGS em não a usar.

Uma esquerda descuidada

A deputada e ex-ministra da Administração Interna, Constança Urbano de Sousa, tem todos os cuidados necessários: gel desinfetante em cima da mesa, máscara cirúrgica na cara e uma distância de segurança do seu colega de carteira, Pedro Delgado Alves. Quando os colegas socialistas começam a trocar palavras, a ex-governante retira a máscara com os dedos segurando pela área exterior “infetada”, quiçá inconscientemente.

A esquerda parlamentar é, em geral, descuidada no que toca às regras de etiqueta Covid-19. No Bloco de Esquerda, não há qualquer proteção à vista nem se pratica distanciamento (as cadeiras são ocupadas sem intervalo). No PCP existe muita descontração: Bruno Dias cumprimentou António Filipe, atirando gotículas para a bancada, e Paula Santos saiu do seu lugar para ir sussurrar a Alma Rivera, por exemplo.

No Governo, nota-se que é difícil abandonar velhos hábitos. O primeiro-ministro, António Costa, tem tendência para coçar o olho e o ministro da Economia, Pedro Siza



Constança

Urbano de Sousa ainda não sabe como retirar uma máscara: não é pela parte exterior, potencialmente infetada. E, posta, deve tapar também o nariz

“HÁ ALGUMA VERGONHA EM USAR ESTE TIPO DE PROTEÇÃO”, EXPLICA LINA SANTOS, DAS POUCAS PESSOAS QUE A USAM

Vieira, boceja com o assunto das telescolas (e põe a mão na boca, como manda a boa educação, sendo pouco higiénico em tempos de pandemia). Até o secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, Duarte Cordeiro, faz o que está habituado: tapa a boca com uma mão quando fala ao telefone.

Em geral, pouca gente usa máscara no parlamento. No total, apenas sete parlamentares usaram equipamento de proteção individual no debate quinzenal: Urbano de Sousa era uma das três deputadas do PS de máscara, juntando-se a Ricardo Baptista Leite e às duas sociais-democratas de viseira. Na bancada do Governo, nem uma.

Nem o próprio presidente da Assembleia da República, Ferro Rodrigues. A dias da celebração no parlamento do 25 de Abril, a segunda figura de Estado recusou a

ideia de que os presentes usassem máscara, já que o mesmo não acontece nos plenários que têm continuado a realizar-se “sem que nunca se tivesse levantado esse problema de saúde pública”. “Então nós íamos mascarados para o 25 de Abril?”, perguntou.

A ligeireza perante o uso de máscara contrasta com medidas aplicadas às escolas, por exemplo: quando as aulas retomarem, o uso de máscara será obrigatório no 11º e 12º anos. Para Fausto Pinto, presidente do Conselho de Escolas Médicas Portuguesas, “está demonstrado que a utilização das máscaras diminui o potencial de contaminação”. “O que nos incomodou na posição da DGS foi o argumento ‘de que não era eficaz’. Isto não é verdade. O que temos é que não há máscaras suficientes e, por isso, arranjou-se um artifício, uma desculpa.”

INTERNATIONAL CLUB OF PORTUGAL
Joining Cultures

OBRIGADO!

Main Sponsor: GRUPO8
Gold Sponsors: AM 48, Carclasse, GRUPO BEL, LeasePlan
Media Partners: JE, CORREIO, R, Espiritual, LIDER, S

O Mundo todo num só Clube!

www.icpt.pt | (+351) 211 320 413 | 91 333 00 55 | geral@icpt.pt | geral.icpt@gmail.com

As luzes estão guardadas nos estúdios de fotografia do IADE. Atrás das portas trancadas do edifício, em Santos (Lisboa), estão também as câmaras obscuras para revelação de imagens analógicas e a oficina de cerâmica. Desde que esta escola privada fechou – e foi das últimas – os alunos sentem que estão a aprender menos (porque lhes faltam estas ferramentas), mas ainda a pagar o mesmo (apesar de a direção estar disponível para rever os casos em que há problemas económicos). E isso é injusto, diz Manuel Cabaço.

O dirigente associativo estima que a propina mensal varia entre os 453 e os 667 euros: “Deveria haver um corte, não precisava de ser extravagante, mas simbólico. A associação de estudantes fez um inquérito a 400 alunos (num universo que estima ser de 3 mil) e percebeu que 70% deles “perderam ferramentas essenciais para o desenvolvimento académico”. Num outro inquérito da Associação Académica de Lisboa (AAL) a 3.281 alunos, 54,7% queixavam-se do mesmo. “Não faz sentido cobrar a propina na totalidade”, concorda o presidente da AAL, Bernardo Rodrigues. Foi já depois de recolher outros casos como este que enviou uma carta ao ministro do Ensino Superior, ainda em março. Nela registou “a notória falta de preparação das instituições do ensino superior” que “não têm capacidade de providenciar aos seus alunos o ensino de excelência que é esperado”.

O IADE (que não respondeu às perguntas da **SÁBADO** até ao fecho desta edição) é apenas um exemplo de como as aulas remotas, mais fáceis para estudantes com cursos teóricos, estão a revelar-se quase impossíveis para quem se quer licenciar em música, teatro, terapia da fala ou saúde, confirmou a **SÁBADO** com representantes académicos destes cursos.

Em Évora, os estudantes de Medicina Veterinária, por exemplo, só têm tido as aulas teóricas *online*, relata Fernanda Barreiros, que preside



EDUCAÇÃO. AS FALHAS E OS PROBLEMAS NO ENSINO SUPERIOR

PROPINAS A MAIS, AULAS A MENOS

Nem tudo se consegue aprender *online*. A Net cai e perdem-se respostas em testes – nos quais já houve quem copiasse.

Por Sara Capelo

à associação académica. Na Escola de Saúde do Instituto Politécnico de Castelo Branco, “as aulas práticas estão paradas”, relata João Algarvio, que lidera a associação de estudantes. “O meu curso de Ciências Biomédicas e Laboratoriais tem muito de laboratório. E são equipamentos que ninguém tem em casa”, por isso, para já, estão a estudar casos clínicos. O plano ali, em Évora e noutras instituições é esperar um possível regresso às práticas se for decretada a abertura das instituições de ensino superior a partir de 4 de maio – o anúncio está prometido pelo primeiro-ministro, António Costa, para quinta-feira, 30.

O maior receio de Guilherme Graça, de 21 anos, é que as semanas em casa, em Aveiro, o façam regredir na aprendizagem de oboé. O professor incentivou-o e aos colegas da Escola Superior de Música de Lisboa a enviarem vídeos com o que têm feito e responde-lhes com indicações sobre o que podem melhorar. Mas não é a mesma coisa de ter uma aula presencial: como não têm microfones, até o som do que enviam tem distorções. “Diria que estamos a evoluir 10 a 20%. Se for, porque pode piorar: sem a constante ajuda do professor, podemos criar vícios”, explica o também dirigente associativo. E quem estuda percussão ainda está em pior situação: “Não tem capacidade para ter esses instrumentos em casa e não tem como mostrar o trabalho.”

“O que está a acontecer é que os alunos sentem que estão a perder o semestre porque não estão a conseguir reter a aprendizagem como quando as aulas eram presenciais”, acrescenta João Reis, que preside à associação de estudantes da Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. No Porto, estudantes de Farmácia, como Marcos Alves Teixeira, que preside à Federação Académica, também não têm podido fazer em la-

Regresso?

A prioridade será para as cadeiras práticas, dizem os líderes das associações académicas de Coimbra, Évora, Porto e Lisboa.

João Reis sugere que se dê prioridade aos finalistas: “Haveria um pequeno grupo a ter aulas”. O mesmo nos transportes públicos.

Os restantes podem compensar o tempo perdido no próximo ano.

TAL COMO A “GENERALIDADE DO PAÍS, NÃO ESTÁVAMOS TOTALMENTE PREPARADOS”, DIZ A REITORA DO ISCTE



DAVID MARTINS

boratório os xaropes e os comprimidos que agora lhes ensinam em vídeos. Ainda assim, está otimista: “Temos de conseguir o melhor desta situação, que não será tão boa como era a anterior. Mas isso aplica-se ao ensino superior e a todos os setores de atividade.”

Cai a Net, vai-se o exame

As instituições tiveram uma ou duas semanas para adaptarem “50 anos de ensino presencial para o digital” e esse rápido trajeto não se faz sem “falhas”, assume o presidente da associação de estudantes do ISCTE, João Fernandes. O Instituto Politécnico de Setúbal optou por encerrar 15 dias para que os professores preparassem as aulas e aprendessem a trabalhar com novas plataformas. Mas outros institutos iniciaram imediatamente as aulas à distância, com as falhas na engrenagem a serem detetadas pelo caminho. Tiago Diniz (da

Uma turma do ISCTE está a ser investigada por suspeitas de ter copiado num teste online

Federação Nacional de Estudantes do Ensino Superior Politécnico) conta como a avaliação ainda é “um processo em construção” e que até já se fizeram provas por *email*. O aluno recebe o enunciado, responde, tira uma fotografia e envia em “meia hora”.

E também há relatos de fraude académica: a comissão pedagógica da Escola de Gestão do ISCTE está a avaliar a hipótese de uma turma ter conseguido partilhar as perguntas de um teste entre si. Como eram muitos alunos, foram divididos em quatro turnos e os do primeiro terão partilhado a matéria com os seguintes. Sobre o caso, a reitora recorda que o código de conduta, publicado em *Diário da República*, “não está suspenso”. Outro “problema é a instabilidade da Net”, diz Tiago Diniz. Aconteceu durante testes feitos no ISCTE: a rede foi abaixo e os estudantes perderam tempo na prova ou nas respostas já dadas. “Ninguém foi prejudicado, os docentes compensaram-nos”, garante João Fernandes. A reitora diz que está a “investir na capacidade e na funcionalidade das plataformas”, mas que “à semelhança da generalidade do País, não estávamos totalmente preparados”. ■

Os estudantes sentem a falta dos estúdios e oficinas do IADE e pedem uma redução na propina – mas a instituição diz que continua a ter de pagar salários



PEDRO CATARINO

FOGO

UMA
ENTREVISTA
DURA A

CRUZADO
Isabel
Camarinha

*Tem sempre de
haver aumentos,
mas na CGTP não?*

**“Tem de haver
equilíbrio porque
não nos cai do céu..”**

Para início de conversa, a CGTP não recua 1 cêntimo: quer 90 euros nos salários (menos nos da casa), 850 no salário mínimo. E isso ajudará a economia – mas aí não há números para apresentar.

Por **Bruno Faria Lopes**
e **Maria Henrique Espada**

A CGTP não vai transigrir: nem nas celebrações na rua, nem em pôr a exigência de aumentos na mesa de negociações. Menos em casa, porque aí, quanto aos 90 euros, “depende dos resultados”.

Vai usar máscara no 1º de Maio?

Não está ainda definido. Temos estado a ver com a DGS e não há uma

norma que exija o uso ao ar livre, a não ser quando as pessoas estão próximas. Eventualmente vamos usar, mas não é obrigatório que todos usem. Vamos garantir o distanciamento sanitário, até superior à norma dos dois metros, vamos ter entre 3 e 5 metros entre cada participante. Precisamos é que haja a voz dos trabalhadores no dia 1 de Maio.
Prevê-se que em transportes pú-



Isabel Camarinha na sede na CGTP. Foi eleita secretária-geral em fevereiro

blicos e no secundário – mesmo no exterior – a máscara seja obrigatória. Quem tem uma posição pública não deve dar o exemplo?

As medidas de prevenção do contágio devem ser as necessárias, não devemos fazer *show off*. Ora, quando houver alguma retoma, consideramos que é normal que em determinados ambientes se aconselhe ou seja obrigatória a máscara. Temos



FOTOS JOÃO CORTESÃO

aliás colocado grandes preocupações com os mais de 2 milhões de trabalhadores que estão a trabalhar e a quem as empresas não estão a garantir condições de segurança. **Ferro Rodrigues não queria mascarados na Assembleia da República no 25 de Abril. Concorda?** Concordo, porque não se justifica. Isto tem de ser proporcional. Não podemos, para fazer propaganda,

“
Colocamos a questão dos 90 euros e dos 850 euros de salário mínimo nacional a curto prazo

estar a fazer coisas que não são necessárias. As nossas iniciativas [no 1º de Maio] são de exercício de um direito coletivo. Na crise social que estamos a viver, é preciso trazer isso também para a rua.

A UGT optou pelo contrário – por não trazer para a rua. Fez mal?

Cada um tem as suas opções. Não nos ingerimos no funcionamento de outros.

Não é uma questão de ingerência, é de opinião.

Não fazemos juízos de valor. Para nós, a questão fundamental é a defesa dos direitos dos trabalhadores em todas as circunstâncias. Temos um milhão de trabalhadores em *lay-off*, mais 350 mil desempregados, um número não quantificado em teletrabalho e mais 200 ou 300 mil em assistência à família, ou independentes que tiveram redução ou cessação da atividade – isto já são dois milhões de trabalhadores com brutais cortes dos seus rendimentos. E a par disso temos um ataque brutal pelas empresas, que estão a aproveitar esta situação. Para os sindicatos da CGTP, é importante colocar isto.

Numa fase em que não podemos sair de casa, em que os funerais estão limitados, em que a polícia para as pessoas na rua e lhes pergunta para onde vão – não haveria outra forma de fazer as coisas no sentido de dar um exemplo de compatibilidade com o tempo que vivemos, indo para além da questão do contágio?

Mas é que a questão é essa: temos de prevenir o contágio.

Não há um exemplo a dar, aqui?

Não acho que a questão seja dar exemplo. As medidas que protegem a saúde das pessoas estão tomadas. Mas a restrição aos direitos das pessoas não é necessária a não ser na

justa medida a que a prevenção da saúde obriga. Estou mais preocupada em garantir que os que vão retomar a sua atividade o fazem com todas as condições de higienização do que com iniciativas de participação limitada que vamos realizar na rua. Os trabalhadores da construção civil estão a trabalhar, os de muita indústria, do comércio, da distribuição, já nem falo dos profissionais de saúde, forças de segurança, proteção civil e bombeiros...

Outra diferença em relação à UGT é que esta admitiu rever os aumentos para 2021. A CGTP até agora não abdicou de aumentos salariais. Mantém essa posição, quando alguns economistas admitem que esta possa vir a ser a maior crise vivida em 100 anos?

A CGTP sempre defendeu que não é com aumento da exploração e do empobrecimento, com austeridade, que se ultrapassam crises. Os anos recentes provam isso. Tivemos o período da troika, em que o País ficou numa situação calamitosa, e depois tivemos a alteração da correção da alteração de forças na Assembleia da República, que permitiu alguns avanços, nomeadamente salariais. Foi insuficiente, mas a verdade é que permitiu recuperação económica. Não é com este modelo de baixos salários que a economia vai recuperar. Temos de ter outras opções.

Portanto faz sentido manter reivindicações de aumentos?

Nem sequer compreendemos que se esteja a falar de não haver aumentos. **Se o que estamos a viver não muda a vossa posição, então em que cenário é que a CGTP abdicaria de reivindicar aumentos salariais – num estado de fim de mundo?**

A valorização das retribuições dos trabalhadores é um fator de dinamização da economia. Vimos isso nestes últimos 5 anos em que houve aumento do salário mínimo nacional e se conseguiu negociar um conjunto de atualizações da contratação coletiva, embora não como deveria ser, houve melhoria da economia.

A CGTP tem-se manifestado contra o *lay-off*. Não concebe que haja empresas que estejam em dificuldade e a quem seria impossível ❏

❑ pagar a totalidade do salário?

Nunca dissemos que não eram necessárias medidas de apoio às empresas. Dissemos é que tem de ser na medida das suas necessidades e para garantir a retribuição total aos trabalhadores e todos os postos de trabalho. Não é isso que está acontecer. A situação das empresas permite-lhes ou não fazer face a esta situação sem recorrer a apoios? Se não precisa, não deve poder atualizá-los.

Crítica o Governo por tratar tudo por igual, mas a CGTP também o faz: a vossa proposta do início do ano eram mais 90 euros em todos os salários, de público e privado.

Isso não é tratar todos por igual, se fosse em percentagem é que era: para um trabalhador que ganha 635 euros e um que ganha 1.500 ou 2.000 não é igual.

Para as empresas que pagam os 90 euros é tratar por igual, quando para umas será fácil, para outras não.

Por isso dissemos que é a nossa proposta para base de negociação.

E faz sentido ir, hoje, para negociação, com a base dos 90 euros?

Estamos a fazê-la. Até estamos a negociar contratação coletiva. E colocamos a questão dos 90 euros e dos 850 euros de salário mínimo nacional a curto prazo.

Mas quando o mundo à nossa volta mudou de forma radical, isso não torna a proposta irrealista?

Isto é a proposta que apresentamos para negociação. Nós fizemos contas e isto é o mínimo para as pessoas terem uma vida com dignidade.

Quanto é que custa o aumento dos 90 euros na função pública?

E quanto é que custa ao Estado os 650 milhões que vai dar ao Novo Banco? E as PPP? E, já agora, quanto é que isso vai constituir, para o Estado, de receita no IRS e num conjunto de impostos indiretos, que com o aumento do consumo aumentaríamos?

Está a devolver a pergunta. Fizeram essa conta?

Nós fazemos contas. Eu não tenho aqui os números, mas isto devia dar um aumento muito grande.

O Estado ficava a ganhar com o aumento, é isso que está a dizer?

De um ponto de vista geral ainda

▲ A líder da central sindical recusa austeridade: com reforço de rendimentos o Estado até pode ter lucro



1.200 euros

É o salário aproximado da secretária-geral da CGTP. Onde só houve aumentos de 10 euros em 2016 e 2018

“**Aumentos aos funcionários da CGTP serão em função dos resultados que conseguirmos obter**”

ficava, porque também tínhamos aumento da atividade económica.

Isso é extraordinariamente difícil de provar.

Vamos lá a ver, não estou a dizer que temos as contas feitas ali... mas, do ponto de vista global, é verdadeiro.

Nos últimos cinco anos, segundo o seu antecessor Arménio Carlos, os trabalhadores da CGTP só foram aumentados em 2016 e 2018 cerca de 10 euros por pessoa. Tem sempre de haver aumentos, mas na CGTP não?

A CGTP e as suas estruturas não são financiadas por ninguém a não ser pelos seus associados. Portanto, tem de haver aqui um equilíbrio entre o que são os aumentos dos salários dos trabalhadores e o que podemos também, porque não nos cai do céu... **Mas às empresas também não.**

Não, é produzido pelos trabalhadores que lá estão e produzem mais-valias e lucros. Mas é natural que uma organização como a CGTP tenha que viver com aquilo que é a sua possibilidade de recolha. Contudo, garantimos sempre que há uma condição de vida digna.

E vai haver aumentos de 90 para todos os funcionários da CGTP?

Nós nem sequer garantimos o aumento de 90 euros para todos os trabalhadores portugueses!

Mas a opção de os praticar aqui dentro é vossa.

Depende das condições que temos. **Nas empresas também dependerá**

“**Nem sequer compreendemos que se esteja a falar de não haver aumentos**”

das condições que tiverem.

Claro que sim. Quando negociamos contratação coletiva, provamos que é possível. Provamos com os dados que as empresas nos fornecem.

E não tem certeza de ser possível, depende das quotizações, é isso?

A CGTP organiza-se em função do que é a realidade dos trabalhadores que representa. Em função dos resultados que conseguirmos obter.

É a resposta que muitas empresas dão: é em função dos resultados.

Sim. Então vamos ver os resultados. Nós não distribuimos lucros nem dividendos pelos acionistas.

António Costa disse que ficaria desiludido se só pudesse contar com BE e PCP nas vacas gordas.

Como vamos ter vacas magras, se houver austeridade o PCP deve chumbar o próximo orçamento?

Não vou falar pelo PCP.

Não lhe estou a pedir para falar, mas para dar a sua opinião. É militante do PCP.

Sou e nesse quadro contribuirei para o que seja a decisão coletiva. Agora, o que a CGTP já disse ao primeiro-ministro e ao Governo é que não é com austeridade que resolvemos os problemas do País. O PS deve optar por medidas e políticas que desenvolvam o País e procedam à retoma que vamos ter que fazer.

Quantas pessoas é que a CGTP representa hoje?

Devia ter-me dito que eu trazia os números. ❑

VÁ LÁ À SUA VIDA

A pressão no regresso à normalidade só se explica pelo facto de que o que acontecia antes do coronavírus era tudo menos normal. Assim se explica a pressa para que tudo volte ao que era

O regresso à (a)normalidade

OUVE-SE, VÊ-SE, LÊ-SE, sente-se no ar, a pressa. Há uma vontade enorme de regressar à dita normalidade. Até Marcelo Rebelo de Sousa, ponderado no último mês, não perdeu a oportunidade da cerimónia do 25 de Abril para regressar à política ativa, com um discurso pró-celebração do 25 de Abril, que mais não foi do que um estabelecer de diferenças com o candidato André Ventura, arregimentando votos no centro-esquerda para as próximas presidenciais. Enfim, o regresso à normalidade impõe-se. Ninguém sabe viver confinado, nem o Presidente que, recorde-se, numa primeira fase se autoconfinou.

Diz-se que a natureza do ser humano é a liberdade. Estar nesta espécie de prisão domiciliária, em que o telemóvel faz o papel de pulseira eletrónica, ainda que por razões sanitárias, será a antítese dessa condição. Talvez por isso, mais do que a ansiedade da reclusão, o grande problema mental deste País seja a ansiedade do regresso ao trânsito, às multidões (agora em menor número), ao stress do quotidiano,

aos encontrões nos transportes, enfim, àquela normalidade das cidades, que tanto criticávamos mas, ao que parece, não sabemos viver sem ela.

A “normalidade do acontecer” é o grande objetivo para os próximos meses, até porque nunca foi questionada. Isto é, se o que existia antes do vírus poderia ser classificado como “normalidade”. Simplesmente, acontecia. Era o que era, dizia-se. Daí que interrogações como a de Olga Tokarczuk, Prémio Nobel da Literatura, no último *Expresso*, pareçam esotéricas: “Não se terá dado o caso de termos regressado a um ritmo de vida normal? De o vírus não ser o distúrbio da norma, mas precisamente o contrário - o mundo agitado antes do vírus é que era anormal?” Sim, vivíamos a todos os níveis no anormal, tão anormal que foi preciso um “anormal” vírus para, por exemplo, a União Europeia começar a agir, de

facto, como uma comunidade de países solidários entre si e não como um escritório de contabilidade apenas preocupado com o número do défice. O mundo era tão anormal que nos espantamos, depois do “anormal” vírus, com as águas cristalinas de Veneza, como se o normal fosse a poluição.

A anormalidade foi a medida corrente, ainda que disfarçada de “normalidade do acontecer”. Tudo era tão normal que um juiz responsável pela prisão de um ex-Presidente do Brasil aceitou ser ministro de quem mais beneficiou com a sua decisão. Porém, durante a “anormalidade” do vírus, demitiu-se, acusando o troglodita a quem deu as mãos nos últimos anos de comportamentos ilegais. Por cá, era “normal” o sistema de justiça mobilizar recursos para prender um hacker, enquanto deixava a marinar as suspeitas por si tornadas públicas. Nesta nova “normalidade”, Rui Pinto até teve direito a um apartamento da Polícia Judiciária. Assim como era “normal” uns 10 comunicados do Ministério Público sobre detidos por violência doméstica, roubo, assalto à mão armada e nem umas três linhas para anunciar a acusação contra Domingos Farinho, o professor em exclusividade da Faculdade de Direito de Lisboa, que (alegadamente, como era normal dizer-se) recebia uns valentes trocos por fora para escrever livros para José Sócrates, cuja “normalidade” dos seus mandatos como primeiro-ministro deveria envergonhar-nos.

Confinamento não é distopia, disse já Margaret Atwood, que nos mostrou uma realidade alternativa em *A História de uma Serva*. Vistas bem as coisas, o confinamento até ajudou a purificar o ar. A escritora canadiana também nos ensinou que o “normal” é aquilo a que estamos habituados. Mesmo que algo não nos pareça à primeira vista normal, com o tempo habituamo-nos e passará a ser a nova normalidade. Talvez por isso haja pressa em regressar à anterior normalidade, por muito anormal que fosse. □



Subdiretor
Carlos Rodrigues Lima





CRIME. DONOS DE HOTÉIS OU RESTAURANTES SÃO OS MAIS VULNERÁVEIS

Giuseppe Cosimano escreveu no Facebook: “Apelo aos meus vizinhos: vamos todos ajudar, nem que seja só 5 euros, para comprar coisas para os mais necessitados, medicamentos e fraldas para bebês.” O problema desta solidariedade é que Cosimano, que distribuiu comida em três bairros de Palermo, na Sicília, já foi investigado pelas autoridades devido às suas ligações a chefes mafiosos, como revelou o jornal *La Repubblica*.

“Se o Estado não chega, chega o crime disfarçado de benfeitor. Dá-te de comer e depois cobra a conta”, alerta o presidente da Câmara de Nápoles, Luigi de Magistris.

Na Calábria, na Sicília, e na Campânia (Nápoles), a polícia já surpreendeu mafiosos a distribuir sacos de comida, roupa e medicamentos junto de moradores: uma fórmula usada pelas organizações criminosas em momentos de crise. A máfia sabe que nestas famílias que ajuda poderão estar “os seus soldados do futuro”, como diz o jornalista Rober-

COMO A MÁFIA GANHA COM A CRISE

No Sul de Itália, as associações criminosas estão a substituir-se ao Estado, distribuindo comida pelas famílias pobres. Objetivo: aumentar a influência e captar “novos soldados”.

Por **Carlos Torres**



GETTY IMAGES

Franco Gabrielli, chefe da proteção civil italiana, avisa: “No fim da emergência, as associações criminosas podem ter contaminado a economia, controlando muitas empresas nas quais não estavam infiltradas. As crises anteriores revelam que a máfia tem capacidade para movimentar dinheiro mais rápido que o sistema bancário”.

O grupo antimáfia SOS Impresa revelou que a crise tornou as associações criminosas no maior banco de Itália. O grupo de Palermo estimou que a máfia italiana tinha, em 2012, 65 biliões de euros em dinheiro vivo e apontava o empréstimo sob extorsão como “uma emergência nacional”.

E não se pense que a máfia apenas está ligada a negócios ilícitos, como o tráfico de droga (calcula-se que só a 'Ndrangheta, baseada na Calábria, controla 80% do mercado de cocaína na Europa). “Estão envolvidos em muitas áreas da economia que não foram bloqueadas devido às restrições do coronavírus. É o caso da agricultura, do transporte rodoviário ou do fornecimento de medicamentos”, enumera Gabrielli. Já Saviano aponta uma grande diversidade: “Nos últimos 10 anos investiram em áreas de negócio como agências funerárias, lavandarias de hospitais, empresas de limpeza ou bombas de gasolina.”

Assaltar os supermercados

As autoridades e as associações sociais estão preocupadas com a preponderância que a máfia poderá voltar a ter junto das pessoas, após décadas de combate à sua influência nas comunidades. “Quando a fome for mesmo real, vai ser difícil resistir à tentação”, aponta à Reuters Antonio Lucidi, cuja associação de caridade, L'Altra Napoli, conseguiu juntar mais de 150 mil euros para comprar comida.

O Sul de Itália foi menos atingido pela pandemia de Covid-19 que o Norte, mas sofre mais com a paragem da economia. A recessão deverá ser pior do que a que aconteceu com a crise financeira de 2007-08. Os dados da associação de negócios CGIA Mestre, de Veneza, revelam que em 2009 havia 76 mil lojas na Sicília e em 2019 esse número desceu para 69 mil – muitas outras fecharam agora e correm o risco de não reabrirem.



No Sul de Itália, milhares de pessoas trabalhavam sem contrato, a ganhar 30 ou 40 euros por dia. Agora, o apoio vem da máfia

Poder

Em Messina (Sicília), o funeral de um dos chefes da máfia contou com dezenas de pessoas – um claro desafio ao confinamento imposto pelas autoridades



O Papa Francisco

rezou, na Páscoa, por todos os que, “por terem dificuldades, são explorados durante a pandemia, seja pela máfia ou pelos usurários”

ZORA HAUSER: O FAVOR PODERÁ SER PAGO NAS ELEIÇÕES, COM VOTOS NO CANDIDATO APOIADO PELOS MAFIOSOS

Mafiosos em casa

Três chefes saíram da prisão devido ao risco de Covid-19

Em Itália estima-se que há **12 mil membros** de organizações criminosas na prisão.

Há 70 chefes da máfia com mais de 70 anos e que têm **problemas de saúde** que podem ser fatais devido à Covid-19.

Rocco Filippone (foto), alegado chefe da 'Ndrangheta, está em **prisão domiciliária** (tem problemas cardíacos).

O mesmo aconteceu a Bonura e a Iannazzo.



O desemprego tem vindo a crescer na Calábria, Sicília e Puglia. Estima-se que em Palermo há atualmente 50 mil pessoas sem salário. E há muitas que para sobreviver aceitam entrar no tráfico de droga, avisa o presidente da câmara, Leoluca Orlando. Um dos habitantes da cidade fez um vídeo, dirigido ao autarca, em que surge com a filha a comer um pedaço de pão e avisa: “Se a minha filha deixar de poder comer pão, vamos assaltar os supermercados.” Isso já aconteceu num Lidl, em que várias pessoas encheram os carrinhos e saíram sem pagar, ameaçando os funcionários.

O governo de Giuseppe Conte, que está a negociar com a União Europeia um fundo de recuperação, para relançar a economia, no valor de 1,5 biliões de euros, já prometeu 400 milhões de euros da Segurança Social para os mais pobres, incluindo cupões para trocar por comida.

Mas enquanto esse dinheiro não chega, a máfia vai aproveitando para “reforçar o seu negócio principal de proteção e governação, mostrando-se como alternativa ao Estado”, nota Zora Hauser. A investigadora da Universidade de Oxford admite à *Newsweek* que “o mais preocupante poderá acontecer quando houver eleições”, com os chefes mafiosos a pedirem que lhes devolvam o favor “ao votarem no candidato que apoiaram”. ■

to Saviano, autor do livro *Gomorra* e que vive com escolta policial.

A máfia cobra sempre as suas dívidas. As pessoas poderão ter de pagar indo trabalhar para os clãs ou participando em atividades criminosas – como fazer um transporte de droga.

À CNN, Saviano dá outro exemplo: “A organização aborda um empresário aflito e diz-lhe: ‘Damos-te dinheiro em troca de uma pequena percentagem da tua empresa.’ Mais tarde, se ele não pagar, ficam-lhe com o negócio ou então usam-no como testa de ferro para lavar dinheiro da droga ou de outras atividades ilícitas.” Os empresários de hotéis, cafés e restaurantes são hoje os mais vulneráveis.

O advogado Amedeo Scaramella explica, na *Business Insider*, que os mafiosos começam por oferecer juros baixos, semelhantes aos dos bancos, mas, se as dívidas não forem pagas, podem chegar aos 300%. Foi para combater isso que criou, em Nápoles, a fundação San Giuseppe Moscato, que procura garantir empréstimos bancários para empresários em risco.

RELATÓRIO MINORITÁRIO

Apresentámos os factos sobre a China e a origem da Covid-19. Agora tentamos chegar às conclusões. É preciso saber exatamente o que aconteceu, na comunicação entre Pequim, a OMS e o mundo. Incluindo a martirizada Europa

Pedir responsabilidades

Temos de separar, na questão da China face à Covid-19, o folclore, a paranoia e a realidade.

A ação judicial do estado do Missouri, pedindo indemnizações gigantescas a Pequim, foi “negligência grosseira”, parece mais simbólica do que razoável.

Desde logo choca com a FSIA, a lei federal que exclui estados estrangeiros de responsabilidade em tribunais americanos. E não consegue pôr-se na chamada “exceção comercial” da mesma norma, porque não prova atividade económica nociva da China em território dos EUA, relacionada com o surto.

Também as alegações do jornal *Bild*, sobre a “conta a pagar”, com

uma espécie de soma de todos os desastres que o vírus causou à Alemanha, caem largamente no ridículo.

Não há contabilidade possível, sem culpabilidade. E não se podem separar os alegados erros ou omissões da China das indecisões do governo alemão e dos *länder*, que levaram Berlim a só decretar quarentena a 23 de março, já depois de muitos estados da UE o fazerem.

Em relação a Pequim, a questão não é a de punições ou de compensações financeiras, como no folclore populista. Mas é a de restabelecer a verdade dos factos. Houve comunicação atempada, certa e completa, acerca da origem, características e perigosidade do vírus?

Precisamos de tudo isso não como vingança, ou tentativa para humilhar a China, mas como medida elementar, destinada a impedir a repetição do acontecido.

O governo de Pequim é o primeiro a reconhecer a origem específica e particular do vírus. Por isso levou a cabo uma quarentena “cirúrgica”, ▶

O outro problema

O “outro problema” (a origem da praga) ainda persiste.

É necessário, por exemplo, saber mais sobre o relatório dirigido por Yu Wenbin, em 21 de fevereiro, envolvendo quatro academias chinesas.

Aí se diz que a análise profunda do vírus revela haver sido “transportado e aumentado” no mercado de Huanan, mas não ser originário de lá.

Várias organizações gostariam assim de aceder aos dados precisos que levam a esta conclusão.

Pequim devia ser o primeiro interessado numa comissão independente sobre o assunto. Quem não deve não teme. E tal medida permitiria à China reconstruir as suas relações com a Europa e o mundo, sem sombra de suspeição e em total normalidade.

Todos precisamos disso. ◻



Politólogo
Nuno Rogeiro
nrogeiro@gmail.com



REUTERS



▶ a 23 de janeiro, que não abrangeu toda a China, mas apenas 17 cidades de Hubei, com cerca de 59 milhões de habitantes (menos de 5% da população nacional).

Como vimos na semana passada, o vírus fora detetado na China em novembro de 2019. Mas no dia 14 de janeiro de 2020, a OMS ainda não sabia, da mesma China, se havia propagação pessoa a pessoa.

Num *tweet* publicado pela organização nesse dia, às 11h10, informava-se que, segundo Pequim, “não há provas dessa transmissão”. Mas na

cronologia oficial (entretanto preparada pela mesma organização) diz-se agora que, nesse dia 14, a OMS sabia já da possibilidade de “contacto limitado, ou familiar”, “não sendo surpreendente” que tal contágio pudessem existir.

O problema é que o *tweet* não foi apagado (e se for, temos o original). E a nova linguagem da cronologia é inadmissivelmente ambígua e patética: “contacto limitado” significa, ainda assim, transmissão entre pessoas.

Na mesma cronologia oficial, alega-se que uma semana depois, a 22, um dia antes da quarentena na província chinesa, a OMS ainda não tinha recebido da RPC “certezas” sobre a mesma transmissão interpessoal.

E estávamos já no terceiro mês do vírus.

Nesse mesmo dia, espantosamente, a OMS não consegue chegar a consenso sobre se a doença é ou não uma “emergência internacional”. Só uma semana depois, a 30 de janeiro, declara a epidemia.

Durante esse tempo, e até 9 de mar-

ço, quando se declara a quarentena em Itália, foi possível a circulação de turistas vindos da China por toda a península, e em especial no Norte.

Bastava que tivessem saído de Hubei antes de 23 de janeiro. Alguns amigos meus, de dois consulados chineses, quiseram emitir um aviso para que todos esses viajantes se prontificassem a fazer testes de contaminação, mas a ordem nunca foi emitida.

E é preciso não esquecer que os imigrantes chineses na Europa recebiam muitos familiares, para celebrar o Novo Ano nas suas pátrias de acolhimento. Nenhum controlo foi tomado ou sugerido por Pequim.

Esse foi o problema principal: sem a certeza da transmissão entre pessoas, certificada pela China e pela OMS, com a declaração da pandemia apenas três meses depois da eclosão, sem medidas ou recomendações de Pequim sobre os seus nacionais em trânsito, a Europa reagiu tarde, a más horas, sem coordenação e sem visão.

E foi o desastre que se viu. Que se vê. ◻

Guerras nunca mais

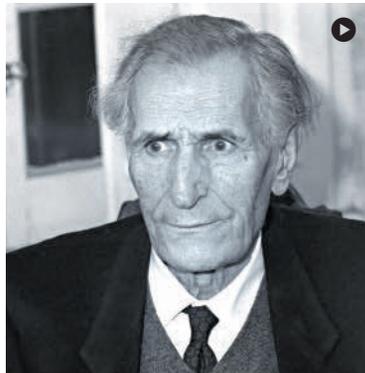
Não pode haver ambiguidades e complexos entre as entidades que protegem Portugal. Forças armadas (FA) e forças e serviços de segurança (FSS), e suas tutelas, possuem um fórum próprio de coordenação.

As normas em vigor, incluindo sobre estado de sítio e emergência, segurança interna, organização da PSP e GNR e Justiça Militar, parecem suficientes para entender o funcionamento de todos os corpos referidos.

Também o conceito estratégico de defesa nacional prevê um “aprofundamento” da cooperação entre FA e FSS, por exemplo, em caso de catástrofe.

E há a responsabilidade irrenunciável do Executivo.

Claro que, a começar, é preciso transparência, bom senso e proporcionalidade. Estes não se legislam. ◻



Aqui mora a resistência

Alguns livros para resistir à praga, traduzidos.

Miguel Torga (foto), *Poemas Ibéricos e Bichos*, Chesterton, *O Homem que Era Quinta-Feira*, C. Malaparte, *Kaputt*, I. Calvino, *As Cidades Invisíveis*, G. Orwell, *1984* e *O Triunfo dos Porcos*, A. Huxley, *Admirável Mundo Novo* e *Contraponto*, W. Miller Jr, *Um Cântico para Leibowitz*, Bergier/Pauwels, *O Despertar dos Mágicos*, V. Horia, *Viagem aos Centros da Terra*, J. Verne, *Miguel Strogoff*, R. Guillot, *Grichka e os Turbantes Amarelos*, E. Jünger, *Sobre as Falésias de Marmoré* e *Eumeswill*, J. L. Borges, *O Aleph*, PK Dick, *Ubik*, Y. Mishima, *Confissões de uma Máscara*, J. M. E. de Queirós, *O Mandarim*, R. Brandão, *Vale de Josafat*, D. Buzzati, *O Deserto dos Tártaros* e *60 Contos*. ◻

Entrevista ÁLVARO SANTOS PEREIRA

Já viu as previsões que a OCDE ainda não publicou e avisa que o impacto económico da pandemia vai ser mais alto do que anda a ser previsto. Falar hoje de austeridade dura “não faz sentido”, mas haverá aperto do cinto.

Por Bruno Faria Lopes (texto) e Vitor Mota (fotos)

“Alguns impostos vão subir, tenho poucas dúvidas sobre isso”

Álvaro Santos Pereira não está otimista. O ex-ministro da Economia do tempo da troika – que desde 2014 dirige o departamento de estudos de países da OCDE, uma organização que agrega economias desenvolvidas – está convicto de que haverá uma segunda vaga da Covid-19, o que traz más notícias para a saúde e para a economia. As previsões do FMI, que para Portugal apontam uma recessão-recorde de 8% este ano, são “otimistas” diz o economista que já conhece as previsões que a OCDE irá divulgar em junho. A contração será mais profunda e a recuperação mais lenta. O efeito nas finanças públicas significa que podem vir aí mais impostos e contenção do Estado. Mas a resposta não será tão dura como na última crise ou será “o fim da Europa”.

Ouvimos dizer que a luta contra a pandemia não pode ser pior do que a própria pandemia. Há oposição entre combater a pandemia e salvar a economia?

É um disparate essa opinião. Há vários estudos que mostram claramente que em pandemias anteriores – por exemplo, nos EUA entre 1918 e 1920 – as cidades que fecha-

📍 Álvaro Santos Pereira, 48 anos, fotografado no início deste ano em Lisboa. Está a fazer a quarentena com a família, no Algarve

ram mais cedo foram as que recuperaram mais cedo e as que tiveram um desempenho económico melhor nos anos seguintes. Dizer que estamos a matar a economia enquanto estamos a tentar salvar vidas não faz sentido. As duas coisas estão ligadas. Este é um choque exógeno muito grande, que afeta toda a gente, mas claramente a prioridade tem de ser salvar vidas para podermos salvar a economia. É importante perceber que estamos agora numa primeira vaga e que muitos dos nossos governos não estavam preparados, contrariamente a Singapura, à Coreia do Sul ou a Taiwan, que estavam mais bem preparados por causa do SARS [síndrome respiratória aguda grave em 2003] e de outras epidemias.

Fala-se por vezes em “milagre português”. Tendo em conta que não estávamos preparados não é excessivo falar nisso?

É preciso pôr as coisas em contexto. Quer ao nível do número de casos e de mortes, por milhão de habitantes ou mil habitantes, vemos que estamos na média da OCDE ou da União Europeia. Nós nem somos um milagre, nem somos o desastre de muitos outros países. Foi bom termos fechado relativamente cedo. Mas os nos-

so números não são tão bons como os da Grécia, da Eslováquia, da Eslovénia e de muitos países da Europa de Leste. Aliás, o grande “milagre” até agora tem sido mais na Europa de Leste, onde a taxa de mortalidade é muito mais baixa do que na Europa Ocidental. A história já analisou as grandes pandemias de 1918 e do século XIX e sabemos que, infelizmente, estas pandemias vêm em vagas. Estamos na primeira vaga. Sabemos que é muito provável – a não ser que consigamos ter algum tratamento ou vacina – que mais ou menos na época em que a gripe normal começa tenhamos uma segunda vaga. E é melhor que estejamos preparados. Não pode haver desculpas.

O que significa estar preparado?

Primeiro: proteger os nossos profissionais de saúde. Segundo: tem de haver oferta adequada de materiais de proteção, quer sejam luvas, máscaras, álcool, etc. Também ventiladores. E, por outro lado, obviamente as regras: o distanciamento social e o isolamento vão continuar, mesmo que o Governo e outros governos decidam abrir em maio. Nas empresas, nos transportes públicos ou noutros lugares com concentração de pessoas, vai haver não só a imposição de utilização de máscaras, ▶

📍 *[Economia ou saúde são opostas?]* “É um disparate essa opinião. As duas coisas estão ligadas”

mas também regras muito claras de lotação em lugares fechados. E, depois, é fundamental fazer o que está ser feito com bastante eficácia na Coreia e em Singapura.

la perguntar-lhe por isso: o tracing [monitorização digital dos contactos de cada pessoa].

Surtiu efeito. É importante testar massivamente, fazer a despistagem das pessoas e, quando se detetar alguém que foi contagiado, rapidamente ver com quem teve contacto. Em inglês chama-se TTT, *track, tracing and testing*, e isso é fundamental que aconteça. E não pode haver mais desculpas pelas nossas organizações de saúde, como aconteceu no início, ao dizer que utilizar máscaras não é eficiente, que testar não é eficiente. Esse tipo de mensagem que passou em vários países...

...incluindo em Portugal.

...e é altamente nefasta para combatermos o contágio. Isso não pode acontecer mais.

Nas previsões a que tem acesso nota uma diferença de impacto entre os países que adotaram medidas mais restritivas e os que adotaram medidas menos duras, como a Suécia? Pelas previsões do FMI o impacto parecia ser semelhante, o que sugere que, com ou sem confinamento, se não houver confiança as pessoas não se mexem e o impacto económico do vírus não desaparece.

Claramente. Segundo o FMI, em 90% dos países vai baixar o rendimento per capita. É um choque enorme. Um país mesmo que não tenha decidido confinar-se vai ter um impacto muito maior na saúde e, se for um país aberto, obviamente terá impacto no comércio internacional. Por outro lado, há estudos que mostram que mesmo que se decida contra esse confinamento tão rígido é muito provável que a economia possa ter impacto ainda mais negativo no PIB. As previsões económicas do FMI, é importante dizer, são obviamente valores sem precedentes, pelo menos desde a Grande Depressão. Mas são otimistas. Ainda agora a diretora-geral [Kristalina Georgieva] disse isso. A OCDE vai apresentar as suas previsões económicas no início de junho e



▲ Santos Pereira considera que “mensagens dúbias” sobre o uso de máscara e a validade dos testes “não podem acontecer”

Ⓛ “É provável que a recessão seja bem maior do que aquela que está a ser equacionada”

Ⓛ “Estamos a falar num cenário em que a recuperação pode ser bastante lenta”

as primeiras indicações que temos é de que o cenário em V [queda e recuperação rápida], que era o cenário central do FMI, é demasiado otimista. É bem provável que a recessão em vários países seja bem maior.

E mais prolongada? Há debate sobre se é em V ou em U. Estamos a olhar mais para um U?

Ou um W. A menos que surja um tratamento rapidamente há muitos setores que vão continuar a ressentir-se da falta de confiança das pessoas e isso tem impacto na recuperação económica. É muito provável que o terceiro trimestre não seja tão bom como desejaríamos. Em maio vamos começar a abrir a economia, mas vamos continuar a ter o turismo numa situação difícil. Vai haver pouca confiança para as pessoas voarem, para fazerem turismo, para irem a restaurantes, aos dentistas, a vários serviços que eram normais. Para países como Portugal, Grécia e Costa Rica, que têm um peso muito elevado do turismo na economia, o impacto será maior. E é muito provável que possa haver confinamentos regionais ou de alguns setores e serviços. Infelizmente estamos a falar de um cenário em que a recuperação da economia pode ser bastante lenta. Isso tem impacto este ano e no próximo.

Tem-se posto a questão do apoio da banca em termos de “dívida” que o setor tem com a sociedade, por causa do custo das medidas de bailout ou resolução após a última crise. Concorda com este tipo de argumentação? Há dívida e a banca move-se por essa dívida?

Não é isso que vai fazer mover a banca. A banca vai ter oportunidades de ajudar a economia. Por exemplo, com tanto apoio que está a ter do Estado: o Estado está a garantir 80% a 90% dos empréstimos através da garantia mútua. E o BCE [Banco Central Europeu] está a injetar quantidades sem precedentes de liquidez na economia. Os próprios bancos têm interesse em conceder crédito às empresas. Muitos têm ativos no setor do turismo, que se ficar um ou dois anos quase parado vai acabar com muito crédito malparado. Portanto, os bancos têm interesse em que as coisas não corram mal. Têm o apoio do Estado e nem é preciso pensar que vão ter obrigação moral.

Falou no Estado. Quando se pede que a banca faça tudo o que está ao seu alcance não se está no fundo a pedir que o Estado faça tudo, uma vez que as linhas são garantidas na maioria pelo lado público? Em parte sim, claramente sim. O Estado – não só em Portugal – está a

real falta de liquidez das empresas – penso que dentro de um ou dois meses –, aí não tenho grandes dúvidas de que os Governos vão avançar com novas medidas. Medidas de reativação da economia, de apoio a setores como o turismo, restauração, etc., de flexibilização da contratação. Será que além das moratórias vai existir dinheiro a fundo perdido para países e empresas? É provável. Certamente na Europa, através dos fundos europeus, acho que vai acontecer de forma bastante abrangente.

Em Portugal, o primeiro-ministro garante que não haverá austeridade. Isso depende da vontade do primeiro-ministro?

Vai depender acima de tudo de como vamos financiar a enorme dívida que estamos a criar. A nossa dívida vai subir para valores ainda mais elevados, provavelmente acima de 130% do PIB. Já estivemos nesse valor e já mostrámos que conseguimos baixar. Se a economia recuperar rapidamente é mais fácil. Se demorar um ou dois anos aí estamos a falar de um exercício diferente. Se houver mecanismos europeus que ajudem na renegociação dessa dívida a muito longo prazo vai haver menos problemas. Se isso não acontecer... Acho que não faz sentido neste momento falar em austeridade, não estamos a falar em cortes de salários, de pensões, etc. Mas é muito provável que o Estado tenha de entrar ainda mais em contenção. Quem pensa que o Estado não tem estado em contenção pelo menos desde 2010 não percebe nada de finanças públicas.

Contenção é uma coisa e austeridade é outra. Uma coisa é não subir salários na Função Pública ou não baixar os impostos, outra é cortar salários e subir impostos?

Acho que os salários não vão ser cortados, esperemos que não. Agora que alguns impostos vão subir tenho poucas dúvidas sobre isso. Não estou só a dizer sobre Portugal, mas sobre todos os países.

Alguma austeridade será sempre precisa?

Não é austeridade, é consolidação orçamental. Se estamos a falar de um país como a Estónia, que parte para esta crise com uma dívida de 10% do

F
“É muito provável que o Estado tenha de entrar ainda mais em contenção”

**14%
desemprego**

A previsão da taxa de desemprego pelo FMI é mais do dobro verificado hoje, mas pode ser otimista

F
“Austeridade como em 2011” “por causa de um vírus que afeta todos seria o fim da Europa”

PIB, esse país tem bolsas suficientes para chegar aos 30% sem grande problema. Outros países que têm dívidas de 20% ou 30%: sem problema. Um país que começa a 100% como Espanha, ou a 120% como Portugal, tem muito pouca margem. Isto não é só um número. É preciso refinar a dívida. Não temos um banco central para andar a monetizar a nossa dívida.

Embora o BCE tenha feito isso nos últimos anos [com um programa que esmagou os juros].

Eles têm feito isso ao nível global, mas não vai ser suficiente para países como Portugal. É muito provável que tenha de continuar a contenção orçamental, de apertar o cinto, a não ser que a economia recupere de modo forte e rapidamente. Mas falar de austeridade neste momento não faz muito sentido. Tudo vai depender da dimensão da crise, de como vamos financiar a dívida, de haver solidariedade europeia de uma forma global e forte, de como os mercados vão reagir.

São vários pontos de incerteza.

Não há certezas neste momento. Não vale a pena vender receitas mágicas ou ilusões. É preciso que as pessoas percebam o que está em causa. As pessoas que estão em casa e que perderam os seus empregos, que estão em *lay-off* ou que têm uma situação precária sabem que para elas os próximos meses, provavelmente anos, vão ser difíceis. O mesmo se passa com os países.

A política pública é que não tem de ser tão dura como em 2011. As circunstâncias são outras, certo?

São muito diferentes. Em 2011, partimos de um défice de 11% do PIB [em 2019 houve um excedente de 0,2%] para uma situação de crise muito assimétrica. Portugal, Grécia, Espanha e outros países estavam a ser responsabilizados pelas políticas irresponsáveis dos anos anteriores. Estávamos sob assistência externa e foram-nos exigidos sacrifícios extremamente duros. Seria o fim da Europa se se exigissem sacrifícios dessas dimensões às populações por causa de um vírus que afetou toda a gente. A Europa deixaria de contar com países como Itália. ■

oferecer empréstimos e benefícios de uma forma sem precedentes. Em tempo de paz não me lembro de os Estados terem sido tão proativos, até generosos nos apoios. É suficiente? Provavelmente não. Mas se não os tivéssemos seria pior. O que está a acontecer na maioria dos países europeus é necessário para os Estados garantirem que não vamos ter um tsunami de bancarrotas e insolvências, de desemprego como não temos pelos menos há quase 100 anos. **Para já estamos sobretudo a falar de moratórias e de empréstimos. A crise vai forçar a encarar outra forma de apoio, a fundo perdido?** Veremos. Depois de o incêndio estar apagado é que vamos ver que mecanismos adicionais serão precisos. Se me pergunta se vão ser precisos mecanismos adicionais eu não tenho a mínima dúvida disso, em vários países. Agora ainda nem sabemos qual será o impacto total.

Há muita dificuldade em fazer estatísticas.

Há, mas aos poucos começam a surgir algumas estimativas mais consensuais e estamos a falar de recessões que não têm precedente nas últimas décadas. Numa segunda fase, quando tivermos as coisas mais estáveis e percebermos quais são os números reais do desemprego e qual a

Quem acordasse de uma sesta, desprevenido, nos primeiros dias de setembro de 2000 e olhasse para a TVI podia achar que estava ainda a sonhar. Umas quantas pessoas desconhecidas andavam por uma casa-estúdio sem fazer grande coisa, não falavam de nada em particular, parecia não estar a acontecer nada. E não estava. Era “a novela da vida real”, descrevia Teresa Guilherme, a apresentadora do primeiro *Big Brother* português, há 20 anos.

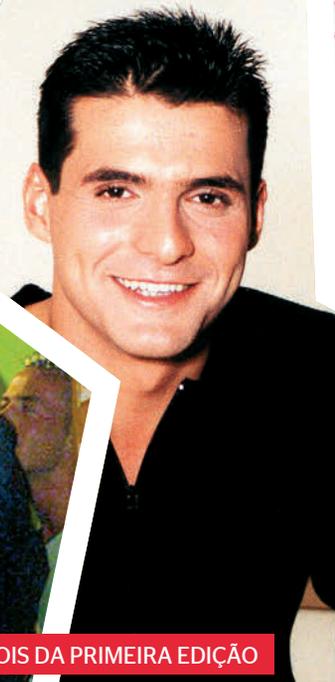
Em abril de 2020 a mesma pessoa pode acordar de uma sesta e deparar-se com o *BB Zoom*, na TVI, mas com certeza já nada lhe parece estranho. E não estamos a falar de estar há cerca de um mês fechado em casa a assistir ao adiamento da vida social por causa de uma pandemia. Perdeu-se a ingenuidade e já nenhum espectador se impressiona com o confinamento de 20 concorrentes numa casa. Podemos continuar a chamar “vida real” ao que se passa dentro de um *reality show*? A televisão generalista está hoje diferente, já não reina sozinha e ver 12 pessoas fechadas num estúdio que imita uma casa é hoje um dado adquirido. Afinal, a vida comum está por todo o lado – no cabo e na Internet.

O primeiro *Big Brother* foi um dos acontecimentos mais marcantes da televisão portuguesa dos últimos 20 anos, afirma Eduardo Cintra Torres, investigador na área da televisão. “Foi um dos programas mais revolucionários da história da TV: estabeleceu um género que entrou para o *top* de audiências e de produção”, diz o académico.

CIDADÃOS SEM QUALIDADES

► O género de que fala Eduardo Cintra Torres é o *reality-game show*, o formato que exhibe a vida dos participantes e que é simultaneamente um jogo com prémio final. O *BB* não foi o primeiro programa em Portugal a fazer da vida comum um objeto televisivo – a fundação da SIC trouxe para o ecrã programas como *All You Need Is Love* (1994) ou *Ponto de Encontro* (1995), em que casos reais

Big Brother



TELEVISÃO. *BIG BROTHER* REGRESSOU AO ECRÃ, 20 ANOS DEPOIS DA PRIMEIRA EDIÇÃO

DE VOLTA AO ONDE

É Célia e Telmo

É o único casal sobrevivente do *Big Brother* original. Ela é bancária, ele tem uma empresa e juntos criam dois filhos, com 15 e 2 anos



O formato parece gasto, mas foi uma das maiores pedradas no charco da TV nacional. Hoje, o público e os concorrentes do *Big Brother* deixaram a idade da inocência. O que mudou 20 anos depois do primeiro *reality show* em Portugal?

Por Catarina Moura

É Cláudio Ramos

O apresentador deixou as manhãs com Cristina Ferreira para se lançar sozinho na apresentação do *Big Brother*



BB2



Zé Maria
Foi o primeiro vencedor do programa que revolucionou a televisão portuguesa. Alguns anos depois regressou a Barrancos, onde ainda vive



REALITY FOMOS FELIZES



Marco e Marta
O casal esteve junto durante sete anos. Têm um filho em comum cujo nascimento foi assinalado em direto pela TVI



2020

eram relatados e resolvidos em estúdio de uma forma mais sóbria.

“A *reality TV* traz a possibilidade de criar uma celebridade do zero e com a ideia de que a vida comum tem interesse e relevância”, diz Ana Jorge, investigadora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA-FCSH) na área da cultura das celebridades.

Com o BB as pessoas reais não têm apenas uma passagem curta pela televisão. O programa introduziu na televisão a vigilância permanente e a componente de jogo – na época, o prémio final eram 20 mil contos [100 mil euros] e um carro.

“Acompanhar a vida era uma tendência que já começava a manifestar-se [no fim dos anos 90]. Nesta altura era ainda minoritário, mas algumas pessoas já tinham um blogue e já havia tendência para a exposição daquilo que anteriormente era considerado privado”, diz Jorge Martins Rosa, professor da NOVA-FCSH e investigador na área da cultura pop. No entanto, aqui, “o cidadão sem qualidades, para usar a expressão do Musil, torna-se notório por aparecer na televisão e o que faz na televisão torna-se notável”, continua Jorge Martins Rosa.

ZÉ, O POBREZINHO E MARCO, O BULLY

▶ Zé Maria, Marta e Marco, Célia e Telmo, Mário ou Sónia são nomes que o público ainda conhece (embora ignore os seus apelidos, na época reduzidos a uma inicial). O que fizeram para que reconhecamos ainda que o animal preferido de Zé Maria era uma galinha ou que o Marco era o mulherengo que se apaixonou por Marta? Lavaram loiça, aspiraram o chão, apanharam sol ao pé de uma modesta piscina, fizeram provas para conseguirem ter comida na despensa, enquanto se zangaram, se apaixonaram ou disseram frases que ficaram gravadas na cultura pop – lembra-se do “falam, falam, falam, falam mas não os vejo a fazer nada”?

Num julgamento depreciativo dir-se-á que não fizeram nada, mas estes “cidadãos sem qualidades” foram personagens. “O Zé Maria era o pobrezinho (são sempre ▶

► as figuras mais populares em Portugal); o Telmo era o rapaz da tropa e o Marco o *bully*. Tal como na literatura, a televisão vive de uma narrativa. É isso que atrai as pessoas”, diz Joana Borges Almeida, que analisou uma das edições da *Casa dos Segredos* para completar a sua tese de mestrado sobre *reality-game shows*.

É neste ponto que a ideia de que a vida real esmorece, sobretudo se olharmos para a evolução da *reality TV* nos últimos 20 anos. O programa seminal foi marcado por personagens variadas e com histórias, idades e origens diferentes; a partir daí caiu-se numa estereotipação do que é o concorrente de *reality shows* em sucessivos *BB*, *Casas dos Segredos* ou os mais recentes *Love on Top* e *Like Me*.

“A tipificação portuguesa destas personagens vai muito ao encontro do espetáculo – procura-se o que provoca conflito ou romance”, continua Joana, lembrando que as personagens mais impopulares em Portugal são aquelas que se assumem como jogadores, que podem mostrar-se mentirosos e até agressivos – o contrário do que acontece em países como os Estados Unidos, por exemplo, em que o *BB* é visto primeiramente como um jogo (por vezes até com contornos de *Jogos Sem Fronteiras*).

O PODER DA MONTAGEM INVISÍVEL

► A passagem do cidadão comum à personagem acontece através daquilo que é invisível à audiência – o próprio *BB* é uma personagem, uma espécie de mão invisível que distribui o jogo. A escolha das imagens que passam nos diretos, a montagem, os melhores momentos para os diários, as missões dadas aos concorrentes encaminham esta novela, criam-lhe enredos e conflitos. Mesmo os iniciais vídeos de apresentação dos concorrentes lançam o tom da personagem em que se tornarão durante o programa: logo no início, Zé Maria mostra os traços de humildade e de alegria que vão marcar a sua participação. “Trabalho na construção civil com o meu pai.

Não deixa de ser em parte divertido, mas é muito duro. Eu sou magrinho, mas desenrasco-me bem”, descrevia-se ele.

O fabrico da realidade pela produção veio ser evidenciado com o formato da *Casa dos Segredos*. Joana Borges Almeida afirma que, pelas missões em que era colocada, Cátia, da *Casa dos Segredo 2*, venceu-se como a concorrente burra, e Fanny, da mesma edição, como a emigrante. A análise mais sistemática que fez dessa edição da *Casa dos Segredos* dá exemplos de como a escolha de imagens, o tempo de exposição dos concorrentes ou até os planos que fazem de cada um fabricam uma versão da vida na casa.

“Quando Paulo e João estavam nomeados, Paulo era bem visto cá fora, mas reagiu mal à nomeação. Falava em facadas nas costas, estava revoltado e era um lado que nunca tínhamos visto dele. A sua exposição foi muito maior e com uma grande quantidade de imagens negativas – tornou-se o concorrente com mais tempo de antena e também o mais vulnerável. Foi expulso”, recorda Joana e acrescenta outro episódio. “Houve uma brincadeira em que Cátia e Miguel foram ao confessionário fazer de psicólogos muito divertidos, achávamos que não tinham grande relação. Quando Teresa Guilherme questionou Cátia sobre o episódio ela perguntou se não andávamos a ver as suas brincadeiras com o Miguel. De facto não andávamos. O que interessava era a sua narrativa com Marco”, recorda Joana frisando que a



Fanny

A filha de imigrantes entrou na segunda edição da *Casa dos Segredos* em 2010. Vive no Norte do País, onde tem uma loja de roupa



Futuro

Pesadelo na Cozinha é descrito como um *reality show* com uma narrativa fechada – sem a participação do público



Ljubomir

A personalidade do *chef* nascido na Bósnia, em 1978, é a chave do sucesso de *Pesadelo na Cozinha*





Sónia e João F.
Entraram na *Casa dos Segredos 2* como um casal verdadeiro. Separaram-se ao fim de seis anos

montagem das imagens é invisível, mas não é imparcial.

A intervenção da produção do programa pode determinar importantes decisões no decorrer do jogo. Joana recorda ainda o episódio em que Miguel atende o telefone vermelho no meio do jardim para responder a uma pergunta que lhe daria o poder de desempatar as nomeações, no caso de acertar. A Voz queria saber que ator tinha sido eleito governador do estado da Califórnia. Miguel acertou e fica clara a escolha da pergunta se virmos o seu vídeo de apresentação do concorrente: Arnold Schwarzenegger é o seu ídolo de infância. “Acho que para a maior parte das pessoas estas questões passam despercebidas. As pessoas têm a tendência para achar que o que veem na televisão é verdade”, conclui Joana.

LÁ DENTRO E CÁ FORA

▶ “Eu sou cá dentro o que sou lá fora” ou “só quem está cá dentro é que sabe” fazem parte do léxico que associa a vida num *reality show* à

vida real. Mas, com o tempo, foram emergindo outras que apontam para a estratégia — o “dar canal” é uma delas. “Se as pessoas estão à frente da TV 20 horas por dia ganham uma literacia empírica e sabem as regras do jogo, ganham um certo cinismo face ao programa. O que não quer dizer que não adiram”, diz Eduardo Cintra Torres.

Nos últimos 20 anos, tal como os concorrentes de *reality shows* ficaram menos ingénuos em relação à manipulação feita pela produção, também o público perdeu a sua inocência — “de um modo geral o público aprendeu alguma coisa sobre como funcionam estes formatos e a televisão”, considera Jorge Martins Rosa.

O desinteresse progressivo face aos *reality-game shows* tem também a ver com esta falta de surpresa, afirmam os estudiosos. Foi precisamente a surpresa que conquistou o público em 2000. “O programa foi aquilo que todos os programas almejam: uma necessidade. Toda a gente estava a falar disto, mesmo que não fosse 100% do seu gosto, tinha de acom-

panhar”, diz Eduardo Cintra Torres.

A relevância do assunto levou o *Jornal Nacional* a abrir com a notícia da expulsão de Marco Borges, depois do pontapé a Sónia. A televisão noticiava-se a ela própria e o entretenimento entrava pelo noticiário, marcando também a história do jornalismo. Nos anos que se seguiram, não se estranhou o acompanhamento em direto por um jornalista do nascimento do filho de Marta e Marco ou mesmo, na TVI e noutros canais, as reportagens sobre rolagem de novelas e estreia de programas de entretenimento.

Quando o jornal da TVI, apresentado por Manuela Moura Guedes, abriu com Marco Borges, Ana Jorge era aluna de comunicação e lembra-se das reações agitadas dos professores de jornalismo. “Sentia-se que eram tempos novos e estavam a ultrapassar-se barreiras deontológicas — voltou a acontecer mais tarde, por exemplo com o *Bar da TV* [SIC]”.



Sociedade

Eduardo Cintra Torres diz que o *Big Brother* mostrou que a sociedade estava preparada para algumas coisas, como o sexo na TV

AS CELEBRIDADES MUDARAM

▶ “A TV dá aquilo para que o espectador está preparado para ver [sob pena de uma rejeição]. Avança um pouco, porque se não avançar é um bocejo”, diz Eduardo Cintra Torres sobre a necessidade de um programa de televisão ser simultaneamente redundante com o que já foi feito e inovador — esta tensão mantém a audiência interessada. “A sociedade estava preparada [em 2000] e o BB contribuiu para a normalização de algumas coisas, como o sexo na televisão. Mas esse processo já estava a acontecer na sociedade”, completa Cintra Torres, lembrando o episódio de sexo entre Marta e Marco ou as conversas de Sónia sobre bissexualidade.

Com a entrada em cena da televisão por cabo, do YouTube e das plataformas de *streaming*, o público está hoje muito disperso e os cidadãos comuns não precisam da televisão para se tornarem celebridades. “Os *youtubers* escolhem o que mostram, gerem a própria imagem, têm de saber produzir, manter públicos, e alguns introduzem informação no entretenimento — em tutoriais de ▶

TAL COMO OS CONCORRENTES FICARAM MENOS INGÉNUOS, TAMBÉM O PÚBLICO PERDEU A INOCÊNCIA



Nuno Santos
O novo diretor de programas da TVI aposta no regresso do formato que há 20 anos deu a liderança à estação de Queluz



Marta e Luís

Em *Casados à Primeira Vista* os concorrentes só se conhecem quando chegam ao altar



maquilhagem podem passar-se muitas mensagens. Suspeito que, tal como com os concorrentes destes programas, são muitas vezes depreciados”, diz Ana Jorge, que admite haver uma continuidade entre os fenómenos de fama de participantes de *reality shows* e *youtubers*.

“Não imaginamos Elizabeth Taylor a dizer que lava a loiça ou a mudar as fraldas aos filhos. O que caracteriza a celebridade mudou. Antes era a diferenciação total. Com a *reality TV* e a Internet isso mudou”, diz Eduardo Cintra Torres.

EO FUTURO?

Em 2000, o genérico do programa mostrava várias câmaras de televisão e anunciava “1 casa, 12 pessoas, 120 dias sem privacidade, 20.000 contos”. O conceito básico do *reality* era o suficiente. A isto sucedeu a *Casa dos Segredos*: acabou o tempo do *reality show* em que a vida decorre entre tarefas doméstica e não há muito que fazer, há um objetivo claro. “Todos têm um segredo, todos têm uma missão: esconder o seu segredo durante 13 semanas. Será que vão conseguir? Mas atenção: as aparências enganam”, ouvia-se no genérico da primeira temporada, dando a vigilância como um dado já adquirido.

Joana Borges Almeida está curiosa para ver o que se segue no reino dos *reality-game shows*, em Portugal. A sua aposta vai para o sucesso de *realities* com narrativas fechadas, isto é, aqueles que não são necessariamente um jogo, não há voto do público: assiste-se ao desenrolar de uma história provocada pelo programa. *O Pesa-*

delo na Cozinha (TVI) e *Casados à Primeira Vista* (SIC) são exemplos desse sucesso.

Em relação ao BB, nesta edição celebrativa dos 20 anos, está expectante: de onde virá a narrativa e a sua surpresa? Fechar 12 pessoas numa casa já não chega.

O discurso em relação ao BB 2020 está a fazer-se pelo revivalismo da primeira e marcante edição e ainda pela badalada transferência de Cláudio Ramos para a TVI – deixa para trás o maior ativo da televisão nacional, Cristina Ferreira, para assumir, depois de anos como *sidekick*, o papel principal. Com o adiamento da estreia do programa (teria sido a 22 de março) por causa do coronavírus,

O PROGRAMA DIVIDE-SE EM DUAS FASES: NOS PRIMEIROS 14 DIAS, CADA CONCORRENTE ESTARÁ ISOLADO

Vencedora

Nas sete edições do BB em Portugal apenas uma foi vencida por uma mulher: Catarina, em 2003



Big Brother

Na estreia, o programa apresentado por Cláudio Ramos perdeu para *Quem quer casar com um agricultor* e foi apenas o sexto mais visto do dia

a pandemia entra também em jogo. O programa divide-se em duas fases: nos primeiros 14 dias, cada concorrente estará em isolamento numa casa e fará dois testes à covid-19 – os espectadores acompanham estes dias no BB Zoom, um formato que pode fazer lembrar o *The Circle*, *reality* da Netflix em que os concorrentes estão no mesmo prédio sem se conhecerem, comunicando através de uma rede social. Na segunda fase do BB 2020, os concorrentes (cujos testes à doença deram negativo) serão levados para a casa.

“Os canais generalistas têm hoje uma posição difícil: é complicado conquistar espectadores e muito fácil perdê-los. Se a TV generalista trabalhar para toda a gente, vai repetindo modelos e perde alguns grupos, se trabalhar para grupos, perde as massas [e a viabilidade financeira]. É um negócio a prazo”, resume Eduardo Cintra Torres o futuro.

Para a TVI, que perdeu no ano passado a liderança para a SIC, esta pode ser uma oportunidade de ouro, sobretudo com o confinamento social a dar tempo e disponibilidade ao público. Resta medir bem o equilíbrio entre a surpresa e a gestão de interesse. Até porque agora o espectador também já sabe o que é estar em confinamento. De quarentena para quarentena, só quem está em casa é que sabe. ■

SANTOS E...

Comemorou-se há uma semana o Dia Mundial do Livro. No olho do furacão, onde o tempo é sereno até nos conseguir apanhar, parece a data menos importante do calendário. Não é. O livro é a pedra de sílex do pensamento, o alto-sacerdote da memória, a voz da civilização. A única forma de escaparmos ao animal que espreita dentro de nós, fingindo o esquecimento, é contarmos histórias. Na imensa fogueira a que nos aquecemos, mais juntos do que alguma vez estivemos e mais distantes do que jamais imaginámos, as histórias mantêm-nos despertos, esperançosos e sonhadores. Se desaparecer a fantasia de sermos como Ulisses, **Quixote**, Gilgamesh, Bovary, Phileas Fogg, Lucie Manette, Atticus Finch, o que resta?



O MORALISTA

As receitas de Trump (adaptadas): 20 cc de álcool etílico sanitário, terebentina e tintura de iodo para a traqueia de António Costa, a ver se acalma um bocadinho com os palpites de distanciamento social

Desinfecte-se

A SUGESTÃO DE DONALD J. Trump de injectar desinfectante nos pulmões para os limpar de Covid-19 é a melhor medida de saúde pública que ouvimos em muito tempo. Sem o saber, o Presidente dos Estados Unidos receitou em estilo visionário (como é, de resto, seu timbre) uma cura milagrosa para um sem-número de maleitas que afligem a saúde neurológica e espiritual de personalidades reconhecidas. Da lista prioritária – seguir-se-ão outras –, enviada esta semana por Bill Bryan, líder da unidade científica e tecnológica do departamento de Segurança Nacional norte-americano, para a Direção-Geral da Saúde de cada país, constam as seguintes cinco medidas:

– 600 ml de soro fisiológico e graxa de pedra-pomes a injectar no superego de José Alberto Carvalho,

Rodrigo Guedes de Carvalho e José Rodrigues dos Santos, tendo em vista erradicar leituras de poemas, frases heróicas de incitamento, sugestões musicais para chorar, pedidos de desculpa de 18 minutos, frases icónicas de guerra e *slogans* de *T-shirts* no posfácio de cada telejornal da noite.

– 20 cc de álcool etílico sanitário, terebentina e tintura de iodo para a traqueia de António Costa, a ver se acalma um bocadinho com os palpites de distanciamento social, a dois meses de distância, em paraísos de contenção e civilidade como os estádios de futebol ou as praias do Algarve.

– 3,5 dl de mercurocromo e esterilizador de cristais nas artérias coronárias de Miguel Maya, Paulo Macedo, Pedro Castro e Almeida e Fernando Ulrich (ele aguente, aguente), tentando refrear tanta solidariedade, empatia, sentido de ajuda comunitária e espírito de missão para com os clientes dos bancos a que presidem.

– 47 litros de soda cáustica e três

garrações de aguardente de medronho nas órbitas de Mark Rutte e Wopke Hoekstra, para ambos deixarem de fingir que não estão sentados no maior paraíso fiscal da União Europeia (a léguas marítimas de Chipre e de Malta), dele beneficiando para manterem a diminuta dívida pública que exibem aos países do Sul como velhos exibicionistas abrindo as gabardines às moças viçosas que passam.

– 17 gins tónicos para a veia de Jair Bolsonaro, que está a perder ministros mais depressa do que Ferro Rodrigues mete os pés pelas mãos” e não merece esse resfriadinho institucional.

– Oito sessões de germicida por lâmpada UV aos administradores dos grupos de saúde privados nacionais, pelo esforço inextinguível no apoio ao SNS em momento de crise menor, localizada e passageira. ◻

Texto escrito segundo o anterior acordo ortográfico



Jornalista
Pedro Marta Santos

Há uma geopolítica tão complexa e delicada como os jogos de guerra: as superstições. O mapa-mundo das crenças e manias de cada país revela a ubiquidade de muitos tiques supersticiosos – entrar numa casa com o pé direito ou bater na madeira para iludir o azar é um hábito global, do México à Síria. Mas há particularidades nacionais inesperadas. Na Coreia do Sul, não convém oferecer sapatos ou asas de frango a um parceiro amoroso (dá azar, fugirá imediatamente). Na Argentina, é preferível não mencionar em conversa o ex-Presidente **Carlos Menem** (um prenúncio de maldição). Já no Gana, caso um homem lave a roupa interior de uma mulher, tem como destino a estupidez eterna. Prevê-se que as superstições – e a parvoíce – aumentem durante os períodos de confinamento.



...PECADORES

PANDEMIA . COMO OS PAIS E OS AVÓS ISOLADOS SE ENTRETÊM

ELES TAMBÉM VEEM

As aulas transmitidas pela televisão bateram o recorde de audiência da RTP Memória. Mas não

Fernando Pires não está com os netos há quase dois meses. O impacto é grande. “Via o mais novo todos os dias, porque o recreio da escola fica nas traseiras da minha casa em Almada”, conta à **SÁBADO**. “O mais velho, de 16 anos, vinha cá almoçar e às vezes até passava cá a noite.” A pandemia separou-os, mas as aulas do Estudo em Casa reaproximaram-nos.

Desde o dia 20 de abril que o avô se senta à frente do televisor para assistir às mesmas aulas que o neto Tomás: Português, Matemática, e Estudo do Meio e Cidadania para o 3º e 4º ano, todos os dias entre as 10h20 e as 11h30. “Depois fazemos uma videochamada e conversamos sobre o que vimos. Da última vez ficámos uma hora ao telefone”, conta. O neto, a frequentar o 4º ano, já conhece a matéria dada. O avô, que completou o 11º ano, considerou o método de ensino da Matemática, com a decomposição de números, mais complicado. Também viu as aulas de Inglês, mas desinteressou-se porque “estão muito no início”. Espreitou as de Alemão, mas achou muito difícil. E assiste às de Educação Física, mas sentado no sofá. “O meu neto faz todos os exercícios, mas aquilo não me diz grande coisa.”

As aulas são uma forma de ocupar o dia. Antes da pandemia, o funcionário reformado da Portugal Telecom, de 76 anos, costumava passar parte do seu tempo numa casa de campo, em Fernão Ferro, onde faz agricultura. Ou fazia. “Ficaram as culturas que não precisam de ser regadas: as favas e as cebolas.” Também tem árvores de fruta e um lago com peixes e um aviário. “Vou lá uma vez por semana para alimentar os animais.” Para além da ida às compras,



PEDRO FERREIRA

não sai de casa. “Viver em isolamento tem sido muito difícil.”

Georgina Fernandes, de 36 anos, também assiste às aulas televisivas para estar mais próxima, mas do pai. José Fernandes, de 65 anos, vive sozinho numa aldeia de Seia e, como só vê 10% de um olho, não gosta de sair da sua propriedade. A filha, em Lisboa, estava preocupada com a saúde do pai que é diabético e sofre do coração. Mas tudo se alterou com a estreia do Estudo em Casa. “Foi ele que me disse que ia começar”, conta. Um notívago que costumava deitar-se de madrugada a ver filmes na televisão, o antigo operário de uma fábrica de lanifícios deita-se agora ce-

JOSÉ FERNANDES LAMENTA QUE O INGLÊS E O ALEMÃO NÃO SEJAM PARA INICIANTE E GOSTA DAS AULAS DE HISTÓRIA

do para não perder as primeiras aulas, às 9h. “Vê tudo e está muito motivado. Adora Espanhol, gosta da sonoridade”, conta a filha. “E como ao telefone só fala nas aulas, tenho de ir vendo para ter o que conversar.” José Fernandes só lamenta que o Inglês e o Alemão não sejam para iniciantes e gosta de História. “Relata-me tudo o que aprendeu.” Por tudo isto, Georgina até já telefonou para o Ministério da Educação a pedir que o Estudo em Casa se mantenha em antena mesmo depois de passada a crise pandémica. “Gostava muito que continuasse, acho que seria útil como programa para a cidadania.”

Alemão é a aula que a escritora Ali-

O ESTUDO EM CASA

são só crianças e adolescentes que estão a ver e a aprender. Por **Susana Lúcio**



Fernando Pires

Está sozinho em casa e assiste às aulas na RTP para depois telefonar ao neto e discutirem o que gostaram mais de ver



Adelaide Luís

Há 18 anos que frequenta a Universidade Sénior de Sintra. Agora ocupa o tempo com as flores do jardim de casa e com as aulas do Estudo em Casa

Aulas dos mais velhos

A maioria das universidades seniores fechou

Isabel Cordeiro, responsável pela Universidade Internacional para a Terceira Idade, em Arroios, Lisboa, não tem parado um minuto. “Recebo os *emails* com as aulas dos professores e reenvio-os para os alunos”, conta. São **mais de 600 os estudantes seniores** da universidade que estão a receber aulas – cerca de 80 não têm acesso à tecnologia ou recusam-se a aderir. A RUTIS – Rede de Universidades Seniores criou o *site* www.seniorvirtual.pt para quem quiser continuar a sua formação. No primeiro dia inscreveram-se 300 pessoas.

ce Vieira não perde. Apesar de ser licenciada em Filologia Germânica, o seu alemão está “um pouco enferrujado – quando vou à Alemanha, só ao terceiro dia é que me habito”. Não gostou da primeira aula porque se falou sobre o coronavírus e está cansada da pandemia, mas não vai desistir. Tem amigas que assistem às aulas de Inglês e Português. Mas, aos 77 anos, a escritora não tem muito tempo disponível – mesmo fechada em casa. “Estou a responder a inquéritos, a escrever um romance a quatro mãos pelo Facebook e faço muita malha: até tenho uma lista de encomendas”, diz a rir.

Aprender línguas

Foram as amigas de Adelaide Luís, de 66 anos, que a convenceram a assistir às aulas da telescola. “Uma até tem um caderno de apontamentos”, diz.

ADELAIDE LUÍS TENTOU ACOMPANHAR AS AULAS DE INGLÊS, MAS NÃO CONSEGUIU. “É MUITO AVANÇADO PARA MIM”, DIZ

Tentou as aulas de Inglês, mas achou difícil. “É muito avançado para mim. Só fiz o 6º ano e na altura dava-se Francês”, explica. Prefere as de História e Geografia, onde recorda o que aprendeu em miúda. “Tenho o televisor ligado, enquanto vou fazendo as tarefas de casa.” Não tem sido fácil ficar fechada com a filha. Há 18 anos que ia todos os dias à Universidade Sénior de Sintra, onde tinha aulas de cavaquinho, coro, flauta e bordado de Castelo Branco. “Ainda ajudava na secretaria da escola.” A universidade fechou com a pandemia e falta-lhe o convívio com os colegas. “Os meus dias mudaram muito”, queixa-se. “Tenho andado mais entretida no jardim e na horta.” Aí, e no WhatsApp, que aprendeu a usar para comunicar com o grupo de 70 amigos.

195 mil

foi o número de espectadores que, na estreia do Estudo em Casa, assistiram à aula de Matemática, a mais vista

Feliz

A escritora Alice Vieira adaptou-se à quarentena. “Estava triste depois de várias mortes, mas a tristeza desapareceu”

Aos 36 anos, Rubina Coelho também não perde as aulas do Estudo em Casa. Começou por acompanhar o filho, de 14 anos, que frequenta o 9º ano, mas agora está a prestar mais atenção às aulas de Inglês, Francês e Alemão. “Trabalho numa loja de roupa no Funchal e fazem-me falta as línguas para atender melhor os turistas”, explica. Mas também assiste às aulas de Português e Ciências Naturais. “Estudei até ao 9º ano, mas há muita coisa de que já me esqueci. Assim fico mais culta.” Garante que é uma aluna mais entusiasmada do que o filho. No fim de algumas aulas em que se colocam perguntas e são dadas três opções de resposta, desafia o filho a responder para ver quem esteve com mais atenção. E não são os únicos na família. “A minha sogra e cunhadas também assistem. Quando falamos por videochamada comentamos o que vimos e as respostas que demos às perguntas.” Será que o Estudo em Casa tem futuro após a pandemia? **■**

AO TELEFONE COM

ANA GUIOMAR

ALÔ

“ACHO QUE VOU FICAR UMA VELHA CHATÍSSIMA”

A quarentena tem sido bastante produtiva para a atriz de 31 anos. Ao longo de seis telefonemas revela à SÁBADO como faz um programa para a TVI a partir de casa. Comida, Netflix, 25 de Abril e catequese são outros temas de conversa.

Por Raquel Lito

Dizem os amigos que ela é como um vulcão – e nem agora está adormecida em casa, constatou a SÁBADO ao longo de seis telefonemas para a atriz, entre 24 e 26 de abril. Mesmo a cumprir quarentena, faz programas para a TVI, campanhas para a Vodafone, produz conteúdos para o Instagram, vai ao vidro, passeia o cão e ainda ironiza com isso. “Há magia”, escreve nas redes sociais. A brincar, Ana Guiomar, de 31 anos, não para. Começou a trabalhar aos 12 numa série da RTP (*Segredos de Justiça*), prosseguiu aos 17 nos *Morangos com Açúcar*, onde conheceu o atual companheiro, Diogo Valsassina. Em casa, respeitaram o espaço um do outro: ela grava o *Anti-Stress*, ele toca no estúdio. E não incomodam os vizinhos.

DIA 24, SEXTA-FEIRA 11 HORAS

► Acorda quando lhe apetece e ironiza no Instagram com a contagem dos dias de quarentena. Brinca q.b., mas trabalhadora *non-stop*. **Bom dia, já passou o 100º dia de quarentena, disse na sua página de Instagram. Explique lá isso.**

“**Não tenho grandes horários nesta fase. Se me apetece acordar às 8h, acordo. Claro que tenho coisas para fazer**”

É irónico. Comecei a 10 de março, quando interromperam as gravações da novela *Amar Demais*. Isto é tão estranho, como é óbvio sinto necessidade de sair de casa.

Está acordada há quanto tempo? Acordei às 9h45. Não tenho grandes horários nesta fase. Se me apetece acordar às 8h, acordo. Claro que tenho coisas para fazer e tenho de cumprir. Já tomei o pequeno-almoço: um iogurte e uma maçã. Depois sentei-me a ver os *emails* para responder. Falei com a Vanessa [agente da Glam] e olhei para o sumário do meu programa.

Refere-se ao *Anti-Stress* que grava em sua casa e passa amanhã na TVI, ao fim da tarde?

Sim, mas o que passa amanhã já está gravado há algum tempo. Não tenho grandes atividades porque ►

► estamos aqui em casa. Damos voltas de um lado para o outro.

Quando sai de casa?

Tenho saído de máscara e de luvas, como eles mandam. Vou ao supermercado de 12 em 12 dias. Se precisar de ir à farmácia, também. De resto, para passeios do cão. Mas como o Bart já tem 11 anos também não lhe apetece caminhar muito. A esperança média de vida dos cães é de 12.

Daqui a nada vai almoçar?

Não faço ideia, se calhar sim. Nem sei que horas são.

15 HORAS

► Este formato de entrevista deixa-a desconfortável, compara-a a uma consulta de autoajuda.

Desde o último telefonema o que tem feito?

Passei o Bart, ele almoçou, eu almocei. Fiz uma máquina de loiça e uma de roupa. Espetacular.

Este Ao Telefone está a ser estranho para si?

O formato é giro, mas às tantas é muito esquisito. Faz-me lembrar a minha tia velhota, coitadinha, quando lhe ligam da Cruz Vermelha três vezes ao dia para saber se está bem. Parece aquelas coisas de autoajuda, em que você faz de psicóloga.

Em que medida é que a quarentena está a ser reveladora para si?

Não fiz nenhuma viagem interior. As pessoas vão mudar durante 15 dias e depois quando perceberem que não podem estar todas na praia ao molho vão-se pegar. Portanto, a viagem interior vai toda ao ar.

Noto aí alguma revolta.

Estamos numa fase em que se fala de distanciamento social e calma. Mas vamos ao supermercado e por questões de segurança só há um senhor no talho e as pessoas reclamam porque não estão a ser despachadas a tempo. Isto é tudo muito bonito na palavra, até chegar à nossa vez e alguma coisa nos incomodar.

Vamos aligeirar um pouco: tem visto séries na Netflix?

Estou a ver *O Método Kominsky*. Cativou-me por questões de identificação, pelo facto de ele ser ator.

Tem algum amigo como Sandy Kominsky (Michael Douglas), com diálogos hilariantes?

► Tem testado receitas com aveia, quinoa e de bolos para a página de culinária *Mãe, Já Não Tenho Sopa*

18 anos

Atingiu a maioridade durante as gravações de *Morangos com Açúcar*. A equipa preparou-lhe uma festa-surpresa

“

Há muita gente que não me conhece porque eu também me dou pouco. Tenho cada vez menos paciência



Bart

O cão de Ana Guiomar e Diogo Valsassina tem 11 anos e também entrou no anúncio da Vodafone



FOTOS DR

Podia ser o Rui Maria Pêgo. Numa entrevista que lhe deu, na Rádio Comercial, Rui Maria Pêgo definiu-a como vulcão. Porquê?

O Rui Maria Pêgo é muito meu amigo. Fico-lhe muito agradecida, acho que sim mas tem de me conhecer muito bem porque não entro em erupção em muito lado. Há muita gente que não me conhece, porque eu também me dou muito pouco. Tenho cada vez menos paciência. Acho que vou ficar uma velha chatíssima, daquelas que não dá entrevistas, não quer falar com ninguém. **Já entrou em erupção por causa do confinamento?** Ainda não. Sou caseira, estou muito bem comigo. É uma fase. Ainda não tenho saudades de nada, porque felizmente tenho estado a trabalhar. Podia inventar uma história, dizer

que sim meu Deus, isto é tudo uma miséria, mas não sou essa pessoa.

19 HORAS

► A comida é o mote, por causa da sua página *Mãe, Já Não Tenho Sopa*. O nome é inspirado numa história real, do começo de carreira.

Às 17h30 faz sempre lives na sua página do Instagram *Mãe, Já Não Tenho Sopa*?

Hoje não fiz porque supostamente ia ter uma reunião no Zoom [plataforma para videoconferências]. Como eles estão noutra país, tiveram de adiar por questões horárias. Mas faço sempre, sim. Os lives são com outras páginas. A ideia é que em vez de estar sempre eu a cozinhar – detesto cozinhar em vídeo – dê visibilidade a páginas similares às minhas, de pessoas anónimas.

“

A minha mãe fazia-me sempre sopa à quinta-feira, desde que eu saí de casa [no Ramalhal, em Torres Vedras], aos 17 anos, e vim morar para Lisboa



◀ Apesar da descontração, Ana Guiomar nunca teve falta de trabalho ao longo da carreira. Começou precoce, aos 12 anos

Qual é a origem do nome Mãe, Já Não Tenho Sopa?

Surgiu porque a minha mãe fazia-me sempre a sopa à quinta-feira, desde que eu saí de casa [Ramalhal, Torres Vedras] aos 17 anos e vim morar para Lisboa. É uma homenagem à mãe e divulga receitas fáceis.

DIA 25, SÁBADO 13 HORAS

▶ O 25 de Abril, a história, as liberdades conquistadas e as modas de Instagram vêm à baila.

Estava a ver uma curiosidade histórica próxima da zona onde vive: às 3h de 25 de Abril de 1974, militares ocuparam os estúdios do Lumiar da RTP. Sabia?

Só mesmo de ler nos livros, porque é impossível lembrar-me de alguma coisa: tenho 31 anos. Tive a sorte de entrar na série *Conta-me Como Foi*, exceto na última temporada. A minha personagem era a Helena, uma revolucionária. Portanto, estudei bastante a época.

Vai comemorar a data?

A liberdade mais do que comemorada tem de ser assinalada e explicada. Se as pessoas estão a ficar malucas em quarentena, como foram 41 anos em ditadura? Então para as mulheres, meu Deus. De repente, 46, os anos em que estamos livres, não é assim tanto. É um passado próximo. Essa coisa de andarmos a pôr fotos *sexy* no Instagram só de pensar que isso não podia acontecer... com as *ego trips* que as pessoas estão a ter hoje em dia era bonito.

“**Eles colocaram aqui a câmara, o cenário, vou decorando o texto e fazendo. Recebo os textos por email**”

▶ A atriz diz que o companheiro não a surpreendeu com cozinhas: “Ainda bem. Ele nem se aventura muito”

18h20

▶ Um canto da casa serve de décor para o programa *Anti-Stress*. Noutras zonas gravou com o companheiro Diogo Valsassina a campanha para a Vodafone. E os vizinhos?

O que fez desde o último telefonema?

Gravei mais um programa. Lanchei ananás e tirei as fotografias com o telemóvel para lhe enviar.

Dentro de 40 minutos vai passar o segundo Anti-Stress. Vai ver?

Depende. Se ficar despachada do que tenho de fazer, sim. O primeiro portou-se muito bem em audiências: fizemos praticamente 600 mil [espectadores].

Se lhe dissessem no início do ano que iria fazer um programa e um anúncio em casa, como reagiria?

Dizia: “Nem pensar, nunca na vida.” Mas pela altura em que estamos, é uma coisa gira e leve de fazer. Eles colocaram aqui câmara, cenário, vou decorando o texto e fazendo. Tenho ali um cantinho e pronto. Recebo os textos por *email*, quem escreve é uma pessoa da minha confiança, revejo-os todos com a pessoa durante o dia. Por isso é que acabo por ficar muito ocupada, tenho de ver os conteúdos, para depois aprovar textos.

No anúncio da Vodafone recriou a quarentena com o seu companheiro Diogo Valsassina. Qual tem sido o feedback?

As pessoas gostaram muito, princi-

palmente porque é verdade e se identificam. Não fazia sentido estar agora a fazer uma campanha normal. Mas sim uma campanha destas, em que assumimos que estamos em casa e temos uma relação com a marca e com o público.

O Diogo converteu uma divisão da casa em estúdio?

Ele tem uma banda há muitos anos, sempre tocou. Não converteu nada, aquele estúdio existe.

Os vizinhos não se queixam?

Os vizinhos não ouvem nada, trabalhamos com fones.

DIA 26, DOMINGO 15h30

▶ É dia de missa, portanto de conversa sobre fé e catequese. Há mês e meio que não vai a casa dos pais.

Pergunta da praxe: o que fez hoje?

Por acaso hoje fiz uma coisa muito engraçada. Acabei de chegar a casa, porque fomos cantar os parabéns a uma tia do Diogo com 95 anos, em Lisboa.

Hoje é dia de missa. Tem fé?

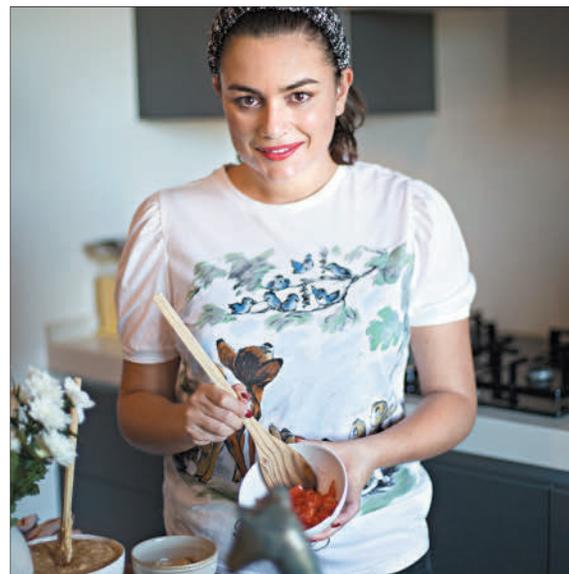
Fiz a minha vida com a religião católica muito perto, porque a minha avó é muito católica e fez gosto que andasse na catequese. Fiz até à profissão de fé. Crisma já não, porque estava nos *Morangos [com Açúcar]* e não tinha tempo. Mas teria feito com a maior das alegrias porque até cantei num coro da paróquia. Tudo o que são experiências sociais eu gosto. Tenho uma história muito engraçada.

Conte.

Sempre que íamos à catequese, havia uma senhora que estava lá para tirar uma fotografia. Todos os sábados à tarde. Achávamos aquilo querido. Até descobrirmos na vida adulta que aquela máquina nunca tinha tido rolo. Era para ela se distrair, nem sei se ela sabe o que é um rolo de fotografias.

Tem falado com a sua família, do Ramalhal?

Sim. não a vejo há mês e meio. Tenho saudades deles, mas não quero fazer um drama. Parece que nunca ninguém fez uma viagem de longa duração. Calma. Valha-me Deus. Há pessoas bem piores do que nós, nestas coisas não sou nada piegas. ◻



LUÍS OLIVEIRA (ANTÍGONA):

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DE UM EDITOR REFRACTÁRIO

Oliveira é o mais acabado exemplar do indivíduo que diz uma coisa e faz outra. Na teoria, é radicalmente do contra, é um ácido crítico das instituições capitalistas e dos seus representantes. Na prática vivida, porém, cultiva a lei desvairada do dinheiro, entrega-se ao instinto de ganhuça do capitalismo, é um escrupuloso defensor da concorrência implacável e da fórmula autoritária



o
Escritor e sociólogo
João Pedro George

Luís Oliveira, fundador e patrão da Antígona, colocou uma providência cautelar à Clube do Autor por esta ter editado o livro *1984*, de George Orwell (prefácio de José Rodrigues dos Santos). Como detentora dos direitos da obra, até ao fim deste ano, a Antígona exige à Clube do Autor que retire o livro de circulação. Segundo Oliveira, “embora eu não seja contra os piratas, esta edição é pirata”.

A prática de Luís Oliveira como editor, a sua trajectória pessoal e, inclusive, a sua autoproclamada ideologia libertária deveriam tê-lo inibido de tomar atitude tão hipócrita e oportunista. Isto é tanto mais bizarro quanto é certo que Oliveira, desde que fundou a Antígona e até, pelo menos, 1992, não pagou direitos de quase nenhuma tradução (que constituem a esmagadora maioria do catálogo do autodenominado editor refractário). Quem o afirma é Pedro Jofre, no elucidativo folheto *O Desprezo*. Acerca da recente reedição de *A Sociedade do Espectáculo*, de Guy Debord, pela editora An-

tígona (Farândola, 2012): “É a primeira vez que alguém nos recusa direitos de edição” [frase de Oliveira, citada por Jofre]. Ora toda a gente sabe que entre 1979 e meados dos anos 90, tudo [italico no original] o que a Antígona publicou em matéria de traduções foi sempre rigorosamente pirata. Nunca ninguém lhe recusou direitos? Ela nunca os pediu a ninguém.”

Vale a pena fazer uma pequena digressão sobre a história da Antígona. Em 1979, ano em que foi fundada, a



ATÉ 1992, LUÍS OLIVEIRA NÃO PAGOU DIREITOS DE QUASE NENHUMAS TRADUÇÕES

Antígona publicou uma tradução portuguesa de *A Insurreição Erótica*, de Giorgio Cesarano. Logo no início, Oliveira acrescentou um edital anti-*copyright*: “Antígona vem declarar que todos os livros por si editados ou a editar não têm *copyright*. (...) Só esta atitude é coerente com a crítica da mercadoria, razão única da nossa permanência.”

Em 1981, a edição de *O Banqueiro Anarquista*, de Fernando Pessoa, foi um autêntico tesouro do pirata: ainda hoje é um dos maiores êxitos comerciais da Antígona. Ao blogue da Angelus Novus, Luís Oliveira declarou em 3 de Junho de 2009: “Publicámos em 1981 *O Banqueiro Anarquista*, de Fernando Pessoa, numa altura em que os direitos não estavam ainda no domínio público. Fomos ameaçados pelos proprietários da editora Ática, detentores dos direitos da obra de Pessoa. Desafiámos a legalidade numa atitude

refractária e fizemos uma edição-pirata, enquadrada por um polémico prefácio. Teremos vendido, em poucos meses, mais de 60 mil exemplares e nada nos aconteceu, isto é, não houve nenhum processo.”

Com efeito, os titulares dos direitos sobre a obra de Fernando Pessoa (a editora Ática e a família Gonçalves Pereira) ameaçaram as distribuidoras com um processo judicial caso o livro fosse colocado à venda. Saberiam eles com quem estavam a lidar? Bem longe disso! Luís Oliveira fez ouvidos moucos e distribuiu o livro directamente.

Perante a redobrada insistência do “editor refractário”, um dos Gonçalves Pereira telefonou a ameaçá-lo com um processo-crime. Ao que Luís Oliveira respondeu: “Não tem nenhum problema, mais vendo; se isso for proibido mais vendo.” Perplexo, o advogado informou que “ninguém lhe vai distribuir o livro, já mandámos cartas para as distribuidoras”. Com a jactância do costume, o sócio-gerente da Antígona disse:

“Olhe, não faz mal, se for preciso eu peço ao meu amigo Kadafi que mande cá uns homens para ajudar a distribuir o livro.” Passou-me aquela, podia ter falado no Jacques Mesrine ou noutra qualquer. Não sei se aquilo bateu ali na cabeça ou se o homem pensou – já era velhote – “é pá, estou metido com piratas”.

Também segundo Luís Oliveira, “a tipografia que me fazia os livros chegou a estar a trabalhar dias inteiros só a fazer reedições, vendemos uns 50.000 num mês. Chegámos a ter os livros na mala do carro com notas de 1.000 escudos e 500 escudos lá pelo meio, nem sabíamos que dinheiro lá estava. Vivemos à grande e à francesa.”

Tudo somado: “Até hoje, vendi milhares e milhares, talvez 100.000 livros, e ainda continua a vender. Hoje posso vendê-lo a 5 euros, fica-me a 70 cêntimos. O banqueiro foi um banqueiro que me pôs a viver muito bem” (para a origem destas citações, veja-se a entrevista electrónica de Luís Oliveira a Bruno Ministro e São José Sousa).

Depois do *jackpot* Fernando Pessoa, a Antígona publicou *Panegírico*, de Guy Debord, em 1995, e incluiu no final do livro, como posfácio, a tradução-pirata de um artigo que Ricardo Paseyro (escritor, poeta e diplomata franco-

► -uruguaio, que conheceu e se correspondeu longamente com Debord) publicara no jornal *Le Figaro*, a 9 de Dezembro de 1994.

Paseyro foi informado disso por Afonso Monteiro, um dos primeiros tradutores de Guy Debord em Portugal, através de carta enviada a 30 de Novembro de 1995: “Sr. Ricardo Paseyro, o seu ‘último encontro com Guy Debord’ é conhecido em Portugal, de acordo com a imprensa, como o posfácio da miserável tradução do *Panegírico*. Duvidando desta ‘verdade jornalística’ e até do seu acordo com a companhia deste Maspero português, mando-lhe um exemplar da edição em questão e a página do jornal que fala de si.”

Em face disto, Paseyro enviou a Luís Oliveira uma carta registada, em 11 de Janeiro de 1996, com aviso de recepção:

“Senhor Director, Um amigo português mandou-me recentemente a sua edição de *Panegírico*, bem como um recorte de jornal sobre este assunto. Tive pois a surpresa de achar aí, integralmente reproduzido e traduzido, o meu artigo sobre Debord, publicado no jornal *Le Figaro* do 9-10 Dezembro de 1994. Esqueceu-se de me prevenir ou de solicitar o meu acordo, e você acrescenta a esta presunção o facto de apresentar o meu texto como uma espécie de posfácio-muleta, de que a obra não tem necessidade nenhuma. Tal procedimento parece-me tão contrário à decência, que eu prefiro para já acreditar num erro dos seus serviços. Poderá corrigi-lo comunicando rapidamente ao público que não autorizei de modo nenhum a sua editora a incluir estas páginas de homenagem a Debord no *Panegírico*, nem noutro sítio qualquer. Se até ao próximo dia 20 de Fevereiro eu não receber a prova fiável e concreta de que você agiu em conformidade, não deixarei de recorrer a medidas de constrangimento” (publicado por Pedro Jofre no folheto acima referido).

Depois, em 1999, Oliveira escreveu à Gallimard, editora francesa que detém os direitos sobre a obra de Guy-Ernest Debord (1931-1994), manifestando a vontade de publicar *A Sociedade do Espectáculo* e *Comentários sobre A Sociedade do Espectáculo*. Informada

das intenções da Antígona, a viúva do escritor francês (e co-fundador da Internacional Situacionista), Alice Debord comunicou a Maryvonne Le Doucen (Gallimard) a decisão de retirar a Luís Oliveira “de ora em diante a autorização e o benefício de publicar a tradução de *A Sociedade do Espectáculo* e de qualquer outro livro do seu autor” (carta de 23 de Setembro de 1999).

Em cumprimento da decisão da titular dos direitos sobre aquelas obras, a Gallimard enviou um fax a Luís Oliveira, de 27 de Setembro de 1999, dando-lhe conta da intransigência de Madame Debord. Luís Oliveira, porém, não se ficou e escreveu nova carta à editora francesa, esclarecendo que a Antígona publicava “autores e textos cujo objectivo confesso é a subversão das condições mentais presentes” e que “com as nossas edições esforçamo-nos por contribuir à crítica da sociedade mercantil” (carta de 6 de Outubro de 1999).

Desta vez, foi a própria Madame Debord que respondeu a Luís Oliveira, em carta de 18 de Outubro de 1999: “Exm^o Senhor: (...) verifico que não tive tão pouco conhecimento de uma Antologia que – como anuncia – inclui alguns dos seus [de Guy Debord] textos.” Alice Debord referia-se à Antologia da Internacional Situacionista, que a Antígona publicara em Dezembro de 1997, com vários capítulos assinados por Debord.

A 5 de Janeiro de 2000, a Gallimard voltava a escrever a Oliveira para o informar da “recusa formal e definitiva” de Alice Debord. Semanas depois, a 18 de Janeiro, Pedro Jofre recebia a se-

guinte carta, assinada pela mesma Alice: “Mandei dizer não à Antígona (através da Gallimard), que pedia o meu acordo. Este comerciante é desonesto, não como do pão dele. Há meios mais faustosos para fazer dinheiro e é justamente o que enraivece os *gagne-petit* que só pensam nisso. Sabemos dar mas também deixar de o fazer: é uma regra de ouro.” Luís Oliveira refreou os ânimos durante alguns anos, o suficiente para a poeira assentar.

Em 2012, apesar de não estar legalmente habilitado para o fazer, Luís Oliveira publicou mesmo *A Sociedade do Espectáculo*. Como sempre, enveredou pelo caminho dos subterfúgios, afixando no livro outro “Edital”: “A Antígona declara que esta obra pode ser livremente reproduzida ou adaptada sem indicação de *copyright*. Só esta atitude é



MISS INÉS

A VERDADE É QUE O EDITOR DA ANTÍGONA ESTEVE SEMPRE INSTALADO NO SISTEMA



coerente com a crítica e o espírito da Internacional Situacionista, da qual Debord foi co-fundador.”

Para que não subsistam equívocos, as três primeiras edições de *A Sociedade do Espectáculo* em França (1967, 1971, 1992) estiveram sempre protegidas pelo *copyright*.

A 12 de Junho de 2012, Pedro Jofre, na qualidade de amigo de Alice Debord, informou a Gallimard dessa edição-pirata. Na volta do correio, Maryvonne Le Doucen mostrou-se surpreendida: “Não estamos ao corrente desta edição já que tínhamos transmitido ao editor, por carta datada de 5 de Janeiro de 2000, a recusa formal e definitiva da Sr^a Debord a respeito do seu projecto de publicação deste título (bem como de *Comentários sobre a Sociedade do Espectáculo*) e a confirmação da Gallimard, em nome da proprietária dos direitos de autor, que ele não tinha autorização para publicar estes livros. Esta edição é, pois, ilegal e vamos escrever à Antígona” (29 de Junho de 2012).

O catálogo da Antígona inclui outros casos, de igual calibre. Mas valerá a pena insistir, como quem remexe no lodo do nosso meio editorial? Não. O que se pode e deve fazer é pedir contas a Oliveira pela sua hipocrisia, mesquinhice e aburguesamento ao interpor uma providência cautelar, quando ele próprio, permanente e sistematicamente, beneficiou do expediente da pirataria para ganhar dinheiro e prestígio cultural. (Desnecessário será dizer que uma coisa é revelar a sonsice e a duplicidade de Oliveira, outra, muito diferente, é defender a editora de Miguel Sousa Tavares e Margarida Rebelo Pinto, pela qual, como imaginam, não tenho qualquer simpatia e respeito.)

Ao recorrer à maquinaria legal do Estado capitalista, Luís Oliveira faz muito mais do que enrodilhar-se em

contradições, escarnece do seu auto-retrato como editor “subversivo” e “desobediente”, e do espírito que, segundo ele, vivificou o nome da editora: “Antígona, a Antígona da história, clamando a negação do Estado, a partir de uma inteira e obstinada recusa da mentira que o instituiu”.

Um indivíduo que se declara “contra esta merda”, que afirma que “enquanto existir dinheiro, nunca haverá bastante para todos”, que acusa os jornalistas e escritores de estarem “sempre com um pé no estribo do Estado”, que confessa não acreditar na lei oficial e que “as leis são-nos na generalidade antipáticas” (em *A Promessa de Antígona*, obra que comemora os 10 anos de existência da editora), carece de moralidade para censurar a Clube do Autor.

Na verdade, a escala de valores de Luís Oliveira não lhe permite criticar, muito menos processar, quaisquer edições-piratas. Um parlapatão que grita “Nós não somos alinhados, nem ligamos muito às leis que regem esta sociedade”, “A nossa escolha é tentar criticar a sociedade existente, as suas leis” e “Somos refractários às leis que regem todo o sistema de opressão em que vivemos”, vem agora, na mais exacta observância dessa mesma lei, ameaçar outro editor?

Quando pretende exhibir-se como supercampeão do inconformismo social e político, defende a rebelião e verte meia dúzia de sentenças desenxabidas

contra o sistema capitalista e a putrefacta sociedade da mercadoria.

Mas quando a pirataria o atinge a ele, a conversa é outra: Oliveira transforma-se num cão burguês pronto a morder e, com a cauda erecta e as orelhas para cima, ordena fanaticamente que se cumpra a lei, que as autoridades vigiem e que o crime seja punido.

Oliveira é o mais acabado exemplar do indivíduo que diz uma coisa e faz outra. Na teoria, é radicalmente do contra, é um ácido crítico das instituições capitalistas e dos seus representantes (a começar pelos outros editores, “seres bisonhos, olhando fixamente na direcção do cifrão”).

Na prática vivida, porém, cultiva a lei desvaivada do dinheiro, entrega-se ao instinto de ganhuça do capitalismo, é um escrupuloso defensor da concorrência implacável e da fórmula autoritária. Em tudo isto, convenhamos, há uma identificação entre ele e a Clube do Autor: são ambos da mesma farinha.

Luís Oliveira adora falar de si próprio e falar muito, e um dos temas de conversa favoritos é a sua transgressão (convenceu-se disso e disso nos quer convencer a nós). Há em Oliveira uma persistência na retórica da insubmissão que cansa, que importuna, que incomoda. Pela presunção vazia, pelo simplismo tosco, pela repetição de meia dúzia de frases feitas, regularmente as mesmas, estupidamente inalteráveis, monotonamente iguais.

Porque a aborrecida verdade é que o editor da Antígona esteve sempre instalado no sistema, nunca o questionou, nem nunca rompeu com o ethos capitalista: como qualquer burguês que fuma charutos e janta na casa dos políticos, Oliveira visa o lucro e a pilhagem. Como de resto a própria Antígona, que sempre corporizou os princípios dominantes – fazer uma editora anti-sistema implica muito mais do que simplesmente publicar textos radicais e subversivos – e é cada vez mais endógena e estrutural ao deus Mercado. Algo que a atitude hipócrita de Luís Oliveira contra a Clube do Autor veio pôr bem à mostra, claramente e sem rodeios. ■

Texto escrito segundo o anterior acordo ortográfico



Gourmet

Do mar ao mercado e ao prato: onde encomendar o peixe mais fresco? **p.92**

Música

Héber Marques fala sobre *Melodramático*, o novo disco dos HMB **p.96**

Séries

Novidade da Netflix junta Nuno Lopes e o criador de *La Casa de Papel* **p.100**

Livros

A *Poesia Incompleta* vende versos à janela ou envia-os pelo correio **p.102**



PLANTAR PARA COMER SEM SAIR DE CASA

Não é preciso ter um terreno para fazer uma horta. Basta uma varanda ou janela luminosa, água, dedicação e paciência. Contamos-lhe casos de sucesso e por onde começar

A agricultura urbana é uma tendência que gerou livros, workshops e até aplicações de smartphone

A ERA DAS HORTAS CASEIRAS

É uma moda muito natural: a prática de plantar e replantar em casa - onde quer que ela seja - nunca foi tão popular como nestes tempos de confinamento e está a colorir os lares de frutos e vegetais. Falámos com especialistas para saber por onde começar.

Por Catarina Moura e Pedro Henrique Miranda

UMA SEMENTE não é um álbum de fotografias, mas para Bruno Simão funciona de forma semelhante. Quando come uma peça de fruta de que gostou particularmente, ou quando traz fruta de algum sítio especial – como as ameixas de casa dos sogros – tenta germinar-lhes as sementes para um dia mais tarde poderem tornar-se árvores de fruto. “É uma forma de preservar uma coleção de frutas que fui comendo e de marcar momentos especiais. Quando a minha filha fez 2 anos plantei uma série de sementes”, conta à **SÁBADO**.

Desde há muito que Bruno planta aromáticas a partir dos pés que lhe dão no mercado ou que apanha no seu terreno – tem para cozinhar e volta e meia oferece um vaso cheio à mãe ou à avó. Há cerca de dois



Se viver num apartamento, precisa de 6 a 8 horas de luz solar diárias para cultivar

sempre ter tido uma grande ligação à natureza.

As hortas em apartamentos são uma tendência que tem levado à publicação de livros, aplicações para *smartphone* e formas adaptadas de germinar, semear e manter hortícolas e ervas aromáticas. Tornou-se uma moda das redes sociais para *millennials*, mas não só: a expressão *plant dad* ou *plant mom* [papá ou mamã de plantas] nasceu para aqueles que cuidam dos vasos em casa de alguém da família.

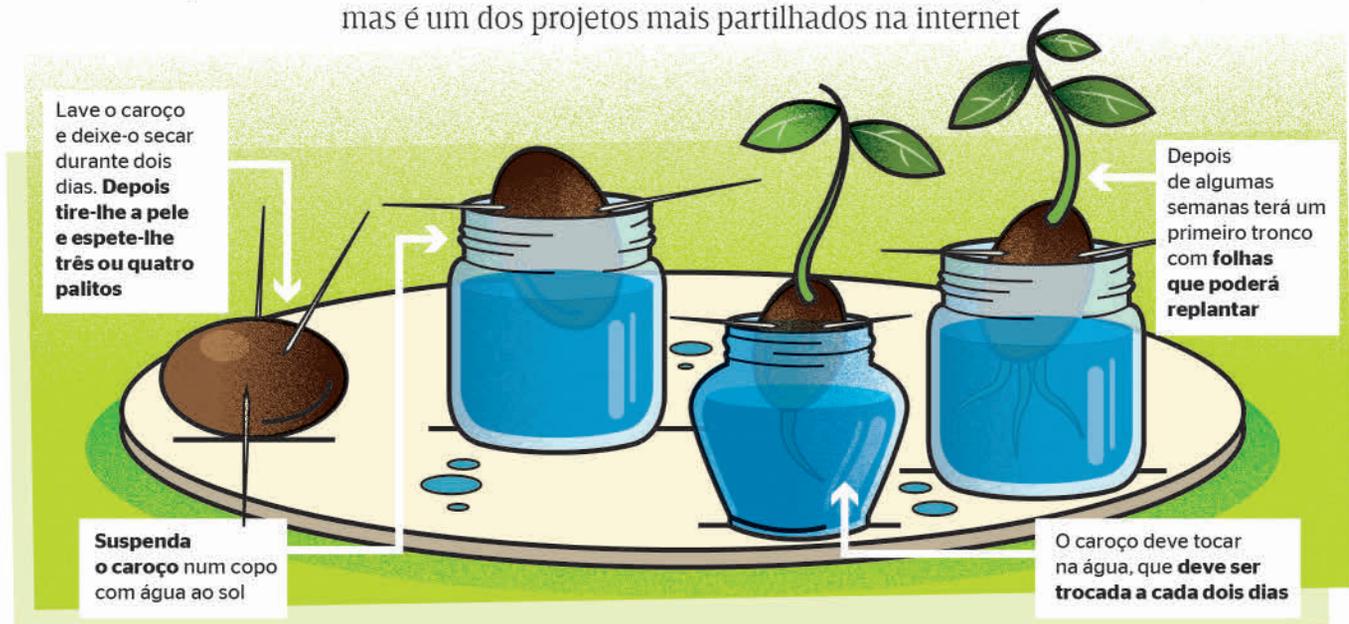
O confinamento social em que o mundo está mergulhado veio trazer tempo para aprofundar a relação de cada um com os seus rebentos e trouxe curiosos que nunca o tinham

anos quis tentar entrar pelo mundo das frutícolas para ver se tinha paciência. “É claro que podia comprar tudo, por €5 já se compra uma árvore com dois anos no mercado. Mas é diferente sentir que fui eu que dei vida àquele ser”, explica o baterista de jazz e rock, que diz

“É claro que podia comprar tudo, mas é diferente sentir que fui eu que dei vida àquele ser”, diz Bruno Simão, que planta ervas aromáticas em casa

Abacate

A planta do abacate é meramente decorativa (pelo menos nos primeiros anos), mas é um dos projetos mais partilhados na internet



Experimentado. É o que garante Susana Caseiro, que começou a difundir esta prática “quando ainda se falava pouco da temática das hortas em casa”. A praticar agricultura biológica em sua casa, em Braga, há 15 anos, foi, em 2010 uma das fundadoras da Plantit, uma aplicação para *smartphone* e *tablet* (hoje apenas disponível gratuitamente para o sistema operativo iOS, da Apple) desenhada para ajudar com as hortas caseiras e que se diferenciou por “separar em estações do ano as espécies que melhor podem ser plantadas e semeadas”.

Hoje, é dona do site *Cultivos da Caseiro*, que, além de artigos, vídeos e materiais sobre agricultura biológica em casa, segmentados por áreas, oferece o curso Clube da Horta, que proporciona mensalmente um acompanhamento virtual para iniciados, explicando “como gerir a horta e lidar com imprevistos, como pragas, fungos ou mau tempo”. Assegura



Quase todos os frutos e legumes podem ser replantados através de pés, sementes, raízes ou folhas

que “nunca o interesse pela agricultura urbana foi tão grande” e que “todas as faixas etárias têm procurado o *site*”. Com 75% de público feminino, nota que “há cada vez mais

jovens a querer aprender a plantar em casa”.

Associado a este fenómeno está o da reutilização e replantação de vegetais. Uma pesquisa na Internet por *regrow*

veggies (ou simplesmente *re-grow*, que em português significará qualquer coisa como fazer crescer de novo) mostra milhares de pessoas que puseram aparas de vegetais usa-

Beterraba, cenoura, nabo

Com esta jardinagem a partir do desperdício terá ramas e folhas para temperar pratos e juntar a saladas

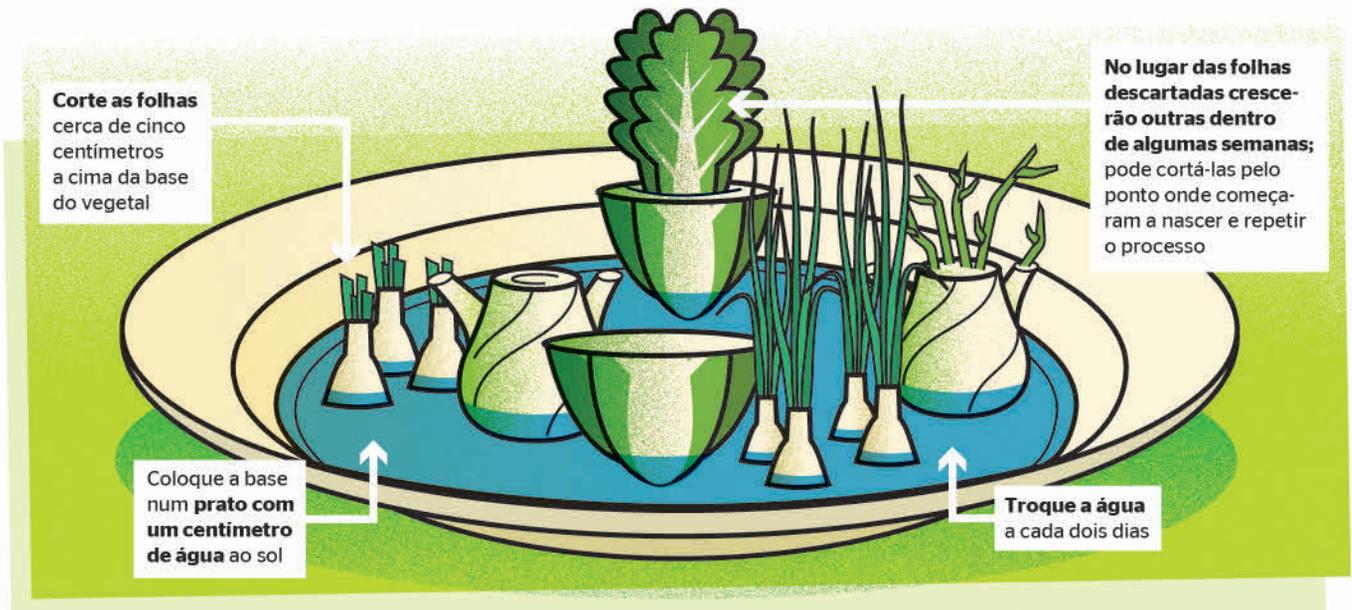


Fonte SÁBADO

R.S.

Cebolinho, funcho, alface

Pode fazer crescê-los várias vezes a partir de um prato com água ou acabar por replantá-los em terra



Fonte SÁBADO

R.S.

“De cada vez que deitamos ao lixo um pé de alface, estamos a desperdiçar entre seis e 10 novas folhas”, diz Katie Elzer-Peters, autora de Tudo se Aproveita



Susana Caseiro, que tem um *sítio* com dicas de agricultura, tem cerca de 60 variedades hortícolas no seu “jardim comestível”

dos, pés e talos à janela para que voltem a brotar. Katie Elzer-Peters, autora do livro *Tudo se Aproveita*, explica que “de cada vez que deitamos ao lixo o pé de uma cabeça de alface, estamos a desperdiçar potencialmente entre seis e 10 novas folhas”. Os resultados dependem do tipo de vegetal ou fruto, mas “sempre que se plantam sementes, pés, raízes ou folhas de algo, pode-se ob-

ter algo comestível”, assegura. Isto vale para tudo, de “batatas-doces, abacates e ananases” até “nabos, rabanetes, alho e cenouras”.

Melissa J. Will, dona do blogue canadiano *Empress of Dirt* (Imperatriz do Solo), partilha com a SÁBADO algumas das suas práticas: “suspender raízes de cebolinho em água”, “regar caules de manjeriço e

salsa” e “plantar gengibre” resultam em novos espécimes que podem ser consumidos em casa. Se viver num apartamento e tiver “entre 6 e 8 horas de sol diárias”, junto a uma janela ou numa varanda, pode plantar “ervilhas, tomates, espinafres, rúcula ou alface” e, em caso de falta de espaço, a agricultora aconselha “replantar os vegetais mais caros ou

difíceis de encontrar nas lojas”, prometendo “resultados surpreendentes”.

Susana Caseiro, que dá conselhos com base na sua experiência prática, frisa que, em Portugal, temos “um clima muito específico e privilegiado para uma grande variedade de cultivos”. No seu “jardim comestível”, um sistema de 10 m² de vasos e canteiros instalado no seu pátio, conta que tem “mais de 30 variedades só de ervas aromáticas”, além de 25 outras de vegetais e frutos como “amoras, framboesas, morangos e mirtilos”. Por cada metro quadrado de solo, explica, “podemos cultivar até 20 kg de alimentos por ano”, mas para isso “é necessário, além de criatividade e gosto, experiência e conhecimento que só se ganham com a prática”. ■

MÃOS À HORTA

Vasos inteligentes, sementes que são património nacional e regadores que são também decorativos. Não tenha falta de material

VASO INVERTIDO BOSKKE

A marca britânica tem algumas das mais criativas soluções para plantas em casa, como este Sky Planter. **€11,40**



VASO INTELIGENTE BOSH

O MSGP6 é um vaso hidropónico (sem terra) para seis botânicos. O sistema de luz e irrigação faz tudo sozinho, da semente à colheita. **€269,99**



PAPEL GERMINADO JARDINITIS.PT

Apenas com umas borrifadelas de água, este papel germina sementes de papoila, mostarda, rabanete ou couve. **€4,39**



FERRAMENTAS KINDA

Conjunto de três ferramentas de jardinagem em metal, modelo Graziela. **€12,59**



REGADOR ZARA HOME
Para regar de facto ou apenas para decorar a casa, em ferro e latão. **€29,99**

SEMENTES HERITAGE SEMENTES VIVAS

Esta coleção reúne nove ícones portugueses como a rosa-albardeira, o nabo-greleiro ou a cebola-branca de Lisboa. **€2,49**



opinião

Bom gosto, mau feito

A ODE ÀS MÃES (O ESTEREÓTIPO)



ÂNGELA MARQUES

B

anho de realidade: Deus só é Pai porque nunca poderia ser mãe. Imaginem que ele tinha de estar em todo o lado, saber tudo e cuidar de todos – tendo, no lugar do coração, um botão de pânico. Portanto, Deus é pai porque, na profissão dele, não se pode enervar. Elas? Elas matam e morrem pelos filhos mas, no entretanto, dão-nos cabo dos nervos. E porquê? Porque têm o pânico ao pé da boca.

Começa cedo: assim que nos veem no mundo (um mundo que elas sabem que é bem mais ou menos), a vida delas transforma-se num constante estado de emergência. Mesmo as que nunca estudaram música dominam o solfejo do terror. É com ele que, a partir do momento em que nos dão a chave

de casa, orquestram as possibilidades de acidentes, raptos e doenças raras com que nos cruzaremos de cada vez que formos de férias. “Ligo-te quando chegar” é música para os ouvidos delas.

Voltando à metáfora religiosa: quando estão ansiosas, elas não nos mandam sinais, mandam-nos o terceiro testamento. Adoram começar telefonemas com “Não é para te preocupar, mas...” E é claro que, não raras vezes, quando lhes dizemos “devias ir ao médico”, elas replicam com: “Não, isto não é nada.” (Porque, naturalmente, têm um curso de Medicina de que não sabemos.)

QUANDO ESTÃO ANSIOSAS, ELAS NÃO NOS MANDAM SINAIS, MANDAM-NOS O TERCEIRO TESTAMENTO



A partir de determinada idade, elas, que conhecemos de toda a vida como as pessoas que iniciam as conversas telefónicas com “onde é que estás?”, fazem de conta que não querem incomodar. “Não me ligaste...”, dizem elas. “Podias ter ligado”, respondemos nós. “Sei lá se estás ocupada.” É que elas dominam tudo, menos o conceito de chamada não atendida. Porquê? Por causa do pânico. Se um filho não atende, o que é isso quer dizer, meu Pai?

Podia dizer que, esta semana, a minha mãe foi superlativa nisto de ser mãe – mas talvez seja mais correto dizer que foi só uma mãe normal. No meio de uma pandemia, em regime de confinamento, ligou-me mal o sol tinha raiado. Sem pânico, porém algo intrigada, atendi de imediato. “Filha, fiquei fechada na rua...” Juro, só me ocorreu dizer: “Meu Deus.” ■

DA LOTA AO PRATO, BEM FRESQUINHO

Mesmo confinado, não há razão para dispensar o que o mar dá. As peixarias reforçaram os serviços e o peixe que todos os dias chega fresco aos mercados pode também ir diretamente até sua casa. Por Filipa Teixeira

CARLA ESTÁ na fila para o peixe. É uma fila modesta. Por estes dias não entram mais de 20 clientes no Mercado de Matosinhos que, ao contrário da azáfama das semanas de pré-confinamento, em que as pessoas se debruçavam e cirandavam livremente pelas bancas dos frescos, respira uma calma e um distanciamento que é respeitado por clientes e vendedores.

“Para grelhar, tem a dourada, o robalo, o regado ou o rodovalho; para fritar, uma fanequinha, umas azevias ou a marmota; e, para assar no forno, pode ir para o cantaril”



JORGE MIGUEL GONÇALVES

“Antes disto havia mais pessoas a vender”, nota Carla, que, sendo filha de uma família piscatória, não prescinde do peixe na sua dieta alimentar. “Como peixe umas cinco a seis vezes por semana”, diz, olhando do alto dos seus 43 anos para os tempos em que era

pequenina e, tal como agora, se deliciava com as sardinhas e os carapaus da nossa costa.

Passando os olhos pelas bancas que se estendem no rés do chão do mercado veem-se escamas de vários géneros. “Para grelhar tem a dourada, o robalo, o pregado ou o rodovalho; para fritar uma fanequinha, umas azevias ou a marmota; e, para assar no forno, pode ir para o cantaril”, aponta Maria Carolina da Silva Santos, proprietária com bancada em nome próprio que, à semelhança de quase todas as bancas do mercado, faz entregas ao domicílio.

A variedade não é tanta como dantes – “pode ser do tempo, do mar que não está bom para sair para a pesca ou dos pescadores que foram obrigados a parar por causa do vírus”, explica prontamente – mas isso não afetou a procura, nota a vendedora de 64 anos.

“Pelo contrário”, ouvimos



JORGE MIGUEL GONÇALVES

Cristiana trabalha na Topeixe, uma das bancas do Mercado de Matosinhos que aceita encomendas (918 271 278)



Além das espécies regulares, Rita Ferreira tem sempre peixe da estação, como o sável e a lampreia

desta feita a vizinha do lado, Rita Ferreira, enquanto amanha uma grande pescada. “Muita gente que dantes ia ao supermercado, agora vem aqui” – e as encomendas, acrescenta, ajudam a melhorar a faturação ao fim do mês.

“O nosso mar dá muito bom peixe” e Rita e a mãe, Helena Cadilho, tratam de o escolher na lota, arranjar e deixar pronto para quem ali o queira levantar ou encomendar para casa (pelo 914 530 768).

“AGORA JÁ SE COMEÇA A VER MAIS FREGUESES”

Contudo, nem todas as vendedoras partilham do ânimo de Rita e Maria Carolina. Ainda em Matosinhos, Cristina de Jesus lamenta a perda de receitas. “Tinha dois restaurantes para os quais vendia todas as semanas e que agora estão fechados. E os clientes, é o que se vê”, declara, apontando com desalento para o vazio. “Tenho os meus peixes com preço acessível”, defende, enquanto vai mostrando a vi-

“O nosso mar dá muito bom peixe”, garantem Rita Ferreira e a mãe, Helena Cadilho, que trabalham juntas, escolhendo diariamente na lota o peixe que amanha no mercado

vacidade das suas cavalas, da pescada ou do peixe-galo, que, quando vem com as “mílharras” (termo usada no Norte para significar ovas) “dá para fazer uma boa açorda”.

Como está sozinha no negócio, não pode fazer entregas ao domicílio, mas o telemóvel anda sempre no bolso para

+15

OPÇÕES PARA TER PEIXE FRESCO EM CASA

LISBOA

Na **Peixaria Centenária**, encontra o peixe disponível para encomenda no site da empresa. Os pedidos podem ser feitos por telefone (210 112 459), email (correio@peixaria-centenaria.pt) ou WhatsApp (934 130 738). Já Rosa Cunha, da **Peixaria Rosanamar**, no Mercado da Ribeira, deixa todos os dias a lista de espécies que tem em banca na sua página do Facebook, para entregas em Lisboa, Cova da Piedade, Laranjeiro, Feijó, Sobreda e arredores (919 215 583, mínimo €25). Se quiser peixe selvagem, pescado de forma sustentável na costa de Sesimbra, ligue para a **Peixaria do Bairro**, que faz entregas na Linha de Cascais (do Restelo a Cascais) às quartas e sextas depois das 14h (916 507 147, valor mínimo €50).

Há ainda a **Peixaria Veloso**, do Mercado 31 de Janeiro (926 085 729; peixariaveloso.encomendas@gmail.com), que entrega em Lisboa e na Margem Sul do Tejo; a empresa **Peixe Fresco**, que cobre Lisboa, Oeiras, Cascais, Almada, Seixal e Sesimbra (961 300 245), ou a **Silva Fish**, com entregas em 24 horas (grátis acima dos €30) nos concelhos de Lisboa, Elvas, Campo Maior e Arronches (967 409 582; samuel_mexia_silva@hotmail.com). Aos clientes dos mercados de **Benfica** e **Alvalade**, basta procurar o contacto do vendedor favorito no Facebook e o site das respetivas juntas de freguesia.

PORTO

No Bolhão, também **Maria Alice Ferreira** amanha por encomenda, mas se o cliente não morar no centro do Porto, terá de levantar o peixe



no mercado (937 738 014). **Lúcia Fernandes** tem peixe e marisco congelados, como espetadas, polvo, filetes de robalo, sapateira ou camarão-tigre, para entregar a qualquer hora (916 283 868). Nos congelados pode ainda contar com a **Peixaria Rosa Maria**, que entrega no Porto e em Gondomar (223 324 202), a **Peixaria Teresa Soares Costa** (222 083 607) e a **Peixaria Ermelinda Lopes**, que entrega em todo o Grande Porto (913 346 670).

Fora do mercado, há a **Peixaria Gelinho**, que entrega peixe fresco das 10h às 14h na cidade do Porto (taxa de €2, grátis s partir de €15).

E AINDA...

A **Peixinho da Lota**, que se abastece nas lotas da Figueira da Foz e Nazaré, tem à disposição diferentes cabazes para entrega em todo o País – do cabaz Base, de 3 kg e com até três espécies sazonais (€28) ao Gourmet (€35), de quilo e meio, com uma ou duas espécies, de marisco ou personalizados, há várias opções, a consultar no site da empresa. A taxa de entrega é grátis nas zonas de Viseu, Coimbra e Figueira da Foz e as encomendas são por telefone (934 365 579), Facebook ou email (geral@peixinhodalota.pt).

◻ quem queira encomendar (pelo 910 092 872) e levantar o pedido à porta.

De Matosinhos para o Bolhão, no centro do Porto, sucedem-se as odes ao mar e as pragas ao novo coronavírus. “Esta é uma luta sem armas e contra um inimigo que ninguém vê”, resmunga Sara Araújo, segunda geração de três inteiramente dedicadas ao peixe. “Tenho 48 anos e já cá estou há 30, veja bem!”

Destas três décadas a vender no mercado, dificilmente se consegue lembrar de uma fase tão difícil para o negócio como esta: “Tive uma quebra de 70% na faturação.” A “culpa” é da falta de turistas e do fecho dos restaurantes. Ainda assim, não baixa os braços: “Os clientes de idade mantiveram-se comigo.” Porém, em vez de irem até à banca de

Sara Araújo teve “uma quebra de 70% na faturação”, por “culpa” da falta de turistas e do fecho de restaurantes, devido à pandemia de Covid-19

Sara, é Sara que lhes leva o peixe até casa (basta ligar para o 960 151 173).

O mesmo acontece com a peixaria Bininha, uns metros ao lado, que vai respirando com um pouco mais de alívio nestes últimos dias: “Agora já se começa a ver mais fregueses.”

Para esses fregueses, ora os que namoram a sua banca, ora os que ligam a encomendar (pelo 912 721 984), tem sempre uma montra recheada de peixe fresco de Matosinhos. ◻



PEDRO CATARINO



AS DICAS PRECIOSAS DE QUEM SABE

Melhor do que ninguém, as peixeiras que vão todos os dias à lota para abrilhantar as suas bancas sabem como cozinhar, arranjar e aproveitar todas as partes de cada espécie. Tome nota destes conselhos e garanta que leva para casa o melhor peixe do mercado.

ARRISQUE EM PEIXES FORA DO COMUM
Porque não escolher umas azevias para fritar ou uma cascarra para uma caldeirada? Pergunte às vendedoras o que têm em montra e arrisque em peixes que não conhece. Poderá ter ótimas surpresas.

SERÁ QUE O PEIXE É FRESCO?

O brilho e o olhar vivo não enganam. Pelo contrário, se notar uma textura menos rija, olhar e aspeto mais baços e a cabeça a começar a ficar vermelha, é sinal de que o peixe está a perder a sua frescura.

SE CONSERVAR FRESCO, FRESCO SE MANTERÁ

Tal como a carne, o peixe também se conserva bem no congelador. Basta que o congele fresco e, assim que o tirar, vai parecer quase acabadinho de sair do mar. Por isso, se não gosta de comprar “às pingui-nhas”, sinte-se à vontade para fazer um stock de peixe bem composto em casa.

APROVEITE TODAS AS PARTES DO PEIXE

Costuma pedir que cortem a cabeça ou que tirem as espinhas ao seu peixe? Não faça isso! Da próxima vez que encomendar peixe, peça que lhe coloquem as cabeças e as espinhas num saco à parte e, com elas, faça um bom caldo para um arroz ou uma base de sopa de peixe.

E NUNCA SE ESQUEÇA...
Segundo um estudo sobre a importância do consumo de pescado fresco, da investigadora do IPMA e do CIIMAR, Narcisa Maria Bandarra, três refeições à base de peixe é uma excelente contribuição para o bem-estar do organismo, prevenindo a obesidade, regulando os processos inflamatórios e o stress oxidativo.



Vendedora no Mercado de Matosinhos, Maria Carolina Santos prepara o peixe para os clientes em banca e para as encomendas

JORGE MIGUEL GONÇALVES



Diogo Mexia, diretor-geral do projeto (esq.^a), e Jorge Rosa Santos, o enólogo

SUPERIOR EM TUDO, E A SUBIR

De um Douro colado ao Planalto Beirão, de altitude superior a 600 metros, a assegurar a frescura, e reserva de biodiversidade, vêm os vinhos sem par de Diogo Mexia e Jorge Rosa Santos. Conheça-os. Por Rita Bertrand

A METÁFORA ajusta-se na perfeição aos vinhos Colinas do Douro. Vindos da sub-região duriense chamada Superior, no Extremo Sudeste, a caminho da Beira e suas serras, numa transição entre solos de xisto e granito, vão a caminho do céu, não só por serem próximos do divinal, mas porque é altaneiro o seu *terroir*, a 640 metros, o que lhes dá caráter único, distinto do daqueles que vêm dos vizinhos Baixo e Cima Corgo.

É o que Jorge Rosa Santos, enólogo do projeto, faz questão de destacar: “Há aqui elegância e mineralidade ímpares, além de complexidade, músculo e concentração, o que dá grande longevidade a estes vinhos.

Mesmo sem barrica, evoluem.” Portanto, estão prontos agora, mas a sua qualidade ainda sobe, se guardados, como provou à **SÁBADO**, com garrafas de diferentes colheitas, num almoço no restaurante Lisboa é Linda, ao Cais do Sodré, pouco antes de a pandemia explodir.

Do portfólio da empresa, con-

Do portfólio da empresa fazem parte as marcas Colinas do Douro e Quinta da Extrema, esta para vinhos mais conceptuais e diferenciadores



QUINTA DA EXTREMA BRANCO 2016 - EDIÇÃO I
€29



COLINAS DO DOURO ROSÉ 2016
€5,95



COLINAS DO DOURO RESERVA TINTO 2015
€11

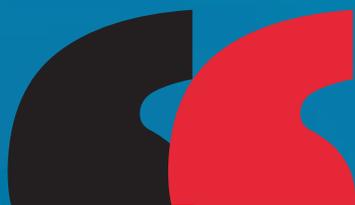
COLINAS DO DOURO COLHEITA TARDIA 2015
€18



tigua à ribeira de Aguiar, onde fica a célebre Quinta da Lêda, de onde vem o Barca Velha, fazem parte os vinhos Colinas do Douro, que expressam a região de forma contemporânea, com estilo mas sem exuberâncias, e também a gama Quinta da Extrema, “que é mais conceptual e diferenciadora”.

Esta marca bebe o nome a uma propriedade de 450 hectares, a mais singular das quatro que detém, com os seus 105 hectares de vinhas em socolcos, com exposição norte, de castas autóctones, como Tinto Cão, Tinta Roriz, Touriga Nacional, Rabigato ou Viosinho, e algumas estrangeiras de prestígio, a inspirar monovarietais diferentes a cada ano, “sempre surpreendentes”, como aponta Diogo Mexia, diretor-geral deste projeto com uma década, associado à Plataforma Europeia da Biodiversidade, tendo, por isso, também por missão “respeitar escrupulosamente a natureza”.

Não por acaso, olhando a paisagem, quase nem se dá pelo nascimento da sua nova adegas, assinada por Eduardo Souto de Moura e Ricardo Sousa Santos, a inaugurar em breve: “São 3.500 m² em material sustentável, com o mínimo impacto ambiental possível.”



A DÚVIDA É UMA BÊNÇÃO

Depois de conquistarem o País, os HMB mudam de rumo em *Melodramático*, uma ode à tristeza que os retrata mais eletrônicos que nunca. Falamos com Héber Marques, o vocalista da banda, sobre esta transformação.

Por Pedro Henrique Miranda

ENTREVISTA

Estavam desnorteados por um sucesso que até a eles apanhou de surpresa – o de *O Amor É Assim*, com Carminho –, mas rapidamente decidiram que o caminho a seguir era outro. Com *Melodramático*, os HMB inauguram uma nova fase com som eletrônico, tristeza à flor da pele e a dúvida, não a certeza, como guia.

Este álbum é um novo capítulo ou a continuação dos anteriores?

É definitivamente um novo capítulo. Nos discos que lançamos até agora houve sempre uma evolução: o primeiro partia da ingenuidade, o segundo ainda carregava resquícios disso e o terceiro já se

afastava muito da intuição, para procurar uma maior produção. Neste, tentamos canalizar um pouco de tudo isso, mostrar uma nova faceta. Sentimos a necessidade de nos reinventarmos, de procurar uma nova sinceridade sem, com isso, prescindir do nosso ADN. É o virar de uma página na nossa história.



Descrevem-no como “uma viagem que fizemos no meio das nossas crises”.

Gostávamos de quebrar com um paradigma. Nesta era digital parece que não nos é permitido viver a tristeza, somos impelidos a mostrar sempre a faceta alegre. Nós somos uma banda bastante alegre, mas há sempre momentos complicados. Queríamos que o disco fosse como a narrativa da história de Orfeu, daí os elementos clássicos na capa: uma história de tristeza, mas que vê luz ao fundo do túnel. É importante aceitar que os momentos menos bons têm de ser vividos, para serem ultrapassados.

Daí o título?

Achámos que estava na génese das canções. O melodramático é aquele que vive na euforia da felicidade ou no seu completo oposto. É curioso o facto de, como seres humanos, estarmos sempre à procura da estabilidade mas, provavelmente, vivermos muito mais nos extremos do que no meio.

O assunto sugeriu a mudança para um som mais eletrónico?

Foi mais uma vontade de querer quebrar com o molde. Precisávamos de sair do universo acústico com que

nos familiarizámos e expor-nos a esta era digital. E de fugir ao medo, porque a incerteza e a dúvida, de que falamos muito no disco, geram muito medo e há que saber enfrentá-lo.

E como surgiram as colaborações?

Todas surgiram porque a música assim o exigia. Desta nova vaga do hip-hop, o Pappillon é o meu *rapper* preferido, e quando compusemos a *S.O.S.* eu ouvia-o na canção. Então convidámo-lo a escrever umas rimas. O mesmo com o Dino d'Santiago, com a diferença de que fui eu a escrever os versos, que achei que encaixavam perfeitamente na voz dele. No caso da Inês Castell-Branco, decidimos ter uma introdução com versos de Fernando Pessoa e achámos que ela seria ideal. Acontece sempre assim: a música indica o caminho. Foi assim antes, com a Carminho, o Samuel Úria...

Encaram a música de maneira diferente depois do sucesso?

É engraçado, porque estamos num ofício em que o estado de espírito dita o percurso, e a mentalidade é completamente distinta. É o primeiro disco depois do grande êxito que foi *O Amor É Assim*, que já não é nosso, pertence aos portugueses, e isso instala sempre a questão de o que fazer a seguir. O que decidimos foi ir no sentido oposto.

Como gostaria que as pessoas recebessem este disco?

Desconfio sempre que, apesar de fazermos discos completos e elaborados, as pessoas não o ouvem todo. Acho que o estado de confinamento vai fazer com que as pessoas mergulhem mais na obra, não fiquem só na epiderme. Quero que as pessoas usufruam da viagem que propomos e percebam que é um disco que surgiu de dúvidas — antes achava que eram uma maldição, agora acho que são uma bênção. Talvez as certezas sejam mais drásticas do que as perguntas. 📍



MELODRAMÁTICO
Soul, funk, eletrónica
• Ed. Sony Music
Grátis em streaming

É o primeiro disco depois d'*O Amor É Assim*, que já não é nosso, pertence aos portugueses, e isso instala a questão de o que fazer a seguir. O que decidimos foi ir no sentido oposto

ODE À TRISTEZA

O vocalista Héber Marques acredita que é preciso “quebrar com o paradigma” da felicidade obrigatória, pelo que o álbum é “uma história de tristeza com uma luz ao fundo do túnel”

SEGREDOS, CONFISSÕES E UM PEQUENO GOLPE

A *Mentira Perfeita*, que junta pela primeira vez um par veterano de relevo, Helen Mirren e Ian McKellen, dirigidos por Bill Condon, não chegou a estrear no cinema, mas está agora nos videoclubes dos serviços por cabo nacionais. Vale a pena?

Por **Tiago R. Santos**

ATÉ PODIA SER uma comédia romântica, se o genérico de abertura não fosse tão sério e cheio de sombras, datilografando (literalmente) as suas intenções: isto é coisa dramática por isso não se deixem enganar. Começa com Betty (Helen Mirren) e Roy (Ian McKellen) a teclarem, preenchendo fichas de participação numa plataforma de encontros amorosos, mentindo aqui e ali até que combinam encontrar-se. Quando estão frente a frente num restaurante, chamam “computer service” ao *site*, o que é quase enternecedor.

O experiente Bill Condon, confiando no indiscutível charme dos seus protagonistas, coloca o espectador na mesa do lado, permitindo-lhe aproximar-se para melhor acompanhar a conversa entre dois idosos que se seduzem. Mas é uma elegância que se

A promessa inicial de que estamos perante uma comédia romântica elegante dá lugar ao chamado “filme de golpe” com pouca imaginação

vai dissipando. Talvez seja até o que mais surpreende em *A Mentira Perfeita*: o texto (escrito por Jeffrey Hatcher, que adapta um romance de Nicholas Searle), parece em permanente conflito com o género em que se movimenta.

A ilusão de comédia ro-

mântica entre a terceira idade é depressa abandonada e Roy apresentado como experiente vigarista a dias de roubar milhares de libras de investidores imobiliários – o que nos transporta agora para o “filme de golpe”.

O que se revela um problema. Como os melhores da categoria já demonstraram – *A Golpada* (1973), de George Roy Hill, é a obra prima do género, *Ocean's Eleven* (2001), de Steven Soderbergh e até *Ladrões e Cavalheiros* (1988), de Frank Oz, são outros muito recomendáveis exemplos –, é necessário que os truques e as artimanhas usados para enganar as vítimas insuspeitas (posição em que, regra geral, se encontra também o espectador – mesmo quando o espectador acredita saber o que se está a passar) sejam inventivos, originais, surpreendentes, como truques de magia, cuja solução para o inexplicável está, desde o início, mesmo em frente aos nossos olhos.

E *A Mentira Perfeita* não tem imaginação para tanto. São poucas as pistas e demasiadas as insinuações: começam a acumular-se as referências aos Nazis e à Segunda Grande Guerra, desde uma ida ao cinema para ver *Sacanas Sem Lei*, de Quentin Tarantino, até ao (muito irritante) neto de Betty que estuda Albert Speer, o ar-



No filme, o par protagonista conhece-se através de um *site* de encontros amorosos

FOTOS D.R.

quiteto chefe do Terceiro Reich. Um filme mais espirituoso – e cinéfilo – poderia estar a fazer uma referência ao desempenho de Ian McKellen em *Sob Chantagem* (1998), de Bryan Singer, mas é mais previsível do que isso.

A narrativa, por várias vezes, encosta-se a um canto onde a única hipótese de seguir em frente passa por monólogos forçados acompanhados por *flashbacks*. Da primeira vez que tal acontece, toda a cena é forçada: da improvável presença de uma personagem em território estrangeiro até ao local da confis-



Esta é a primeira vez que Helen Mirren contracena com Ian McKellen

A MENTIRA PERFEITA

Reino Unido • Drama
• M14 • 109m

Video on demand



O VERSÁTIL
BILL CONDON

Musicais, muito Ian McKellen, vampiros melancólicos, Disney e sequelas de terror. Há um pouco de tudo na carreira de Bill Condon, o realizador e argumentista norte-americano. Destacam-se dois títulos: *Deuses e Monstros* (1988), pelo qual venceu o Óscar de Melhor Argumento Adaptado, e *Relatório Kinsey* (2004).

são, um apartamento, dizem-nos, “que nos deixaram usar”. Imaginemos, por uns breves segundos, o diálogo dessa cena que não existe:

“Olá, posso pedir emprestada a vossa casa? É que acredito que os lugares têm memória e quero desmascarar um senhor que anda a sair com a minha avó e acredito que, há 50 e tal anos, ele esteve envolvido num assassinato que teve lugar na vossa cozinha.”

“Claro que pode. Quando é que lhe dá jeito?”

Mas já fizemos mais do que nos é pedido. Porque a verdade é que *A Mentira Perfeita*, ao contrário daquela primeira cena no restaurante, prescinde da participação do espectador. Já não somos cúmplices nem vítimas, apenas recetores de informação.

São poucas as pistas e demasiadas as insinuações: começam a acumular-se as referências aos nazis e à II Guerra Mundial, a começar com uma ida ao cinema para ver *Sacanas Sem Lei*

A longa, extensa e ilustrativa explicação no fim é indiferente, não surpreende nem emociona, porque os segredos afinal nunca estiveram sequer à vista. É batota e, ainda por cima, previsível – vamos ser

honestos: ninguém contrata Helen Mirren para ela fazer de vítima ingénua.

Mesmo se a produção e a realização de Bill Condon garantem a competência que se espera, *A Mentira Perfeita* é uma oportunidade perdida. Ainda mais considerando que se trata da primeira vez que Mirren e McKellen – ambos com mais de 50 anos de carreira, muito palco, muito Shakespeare, ela com Óscar de Melhor Atriz por *A Rainha*, ele inesquecível em *Deuses e Monstros*, também de Condon, e popularizado já na terceira idade na saga *Senhor dos Anéis* – partilham a tela. A potencial comédia romântica prometia mais do que isto. ■

NUNO LOPES CHEGOU À NETFLIX –

O ator português, um dos protagonistas da nova série do criador de *La Casa de Papel* e dos produtores de *The Crown*, conta à

“NUNCA DESEJEI ter uma carreira internacional”, deixa escapar Nuno Lopes na videochamada com a **SÁBADO**, contra as aparentes evidências: dos seus 13 trabalhos desde a distinção de Melhor Ator em Veneza pelo seu papel de pugilista em *São Jorge* (de Marco Martins, de 2016), só quatro foram produções portuguesas: *País Irmão*, *Mar*, *Sara e Sul*.

Incongruência? Longe disso. O que o ator e DJ desejava era filmar, fosse onde fosse. E porque em Portugal se filma pouco (“consegui-lo é quase um milagre”), Nuno virou-se para fora. O seu projeto mais recente e o motivo desta conversa, *White Lines*, assinala a sua estreia a representar em inglês e espanhol, e promete. Criada por Álex Pina, o mesmo do fenómeno *La Casa de Papel*, *White Lines* chega à Netflix a 15 de maio pela mão da produtora de *The Crown*.

O enredo está ancorado no misterioso aparecimento do corpo de um DJ de Manchester há 20 anos desaparecido de Ibiza. Para descobrir o que lhe aconteceu, a irmã (Zoe Walker, interpretada por Laura Haddock, de *Guardiões da Galáxia*) viaja até à ilha espanhola célebre pelas discotecas, festas e excessos. Lá cruza-se com Boxer, isto é, com Nuno Lopes. “A minha personagem é um tipo que trabalha como chefe de segurança de uma família que tem vários clubes em Ibiza



DES WILLIE

e gere-lhes o negócio da noite – está ligado ao mundo das drogas, dos DJs e tudo mais, mas de certa maneira, e sem querer revelar muito, acaba por ser uma espécie de *outsider*.”

Na primeira cena em que aparece, Boxer está deitado na cama da discoteca onde vive. Acabado de acordar, ouve batida eletrónica e diz: “Odeio esta merda de música.”

“Isso diz muito”, conta Nuno, rindo-se: “Ele tem um lado sen-

O enredo está ancorado no misterioso aparecimento do corpo de um DJ de Manchester há 20 anos desaparecido em Ibiza. A irmã viaja até à ilha para descobrir o que aconteceu

sível e outro que vamos descobrir mais tarde... E por isso é que acho que ele se liga bem com a Zoe. Ambos são *outsiders* em relação a Ibiza.”

A ligação que Nuno refere estava presente na cabeça de Álex Pina desde o início. Tanto que depois de ter sido escolhido para participar no *casting*, de ter enviado uma *self-tape* (gravação em que o candidato interpreta uma cena a pedido da produção), de ter represen-

QUEM O PARA AGORA?

SÁBADO tudo sobre o seu papel em *White Lines*. Estreia a 15 de maio. Por Markus Almeida



HOLLYWOOD.
A NOVA SÉRIE DE
RYAN MURPHY

DO CRIADOR DE algumas das séries de televisão mais marcantes das últimas duas décadas, como *Nip/Tuck*, *Glee* ou *American Horror Story*, o argumentista, produtor e realizador Ryan Murphy, chega agora a *Hollywood*, na Netflix a partir de 1 de maio.

A série acompanha um grupo eclético de jovens que tenta singrar na meca do cinema no pós-Segunda Guerra Mundial. Entre injustiças, preconceitos e lutas de poder desiguais, estes aspirantes a estrelas de cinema depressa vão descobrir que não basta talento para conquistar o mundo. **◻**



A HERDADE QUE
DEU UMA SÉRIE

É POUCO FREQUENTE, mas por vezes um filme que seja um pouco mais demorado, finda a sua carreira nos cinemas, conhece nova vida recauchutado no formato minissérie. É o caso de *A Herdade*, de Tiago Guedes, com Albano Jerónimo e Sandra Faleiro, que retrata uma família de latifundiários ribatejanos desde os anos 40. A RTP mostra dois episódios a 30 de abril e outros tantos a 1 de maio, sempre às 21h45. E a partir de 26 de maio, a minissérie pode ser vista no *streaming* da HBO. **◻**



Alex Walker (*T-shirt* branca) é o DJ britânico que desapareceu em Ibiza há 20 anos

Nuno Lopes é Boxer, homem da noite de Ibiza que se cruza com Zoe Walker (Laura Haddock)

“A minha personagem é um tipo que trabalha como chefe de segurança de uma família que tem vários clubes em Ibiza e gere-lhes o negócio da noite”

Nuno Lopes já estava agenciado em França e Inglaterra, mas a distinção em Veneza revelou-se fundamental, como explica: “Falas a um produtor de um ator português muito bom e ele escuta-te, mas se disseres que ganhou um prémio no Festival de Veneza, ele escuta-te com mais atenção.” A partir daí Nuno resolveu parar com os projetos em Portugal e apostar em *castings* internacionais.

tado a mesma cena por Skype – do outro lado estavam Pina, um dos realizadores da série, e de ter enviado nova *self-tape*, eis que chegou à quarta fase do *casting*: “Fui a Londres fazer um *chemical test* com a atriz principal, Laura Haddock, para perceberem se tínhamos química, porque as nossas personagens passam muito tempo juntas. E pelos vistos tínhamos, porque fiquei.”

Houve uma época complicada, admite: “Estive meses parado e a recusar trabalhos cá, mas foi uma decisão que, ao que parece, correu bem.”

Depois de séries e cinema e em França, chega agora uma grande produção para a Netflix. A escala não tem comparação com o que conhecia. “Há muito mais dinheiro. Houve uma cena que não ficou bem, por isso regravámos-la uma semana depois...” Outro exemplo: “Disseram-nos que íamos fazer uma leitura, mas para não nos preocuparmos porque íamos ser só nós e algumas pessoas da Netflix.” Chegou ao hotel, ouviu o burburinho e pensou que, se calhar, estaria a haver uma convenção. Afinal... “Entreí e estavam 80 pessoas na sala. Já estreei peças de teatro para menos gente”, recorda.

White Lines monta estereótipos para depois os destruir. O papel de Nuno Lopes, que começa por parecer a típica criatura da noite, para depois ir mostrando novas camadas, é um exemplo disso. “Os primeiros 20 minutos são como aquela parte da subida na montanha-russa, um reconhecimento de quem é quem; mas quando entras na descida, a série releva-se uma loucura vertiginosa em que, a cada episódio, descobrimos coisas novas sobre as personagens”, conta: “Nesse sentido, é uma série exuberante, quase caleidoscópica, com um grupo de protagonistas – em que me insiro – e muita coisa a acontecer.” Surpreendente? Não: essa vertigem já é hábito nas criações de Álex Pina. **◻**



VENDER VERSOS À JANELA

A Poesia Incompleta é uma livraria dedicada em exclusivo à poesia. A pandemia fechou-lhe as portas, mas continua ativa - assim como as outras associadas da recém-criada ReLi - Rede de Livrarias Independentes.

Por Markus Almeida (texto) e João Cortesão (fotos)

DE PORTAS FECHADAS, mas com a janela – real ou a do *browser* – aberta para o mundo. O Estado de Emergência levou as livrarias a fechar portas, mas elas persistem, na Internet, através dos correios e, desde o início de abril, também em associação, com a ReLi – Rede de Livrarias Independentes, que lançou iniciativas e reivindicou medidas de apoio face à crise provocada pela pandemia.

Persistem através dos correios, dizíamos, e, no caso do livreiro Mário Guerra, também através da janela da sua Poesia Incompleta no bairro da

Depois do Príncipe Real, a Poesia Incompleta reabriu em 2018 na Lapa (R. de São Ciro, 26), Lisboa

Lapa, em Lisboa. “Os correios estão a fechar às 13h30, pelo que hoje já não posso fazer grande coisa”, lê-se num *email* recebido numa tarde de sexta-feira, em resposta a um pedido de encomenda, que termina assim: “Segunda-feira, posso mandar o livro. Ou, em alternativa, posso entregar-lhe aqui à janela da livraria.”

A impaciência juntou-se à necessidade de um passeio



Se a janela lhe for inacessível, pode contactar a livraria por telefone (215 981 035) ou *email* (poesia.incompleta@gmail.com)



“Percebo que alguém não goste de *sushi* ou de chanfana, mas ainda estou para conhecer uma pessoa imune à poesia”, diz Mário Guerra, da Poesia Incompleta

higiénico e, espreitando pela janela, lá o fomos encontrar, a fumar, na livraria dedicada à poesia que abriu em 2018. É a segunda encarnação da Poesia Incompleta: “A primeira versão existiu no Príncipe Real de 2008 a 2012. Depois fui-me casar para o Brasil.”

A ideia de incompletude ajuda a compreender o nome: “Quando fechei a outra livraria, ia em 59 línguas. Estive em



Uma encomenda às cegas de €30: *Uma Faca nos Dentes*, de António José Forte; *Eu, o Povo*, de Mutimati Barnabé João; e *Terceira*, de Nuno Moura

quatro continentes e nunca vi uma livraria assim. Mesmo que agora me dessem 700 mil euros não ia conseguir fazer uma poesia que não fosse incompleta, porque há coisas que se perderam, edições que deixaram de existir.”

Mário avisara que, se não estivesse na loja, estaria nos Correios, a dois minutos dali. Quando não está a expedir livros, está a encomendá-los, a catalogá-los e a fotografá-los para as redes sociais; ou a atender telefonemas de clientes, a responder a *emails*. Isto tudo com as portas fechadas. Estivessem abertas, é certo que ali veríamos gente – clientes habituais, novos ou apenas curiosos. São estes que prefere. “Costumo dizer que, se fosse padre, queria falar com quem não é religioso. Não me interessa falar para convertidos.”

Converter quem não gosta de poesia é o que verdadeiramente lhe dá gozo. “Quando me dizem isso, que não gostam de poesia... Não quero obrigar ninguém a gostar, mas duvido sempre. É impossível não haver um tipo de poesia que agrade. É como dizerem que não gostam de comer. Percebo que alguém não goste de *sushi* ou de chanfana, mas ainda estou para conhecer uma pessoa imune à poesia. O problema é que não somos expostos a ela.”

Uma vez estava alguém na livraria a dizer que gostava era de futebol. De pronto, Mário foi buscar *Un Balón Envenenado*, uma antologia espanhol

A iniciativa Livraria às Cegas, da associação ReLi, desafia os leitores a escolherem um livreiro e a pedir-lhe livros “de olhos fechados”, a partir de €15

la só com poemas sobre futebol. “Estive a ler-lhe alguns – há um soneto que se chama *Iniesta Mais 10* – e ele ficou varado. Disse-me algo que já ouvi muitas vezes: ‘Se eu soubesse que isso era poesia...’”

Por estes dias de pandemia, há clientes da Poesia Incompleta que desconhecem que poemas o carteiro lhes leva. A culpa é da iniciativa Livraria às Cegas, da associação ReLi, que desafia os leitores a escolherem um livreiro da sua rede de associados e a pedir-lhe livros “de olhos fechados”, a troco de um pagamento mínimo de €15. Numa encomenda de €30, para converter os descrentes, Mário incluiria Emily Dickinson (“teve uma vida muito retorcida”), Camilo Pessanha (“extraordinário”) e Manuel de Freitas (“tem 40 e tal livros”). Quanto maior o valor, maior o peso da encomenda.

Dezenas de livrarias de norte a sul do País aderiram. Saiba quais em www.reli.pt e, seja poesia ou prosa, leia. ◻

QUEM, COMO, ONDE,

As respostas dadas pelos detetives às questões colocadas nos problemas já publicados, confirmam aquilo que já esperávamos: uma boa parte dos confrades não têm a prática da decifração!

É EVIDENTE QUE AQUELES QUE NOS ACOMPANHAM

há mais tempo, que mesmo sem responderem em competição, já estão por dentro dos mecanismos da investigação policiária, partem para estes torneios com evidente vantagem.

Longe de ser uma fatalidade, é bom recordar que já todos passámos por esta fase, algures no início da nossa vida policiária e foi necessário aprendermos com os que já por cá andavam e aproveitar bem as “dicas” que iam aparecendo.

Pois bem, detetives, os problemas policiários são apenas e só contos de índole policial, onde há sempre um mistério para desvendar. O autor do desafio vai-nos dando a história, descrevendo o ambiente, a ação e as personagens, culminando com uma situação que requer uma resposta, que apenas pode ser obtida nos dados fornecidos ou conhecidos.

Digamos que haverá dois tipos de dados que nos servem para a decifração: os elementos de conhecimento geral e os de conhecimento específico.

Os de conhecimento geral são os constantes da nossa cultura geral, aqueles que identificamos com naturalidade como anómalos face ao nosso conhecimento. Se um autor coloca um investigador nos Andes à procura da Estrela Polar para se orientar, é lógico que facilmente detetamos que ali há um falso facto, a Estrela Polar só é

visível no Hemisfério Norte! Da mesma forma, se, por exemplo, um dos suspeitos referir que assistiu a um eclipse da Lua em determinada data, em que ela estava em fase de Lua Nova, facilmente encontramos a falsidade, para haver eclipse é necessário que esteja em Lua Cheia! Da mesma forma, se um suspeito dá pormenores que não podia conhecer, por exemplo, que a morte foi causada por um tiro, sem que ninguém referisse esse facto! Ou seja, o conhecimento que faz parte

da nossa cultura geral e do senso comum é usado naturalmente para desmascarar um dos suspeitos, sendo suficiente para a sua confrontação com a realidade.

Quanto aos conhecimentos específicos, esses já têm a ver com a técnica de investigação e são mais difíceis de adquirir. Podem ser relativos a impressões digitais ou armas de fogo, venenos ou pegadas, manchas ou pequenos indícios aban-

donados no local do crime, escritas invisíveis ou criptografadas e que são importantíssimos para a descoberta e posterior acusação do criminoso. Aos poucos, vamos falando destes assuntos, a propósito ou não do seu aparecimento em problemas, mas sempre numa ótica de investigação mais tradicional, usando os meios que encontramos nos romances policiais, bem mais românticos e próximos do investiga-



TEMOS DE TER ESPÍRITO MUITO CRÍTICO E SELETIVO, PORQUE NÃO HÁ CRIMES PERFEITOS NEM CRIMINOSOS INFALÍVEIS!

QUANDO E PORQUÊ?

Policiaristas em Coimbra

A tertúlia da cidade do Mondego editou o *Intelecto* e promoveu debates e conferências

dor particular do que as grandes máquinas e estruturas digitais de que os CSI dispõem e nos exibem a todo o momento nas séries televisivas.

De qualquer forma, os detetives terão de dar resposta às questões que cada problema coloca, tentando sempre responder a: QUEM terá cometido o delito? COMO terá agido e acontecido? ONDE aconteceu a situação? QUANDO é que esse facto ocorreu? PORQUÊ, qual a razão para o cometimento daquela ação?

Nem sempre conseguimos responder cabalmente a todas as questões, até porque os nossos problemas têm um tamanho limitado que não permite colocar todas as situações, mas devemos, por princípio, tentar responder a todos os quesitos, para termos a certeza de que estamos no caminho certo.

Depois, depois temos a nossa intuição! Que é também uma peça importante! Com a prática adquirida, essa intuição vai-se aprimorando e muitas vezes a meio da leitura do problema já está acesa a luzinha que nos vai conduzir à decifração!

Mas isso, só com muito trabalho e perseverança, nunca desistindo, lendo muitos policiais e, claro, olhos e ouvidos bem abertos, nunca aceitar conclusões retiradas por outros, espírito muito crítico e seletivo, células cinzentas em ebulição, porque não há crimes perfeitos nem criminosos infalíveis! E quanto mais inteligente for o desafio e o criminoso, mais gozo dá desmascará-lo!

Garantia do Inspetor Fidalgo! ■



TERTÚLIA POLICIÁRIA DE COIMBRA

Em 5 de abril de 1993 foi fundada em Coimbra uma das tertúlias policiárias que mais se destacou, pela sua organização e estruturação, funcionando na sede do Ateneu de Coimbra, em plena alta da cidade, junto à Sé Velha.

Para além da exemplar organização anual do tradicional convívio policiário, que servia, também, para fazer a distribuição dos prémios ganhos ao longo das épocas policiárias, editou uma publicação, *Intelecto*, promoveu debates e conferências, a par da clássica participação nas competições policiárias, onde os seus membros marcavam sempre posições de destaque.

Com uma formação inicial composta pela Aspa, a Bmi, o Flo, o Hortonólito, o Insp. Tucuruí e o LS, logo se viu reforçada com outros policiaristas.

Recordação para um colóquio no Ateneu, que durou várias horas, tal foi o interesse que despertou, entrando pela noite dentro e que contou com a presença militante do saudoso Sete de Espadas, o grande responsável pela divulgação deste passatempo, em múltiplas publicações, com destaque para o Camarada, o Cavaleiro Andante, o Mundo de Aventuras e, claro, as suas criações principais, o XYZ Magazine e a Glória.

Depois, noite alta e com as emoções ao rubro, com uma despedida calorosa, acabámos por pernoitar na Figueira da Foz e só depois seguimos para Lisboa, com uma paragem no Porto Alto para umas enguias, que o Sete apreciava sobremaneira.

No próximo ano, quando se cumprir o centenário do seu nascimento, teremos a oportunidade de homenagear este vulto ímpar do Policiário em quem, uns mais outros menos, todos bebemos este gosto pelo mistério, pela aventura, pela decifração de enigmas, pela investigação criminal, mas também pelo convívio, pela amizade e pela camaradagem! ■

PRAZO PARA A PROVA 3, ACABA HOJE!

Termina hoje o prazo para envio das propostas de solução dos dois problemas deste mês de abril, da prova nº 3 do Torneio SÁBADO Policiário 2020.

O endereço lumagoges-soa@gmail.com está à espera das respostas até à meia-noite de hoje, podendo haver a opção da via postal para Luís Pessoa, Estrada Militar, 23, 2125-109 MARINHAIS.

Tal como aconteceu com a prova nº 2 e enquanto durarem os constrangimentos relacionados com a pandemia que nos assola, publicamos no blogue SÁBADO Policiário, em sabadopolicario.blogspot.com os problemas para decifrar, dando assim a hipótese a todos os detetives de marcarem presença no torneio, mesmo quando longe dos seus locais normais de trabalho. Recomendamos a todos os detetives que se mantenham atentos ao blogue, onde vão passando as notícias mais atuais do Policiário e onde já constam as classificações das duas primeiras provas. Os comentários estão livres e abertos à participação de todos. ■

Quebra-cabeças **ABRE-TE CÉREBRO!**

Para os dias de quarentena, a **SÁBADO** republica em várias partes os problemas da autoria de Manuela Vidal, Manuel Domingos e José Ribeiro Gonçalves



1 Qual o fruto que, mesmo virado ao contrário, se mantém sempre igual e na mesma posição?

2 Elisabete tinha uma caixa com biscoitos. Depois de comer um, deu metade do que restou à irmã Aldina. Após comer outro, deu a metade do que restou à sobrinha Noémia, ficando com cinco biscoitos. Quantos biscoitos tinha Elisabete inicialmente?

3 Quando é que D. Dinis casou com a Rainha Santa Isabel?



4 Descubra uma parte do corpo que corresponde a um anagrama de um tipo de papel muitas vezes usado para envolver um ramo de flores.

5 Depois de comprar medicamentos numa farmácia, Rodolfo recebeu numa farmácia, Rodolfo recebeu €0,41 de troco. Considerando que ele recebeu seis moedas e que apenas três eram iguais, qual o valor das moedas?

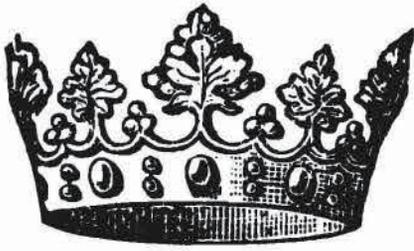
6 Qual é o herói da mitologia grega que faz parte do nosso corpo?



7 Descubra o próximo número desta sequência: 0, 1, 1, 2, 3, 5, 8...

8 Antes de uma corrida, três atletas, Celeste, Cândida e Cláudia, faziam apostas sobre a ordem de chegada à meta. “Se sou a última, a Cândida não será a primeira e se sou a primeira, a Cândida não será a última”, disse Celeste. “Se não sou nem a primeira nem a última, a Celeste não chegará antes de Cláudia”, respondeu Cândida. “Se sou a última, a Celeste não chegará depois de Cândida e se sou a primeira, a Celeste não chegará antes de Cândida”, contrapôs Cláudia. Qual a ordem provável de chegada das três atletas?

9



Numa aula de História, o professor Hermano decidiu testar os conhecimentos dos alunos trocando os cognomes de 12 Reis portugueses. Para isso, dirigiu-se ao quadro e escreveu o seguinte: D. Afonso Henriques, O Desejado; D. Afonso II, O Venturoso; D. Dinis, O Reformador; D. Pedro I, O de Boa Memória; D. Fernando, O Conquistador; D. João I, O Justiceiro; D. Duarte, O Popular; D. João II, O Eloquente; D. Manuel I, O Lavrador; D. Sebastião, O Príncipe Perfeito; D. José I, O Gordo; D. Luis, O Formoso. Ajude os alunos do professor Hermano e tente associar, corretamente, os Reis e os cognomes por ele referidos.

10 Qual é o algarismo das unidades do número N se:
 $N = 1 \times 3 \times 5 \times 7 \times 9 \times \dots \times 999$?

11

Para que a frase “todas as cerejas são doces” seja falsa, basta que:

- Todas as cerejas sejam doces.
- Todas as cerejas não sejam doces.
- Nenhuma cereja seja doce.
- Alguma cereja não seja doce.
- Alguma cereja seja doce.



12

Qual destes objetos não pertence a este conjunto? Caneta, esferográfica, lápis, lapiseira e marcador.

13 No ano 2010, no dia de seu aniversário, a avó Jesuína disse ao neto Ivo: “Eu nasci no ano x^2 e completei x anos em 1980. Quantos anos faço hoje?”



14 Albano e Albino são irmãos, mas Albino tem um sobrinho que não é sobrinho de Albano. Porquê?

15 Quais são as palavras portuguesas que se podem formar, utilizando somente as letras A, E, L, S, V, em simultâneo e sem repetições?

16

Em 31 jogos, a equipa de futebol do Estoril Praia ganhou 8 jogos mais do que perdeu e empatou 3 jogos menos do que ganhou. Então, quantos jogos venceu?

Quebra-cabeças 

17 Adalberto tem quatro relógios, mas apenas um indica a hora certa. Dos restantes, um adianta dois minutos em cada hora, outro atrasa três minutos em cada hora, e até há um que não funciona.



10h55



11h10



11h25



11h45

Sabendo que Adalberto acertou hoje os três relógios que funcionam, indique o relógio que não funciona, o que se atrasa, e o que está certo.

20 Qual destes frutos não pertence a este conjunto? Ananás, banana, coco, papaia, manga, abóbora e mamão.

18

Se reorganizar as letras "ECNIPEH" obterá o nome de um oceano, país, cidade ou animal?

19 Glória e Goreti adoram viajar. Descubra, nesta sopa de letras, 10 dos países que as duas amigas já visitaram.

J	C	I	O	H	A	A	G	A	G
G	A	B	R	A	S	I	L	G	O
O	H	N	I	M	D	T	U	U	T
A	S	U	E	C	I	A	H	O	U
I	U	B	S	M	D	L	I	V	R
C	I	J	P	I	A	I	S	O	Q
E	C	V	A	C	N	A	R	F	U
R	A	N	N	L	R	V	A	T	I
G	A	A	H	N	A	M	E	L	A
A	M	A	A	E	M	A	L	D	T

1 Anora. Lê-se da mesma maneira nos dois sentidos; da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, e mantém a mesma posição (anagrama). **2** Inicialmente, Elisabete tinha 23 biscuitos. Elisabete comeu 1 biscuito e deu 11 biscuitos à irmã (metade de 22). Dos 11 restantes, comeu 1 e deu 5 à sobrinha (metade de 10). Logo, sobram 5 biscuitos. Ou seja: começou por dar à sua irmã: $(x - 1) / 2$. Depois, deu à sobrinha: $(x - 1) / 2 - 1 = (x - 3) / 4$. Se $(x - 3) / 4 = 5$, então $x - 3 = 5 \times 4$, $x - 3 = 20$, $x = 23$. Nunca. Em rigor, D. Dims casou com a Princesa Isabel de Aragão. Esta só se tornou Rainha quando casou com ele e apenas foi canonizada no século XVIII. **4** Ceifanê. É um tipo de papel. Logo, a resposta é "encéfalo". **5** Rodolfo recebeu três moedas de €0,10, duas de €0,05 e uma de €0,01. **6** Aquiles (Tendão de Aquiles). **7** 13. Cada termo é igual à soma dos dois anteriores. Logo: $5 + 8 = 13$. **8** 1ª Cláudia; 2ª Cándida; 3ª Celeste. Através da primeira e da terceira afirmação, verificamos que Cándida será a 1ª e que Celeste será a 3ª. **9** D. Afonso Henriques, O Conquistador; D. Afonso II, O Gordo; D. Dims, O Lavrador; D. Pedro I, O Justiciero; D. Fernando, O Formoso; D. João I, O de Boa Memória; D. Duarte, O Elreque; D. João II, O Príncipe Perfeito; D. Manuel I, O Venturoso; D. Sebastião, O Desajado; D. José I, O Reformador; D. Luís, O Popular. **10** O Algarismo das unidades é 5. $N = 5 \times 7 \times 9 \times \dots \times 999 \times 1 \times 3$. Observe que todos os números são ímpares. O produto de qualquer número ímpar por 5 é um número cujo algarismo das unidades é sempre 5. **11** A quarta afirmação: "Alguuma cereja não seja doce". **12** Lápis, por ser o único objeto que se escreve do mesmo modo no singular e no plural. **13** Em 2010, a avó Jusulina festejou os 74 anos. Se ela nasceu num ano x^2 e está a colocar esta questão ao ano em 2010, deve ter uma idade x que seja compatível com uma data de nascimento razoável. Ora, verifica-se que 44 ao quadrado dá 1936, donde se extrai que, em 1980, ela tinha 44 anos e em 2010, ela é em 2010, 74 anos. Ou seja, 1980 - $x^2 = x$ (já que ela nasceu no ano x^2 e, em 1980, tinha x anos). Donde resulta: $-x^2 - x + 1980 = 0$, e $x = 44$. Então, em 1980, ela tinha 44 anos e 30 anos depois, festejou 74 anos. **14** Forquê é filho de Albano, Alves, Elvas, Leves, Salve, Sálve, Selva, Vales, Valse e Velas. **16** Venceu 14 jogos. Considerando que $V =$ Vitória; $D =$ Derrota; $E =$ Empate; $31 = V + D + E$, $V = D + 8$, $E = V - 3$, isolando a constante V , obtemos: $V + (V - 3) + (V - 3) = 14$, $D = 11$, $E = 11$. **17** O relógio que não funciona marca 11h10, o que se atrasa 10h55, o que se adianta 11h45 e o que está certo 11h25. Temos: $A = = 10h55$; $B = 11h10$; $C = = 11h25$; $D = 11h45$. Diferença entre A e $B = 15$ min.; Diferença entre A e $D = 50$ min.; Como a diferença entre o relógio que se atrasa e o que se adianta é de 5 min., a cada hora, concluímos que os relógios A e D foram acertados há 10 horas ($5 \times 10 = 50$). Logo, A atrasou 30 min. e D adiantou 20 min. Assim: $10h55 + 0h30 = 11h25$ Portanto, o relógio C marca a hora certa, o relógio A atrasa-se, o D adianta-se e o B não funciona. Podemos ainda concluir que Adalberto acertou os três relógios que funcionam à 11h25. **18** Cidade (Peniche). **19** Alemanha; Brasil; Espanha; França; Grécia; Israel; Itália; Suécia; Suíça; Turquia. **20** Manga, por ser o único fruto cujo nome não repete consoante e vogal.

Como se proteger na quarentena



L

Isabel Lambrim

Almada

(...) É realmente muito complicado conseguirmos manter rotinas com estes dias de quarentena sempre iguais (...). Tem sido difícil que os meus filhos larguem o pijama, mesmo agora com a escola, é uma luta constante para que mantenham regras e horários (...). Pensava que era a única pessoa que tinha insónias e acordava a meio da noite com vontade de ir ver televisão ou arrumar a estante da sala, mas já vi que não estou sozinha. (...) Obrigado à **SÁBADO** pelas dicas (aquela de escrever as preocupações resulta mesmo).

L

Maria Odete Ruiz

Torres Vedras

Entrevistas interessantes

A **SÁBADO** tem conseguido apresentar temas interessantes. Nesta edição, quero destacar trabalhos como aquele sobre o isolamento social, com particular relevo para a análise dos problemas da ansiedade e depressões e a forma como o confinamento pode agravar a dor crónica (...). Também gostei muito de ver as entrevistas ao historiador João Pedro Marques e ao pediatra Nuno Lobo Antunes (...). Os abusos sobre as crianças vão de certeza aumentar (...) e também a violência doméstica, mas só lá mais para a frente é que vamos ter a noção exata do que aconteceu neste período de confinamento. (...) A entrevista ao futebolista Cândido Costa também é interessante (...), nem todos os jogadores assumem que só não foram mais longe por culpa deles. É rara essa sinceridade.

L

David Soares

São João da Madeira

A economia não pode parar

(...) Portugal não pode continuar mais um ano parado, com as pessoas em casa (...), tem de haver produção, consumo. Na minha zona as fábricas nunca param, têm mais cuidados, mas continuam (...). A estratégia de confinar as pessoas nem está a ter grandes resultados, porque se virmos os números da Covid-19, há todos os dias 500, 600 casos (...). Onde está aquela história de que fomos ter um pico e depois caíamos? (...).

L

Joaquim Martins

Lisboa

Deixaram de ter fé?

Tive conhecimento de que as atividades religiosas em Fátima, nomeadamente a procissão das velas, não estavam autori-

zadas. Será que as autoridades religiosas portuguesas perderam a fé em Cristo e em N^a Senhora? Será que deixaram de acreditar nos seus milagres? Será que quem fez promessas a N^a Senhora estará impedido de as cumprir por quem até agora tinha o dever de as apoiar? (...) Será que os verdadeiros crentes já não acreditam que é a fé que nos salva, inspirando e influenciando os cientistas e pessoal dos serviços de saúde, como intermediários ou atuando no nosso corpo? Por mim, continuo a acreditar e tenho fé de que havemos de vencer.

L

Armando Afonso

Gondomar

Não é preciso subvenções

O primeiro-ministro, referindo-se ao auxílio que deveria ser dado pela UE, afirmou que se fosse ele quem mandasse “distribuiria subvenções”. (...) Senhor primeiro-ministro, uma empresa individual a produzir é a principal base da nossa economia. E porquê? Porque normalmente associada a ela está pelo menos um colaborador, esposa e um filho, o que representa com a sua família um total de seis cidadãos que, multiplicados por milhares de pequenas empresas, representam milhares de cidadãos que o satisfazem pelo pagamento dos seus impostos (...). Ora, o que é preciso não é fazer subvenções, nem moratórias nem facilitar os empréstimos bancários (...). O que é preciso é possibilitar a estas pequenas empresas trabalhar, viver, criarem riqueza, pois é isso que, se os deixarem, eles muito bem sabem fazer (...).

L

Pedro Azevedo

Matosinhos

O exemplo holandês

(...) A Holanda decidiu terminar o campeonato de futebol. (...) Não vai haver campeão nem subidas ou descidas, mas o acesso às provas europeias faz-se pela classificação atual. O Ajax entra direto na Liga dos Campeões e o AZ (com os mesmos pontos do Ajax) vai à pré-eliminatória. (...) O que aconteceria cá se decidissem isto? Uma guerra, de certeza (...). O Sporting voltou aos treinos e Benfica e FC Porto regressam em breve. Há que jogar, nem que morra alguém. ■

CUIDADOS INTENSIVOS

Para os verdadeiros democratas, o 25 de Abril é um dia “inteiro e limpo”. Para os camaradas, é o princípio de uma derrota. Vê-los, hoje, como donos da data e avaliadores da pureza democrática alheia até seria cómico se não fosse tão pornográfico

C Calamidades

O ESTADO DE EMERGÊNCIA vai chegar ao fim no próximo sábado. Problemático? Não devia. A nossa luta contra o bicho tem sido um sucesso – ou, para usar a palavra da moda, um “milagre”. E os portugueses, como sempre, têm sido “exemplares” no sacrifício e na disciplina. Onde, para quê suspender direitos fundamentais quando estamos na presença do melhor povo, e do mais bem preparado SNS, do mundo?

Claro que, para sermos honestos, existe uma outra versão das coisas. Uma versão onde a luta não tem sido um sucesso – há demasiados infectados e mortos por milhão de habitantes, sobretudo quando nos comparamos com países europeus da nossa dimensão e riqueza – e o SNS só tem aguentado porque milhares de portugueses com doenças potencialmente fatais têm sido enxotados para um canto. Mas como enfrentar esta verdade, que no limite até poderia justificar um renovado estado de emergência, quando a propaganda maciça tem sido de sinal contrário?

A solução para este *cul-de-sac* passa, como se tem soprado por aí, por decretar a situação de calamidade depois de 2 de Maio. A ideia é continuar com as vantagens do estado de emergência sem pagar as correspondentes desvantagens políticas.

Para além da eventual inconstitucionalidade da medida, ela deixa à mostra o que a classe reinante fez – e, sobretudo, o que não fez: aproveitar o mês e meio de exceção constitucional para preparar o País, e o SNS, para o regresso possível à normalidade.

A SPECTATOR chegou ao número 10 mil. É a mais velha revista do mundo, fundada em 1828, embora existisse uma versão anterior, em 1711, que só durou um ano. Pessoalmente, e a par do melhor do jornalismo brasileiro, foi a minha escola de formação na exacta idade em que eu precisava de uma.

Formação estilística, sim, mas também política: na adolescência, há quem marche por causas autoritárias – uma infecção intelectual que raramente se cura.

Na minha adolescência, eu fui inoculado contra esse vírus e desenvolvi as defesas contrárias: um instinto quase anarquista que me leva a recusar, ou a parodiar, as solenidades do poder político.

Há desvantagens: nem tudo é um carnaval permanente e há momentos em que o tom de sátira se aproxima do hábito lamentável de contar anedotas em funerais. Mas, por outro lado, o que seria de nós sem essas anedotas como forma de aliviar tristezas? A *Spectator* era assim: enquanto o jornalismo *mainstream* preferia as platitudes da praxe diante do caixão (“É a vida, temos de aceitar...”), a *Spectator* era aquele familiar inconveniente que sente o apelo do

palco (“Sabem aquela do anão que foi ao funeral da sogra...”).

A *Spectator* sempre soube combinar, em doses certas, a inteligência, o humor, o abuso e a excentricidade. Uma publicação que tenha apenas uma dessas virtudes já seria recomendável. Ter as quatro ao mesmo tempo é um milagre. Semanal e centenário. Brindo a isso.

PASSOU MAIS UM 25 DE ABRIL e a única coisa relevante que a data nos trouxe foram dois textos excelentes de Rui Ramos no *Observador*. Para começar, a adoração da extrema-esquerda pela data é um caso de revisionismo fraudulento. A queda da ditadura foi uma libertação? Foi. Mas enquanto o PS, o PSD e o CDS viram uma oportunidade para aproximar o País das democracias de tipo ocidental, a extrema-esquerda preferia o caminho mais virtuoso da Roménia ou da Albânia. Quem impediu isso?

Muita gente. Mas o segundo artigo lembra, em particular, os “eleitores de Abril”: foram eles que, em 1975, puseram os camaradas no seu devido (e minoritário) lugar.

Para os verdadeiros democratas, o 25 de Abril é um dia “inteiro e limpo”. Para os camaradas, é o princípio de uma derrota.

Vê-los, hoje, como donos da data e avaliadores da pureza democrática alheia até seria cómico se não fosse tão pornográfico. □

Texto escrito segundo o anterior acordo ortográfico



Político, escritor
João Pereira Coutinho



JOSE SENA GOULAO/EPF

NESTE NÚMERO

BONITA SEM SAIR DE CASA

TRUQUES E CUIDADOS
DE BELEZA QUE
FAZEM (AGORA)
TODA A DIFERENÇA



PVP: ~~entre €15 a €20~~

JARDINS ENCANTADOS
A magia dos **sprays**
perfumados para casa
Private Collection
da **Rituals**

Revista | **€5**
+Brinde



**Já nas bancas! Ou faça hoje a sua assinatura
e receba a Máxima comodamente em sua casa.**